

Domingos Pellegrini

As batalhas do CASTELO



IMPRESSÃO

Moderna

DOMINGOS PELLEGRINI

As batalhas do Castelo

6ª edição

ilustrações de
Rogério Borges

Coleção Veredas



SUMÁRIO



1. A herança real

Mais ou menos lá pelo meio da Idade Média, mesmo o reino mais medíocre tinha seus castelos, suas cortes com príncipes e princesas, duques e condes, viscondes e arquidukes e assim por diante, todos com seus criados e pagens, amas e babás, cachorros e cavalos, pombos e falcões. As cortes eram protegidas por cavaleiros, tropas de arqueiros e lanceiros, todos alimentados, por pelotões de cozinheiros e padeiros, nos castelos cercados de ovelhas e pastores, as ovelhas engordando para morrer e os pastores tão magros que nem pareciam viver.

A vida não era muito alegre e fácil lá pelo meio da Idade Média, mas mesmo a menor das cortes tinha seus artistas, que viviam de divertir os poderosos: músicos, poetas, pintores, dançarinos, atores, sempre borboleteando em volta dos banquetes, elogiando a feiúra das marquesas, desmanchando com graças a carranca dos barões, alisando com pincéis as rugas dos reis, tocando sempre as músicas que mandavam tocar, dançando até os ossos estalarem de velhice. E mesmo a corte com menos artistas tinha também seu bobó, que não era tido como artista e, no entanto, não devia ser nada bobó.

Pois mesmo na mais escura das cortes os cortesãos se julgavam muito iluminados, sensíveis e inteligentes mas, entre um poema e uma dança, entre um recital e uma tragédia — ou mesmo depois duma comédia — o que mais

gostavam era de rir de algumas bobices. O bobo da corte tinha de inventar todo dia novas piadas, trejeitos de outros jeitos e caretas com outras caras — senão a corte se zangava, o rei erguia um dedo e pronto: era uma vez um bobo, virava ajudante de cozinheiro ou limpador de urinóis (ainda nem existiam privadas, mas prisões existiam já há muito tempo e, se o rei quisesse, podia até mandar o bobo passar a pão e água o resto de seus dias).

Na escuridão das prisões, nos porões dos castelos, ratos do tamanho de gato engordavam disputando com os presos cada pedaço de pão; e cada pão vinha de trigais plantados por homens miúdos de fome e de tristeza; e nos moinhos o trigo era moído por outros homens, cansados de viver só para moer trigo; e depois, nas cozinhas, a farinha era amassada por cozinheiras que cozinhavam para tantos e mal tinham tempo de comer; e assim os castelos se erguiam sobre os ratos e o ódio das prisões, e os reinos se sustentavam com suor e lágrimas. Até por isso, vendo todo dia tanta tristeza e miséria nos campos e nas praças dos castelos, à noite, os cortesãos queriam mais luxo e mais alegria, mais vinho e mais comida, mais arte dos artistas e mais bobice do bobo da corte.

Por isso, era difícil um bobo chegar à velhice sempre se renovando para agradar à corte. Mas aconteceu que num reino, quase esquecido de tão distante e até um tanto reles de tão pobre, um bobo foi tão bobamente esperto que o Rei, antes de morrer, resolveu deixar para ele um castelo. Queria que o bobo tivesse sua corte e até seu próprio bobo, e vivesse do trabalho de seu próprio povo e, como um rei, tivesse sobre todos direito de vida ou morte.

Morria o Rei no dormitório real — um salão tão grande que, entrando ali pela primeira vez, o Bobo precisou procurar a cama perdida entre tantas rodas de conversas e sussurros, barões e duques cocando barbas e cavanhaques com temores e preocupações, duquesas e marquesas rodando saias em choro e consolações à rainha e às . princesas. Lá num canto morria o Rei, enredado nas rezas dos padres e espetado e apalpado por médicos e curadores da corte e dos reinos vizinhos. De um lado da cama estava o Príncipe Mais Velho, já com uma mão sobre a coroa no criado-mudo. Do outro lado da cama, o Príncipe Mais Novo olhava o irmão, já com a mão na espada, pronto para lutar pela coroa. Há tempos o Bobo via a discórdia crescer entre os príncipes conforme cresciam e mais se afastavam um do outro, com pequenas cortes próprias que trocavam calúnias e transavam intrigas por todos os corredores do castelo. Se um gostava de caçar, o outro, de pescar; se um gostava de comer, o outro gostava de beber; um gostava de armas, o outro, de arte, e assim por diante.

Morria o Rei enquanto os médicos discutiam, os curadores se acotovelavam, os padres benziavam — e, com tanta gente em volta, morria até por falta de ar. Mas de qualquer modo morreria, tão velho já estava; no entanto ainda sorriu ao ver o Bobo, e mais sorriria se uma dor não entortasse a boca e um engasgo não arregalasse os olhos. Estava nos últimos suspiros e foi ao Bobo que falou as últimas palavras:

— Meu Bobo (e suspirou)...

— Às ordens, Majestade

— Majestosa é vossa graça (mais um suspiro) e merecido será vosso descanso (suspiro): de hoje em diante, não serás mais bobo de ninguém. ?

E estendeu um papel que ficou tremendo no ar antes do Bobo pegar — e leu chorando, pela primeira vez, diante da corte: com a última assinatura do Rei e com todas as letras, vírgulas e pontos-e-vírgulas, o Bobo passava a ser Duque da Santa Graça, com direito a castelo e terras, artistas e serviçais, povo e animais, podendo ele mesmo formar sua corte.

— Vós — cada vez o Rei parecia suspirar pela última vez — vós podereis até ter vosso próprio bobo...

O Bobo disse que tudo faria para honrar tamanha honraria, mas um último pedido ainda queria fazer — e então um murmúrio correu pelo salão, foi em ondas de sussurros até as últimas paredes e voltou já em vozerio de indignação: quem pensava que era aquele bobo? um príncipe, para pedir ainda mais a um rei morrendo?! pois se nem eles, que tanto tinham a pedir, conseguiam um minuto de atenção de Sua Majestade, que poderia um bobo querer mais?!

— Quero apenas que me permitas, Majestade, ser bobo ainda por mais um dia, mas na praça, no campo, para o povo!

— Que seja — o Rei concordou com um sorriso e com o último suspiro.

Por um mês não se ouviu música nem trepidaram as mesas dos banquetes; nem houve festas nem se viu outra cor além do negro no castelo; e, com as chuvas de outono, até o tempo parecia estar de luto. Então os coletores de impostos aproveitaram tanta tristeza para apresentar ao povo as contas do funeral do Rei. Tinha sido um funeral e tanto, com tantos convidados e cerimônias que agora era preciso aumentar os impostos. Os coletores correram o reino de ponta a ponta, catando até os últimos ovos e moedas, mandando tosquiar os carneiros mesmo tão perto do inverno, e filas de carroças de lã encheram as estradas, e carroções de trigo abarrotaram os armazéns do castelo. Quem tinha duas vacas teve de entregar uma para virar salame nas cozinhas do castelo. Assim o povo obrigatoriamente sofreu pelo

Rei — mas, no primeiro dia depois do luto, quando os coletores de impostos ainda limpavam das botas o barro do Reino, os cachorros e cavalos acordaram com música na praça e a gritaria do Bobo:

*Hoje é dia de alegria!
Por mais dias que se faça
jamais se verá de novo
o dia em que — de graça! —
um duque desce à praça
dançando e cantando ao povo!*

E dançava e cantava o Bobo com tanta graça que o povo nem acreditava; riam até esquecidos de cobrir com a mão os dentes podres, e logo começaram a bater palmas, a bater os pés e depois a dançar, e dançando e cantando foram atrás do Bobo pelos campos. Os camponeses saíam das choupanas como ratos: primeiro tiravam para fora só o nariz, espiavam, ouviam, esfregavam os olhos — e não viam soldados nem coletores, nem as carroças de impostos que chegavam vazias para voltar cheias, caravanas e caravanas de carroças.

Agora viam só uma carroça mas cheia de músicos, aquele palhaço à frente com piruetas de menino, e atrás, o povo do castelo enlouquecido de alegria, até cachorros festejando e até os cavalos com olhos novos. Então os camponeses saíam das choupanas como só tinham saído uma vez naquela vida, quando passou um cometa e todos ficaram unidos no mesmo espanto de olhos no céu. Agora se uniam na alegria e, quando passou o último cachorro do castelo, o primeiro cachorro do campo seguiu atrás, e atrás foram também as crianças, os homens e as mulheres, um cordão dançante se desenrolando reino afora, até que a noite desceu e todos voltaram cansados para as choupanas, os porões, a vida de sempre e de todo dia. Os meninos, no entanto, então cresceriam diferentes, esperando alegria mais vezes, sonhando com uma vida alegre.

No dia seguinte, o Bobo foi chamado pelos príncipes. A corte continuava dividida em duas, a maior parte em volta do Príncipe Mais Velho, que logo seria coroado rei, e uma roda menor em redor do Príncipe Mais Novo, que continuava de olho no irmão e mão na espada.

— Chamamos o Duque à nossa presença — começou o Príncipe Mais Velho — para que se cumpra o último desejo de nosso pai.

O Bobo estranhou o Príncipe Mais Novo concordar:

— O Duque deve ter seu castelo e seu ducado, com terras e gente, animais e serviçais. Porém...

O Príncipe Mais Velho pigarreou:

— Porém digo eu. Porém, o Duque há de compreender que não podemos colocar um desejo do Rei acima dos interesses do Reino. Muitos duques há que também querem castelos e ducados, de modo que...

— ... melhor será que o Duque escolha o que nós para o Duque escolhermos.

— Afinal — o Príncipe Mais Velho sorriu — o Duque foi bobo tanto tempo, não há de querer agora ser mais duque que os outros...

— Ao contrário, Alteza, continuo muito mais bobo que duque. E se curvando viu, com o canto dos olhos, o deboche piscar nos olhos de todos, e ouviu risinhos escondidos atrás dos leques e dos bigodões. Um cochicho começou a correr o salão: mais bobo que duque? então era Bobuque! — e este seria para sempre seu apelido.

— Ótimo — os príncipes falaram juntos e o Mais Velho apontou na parede-mor o mapa do Reino — O Duque ficará então com o Castelo do Canto, todos seus móveis e pertences, suas lavouras e animais.

Os aplausos abafaram as risadas: era um castelo abandonado num canto do Reino, construído apenas para que o Rei pernoitasse em viagem aos reinos vizinhos. Não tinha móveis, que só eram levados até lá um dia antes da comitiva real, e só mesmo as paredes pertenciam ao tal Castelo do Canto...

— Também poderá o Duque cultivar todas as terras do ducado — o Príncipe Mais Novo sorriu abrindo os braços como para abraçar uma imensidão.

Mais aplausos e mais risadas: o Castelo do Canto ficava no alto de um rochedo; o ducado era apenas rocha e areia, só tinha umas manchas de terra ao longo de um riacho, num vale devastado há muito tempo por muitas guerras e todo dia varrido por muito vento.

— Além disso — o Príncipe Mais Velho apontou, e todos debruçaram nas sacadas e janelões para ver — terá o Duque uma tropa de animais e um povo escolhido a dedo.

Lá embaixo na praça, soldados cercavam um rebanho de cavalos doentes, mulas magras e vacas velhas e um grupo de aleijados e cegos, velhos cansados e crianças órfãs ou doentes.

Agora os aplausos nem encobriam mais as risadas, gargalhadas, tantas que o Príncipe Mais Novo precisou bater palmas para pedir silêncio:

— Isso ainda é nada. Para que o Duque tenha uma vida alegre o resto de seus dias, reservamos o que de melhor tem o reino nas artes e diversões.

Apontou para um canto e todos riram de se dobrar: lá estavam três músicos surdos de tão velhos, um pintor um tanto cego, atores que entre

vaías e ovos tinham perdido o gosto pelo palco, o brilho do olhar e a firmeza da voz. Mas Bobuque caminhou para eles de braços abertos:

— Que cara é essa? Vamos! — E sorrindo e agradecendo saiu com seus artistas tropeçando uns nos outros.

— Se quiser — um barão gritou — passe na prisão e leve também alguns ladrões!

— Obrigado, senhor — Bobuque se curvou mais uma vez antes de sair, e nos corredores ainda foi ouvindo o rumor do vozerio e das gargalhadas.

Na praça, olhou as crianças que olhavam o chão, os velhos olhando o vazio. Só o pintor cego olhava nos olhos.

— Esperem aqui.

— Onde vai, senhor? — o Pintor perguntou e ele respondeu apenas:

— Daqui por diante, me chamem Bobuque. E desceu aos porões até a prisão.

Pedi para entrar, queria falar aos presos. O Carcereiro riu:

— Entrar aqui é fácil, difícil é sair. Quer falar aos presos? Fale à vontade: eles não ouvem mesmo mais nada...

Era verdade. Encolhidos feito bichos na escuridão, as barbas enroladas nos joelhos, os homens nem ergueram os olhos para o archote de Bobuque, só se mexiam para espantar algum rato.

— Bom dia.

— Aqui é sempre noite — uma voz saiu da escuridão. Bobuque procurou e não achou de quem.

— Pois vim convidar para que vivam novos dias: é livre quem quiser vir comigo!

Só um rato se mexeu.

— É verdade — Bobuque agachava diante dos homens, eles mais se encolhiam tapando os olhos contra a claridade — É verdade: terá perdão quem vier comigo, e será livre.

— Livre pra trabalhar até morrer? — a voz de novo — Ou livre pra morrer guerreando pelo Rei nalguma terra distante?

— Nada disso — Bobuque procurava quem falava — Acreditem: serão livres para trabalhar para si mesmos, decidir por si mesmos.

Um homem levantou o olhar:

— Quem garante?

Bobuque agachou diante do homem — Eu garanto — e então, com uma gargalhada, alguém pulou do teto com agilidade de gato. Era um homem ainda com barba de poucos meses ou «emanas, e falou aos outros andando em redor de Bobuque:

— Ele garante, vejam só... Sabem quem é? O Bobo da Corte! Tornou a escalar as paredes e se aninhou nalgum canto do teto. Bobuque falou da herança real, depois ficou esperando no silêncio, e agora nem os ratos se mexiam.

— Eles nada mais querem a não ser morrer em paz — finalmente a voz falou lá de cima — Não vê? Só eu ainda tenho forças pra subir aqui onde não chegam os ratos... Para os outros, tudo já está acabado, toda a sorte se foi, até a esperança é um luxo.

Então' Bobuque lembrou quando tinha ouvido aquela voz: era um poeta andante de passagem pelo Reino, e seus versos não tinham agradado ao Rei, a Rainha tinha até perdido o apetite no banquete, então os príncipes resolveram encarcerar o homem por uns dias. Com a morte do Rei, esqueceram dele.

Bobuque ergueu o archote até clarear lá em cima a cara de ódio.

— Não reconheci por causa da barba, e a voz também mudou: escureceu.

O Poeta chutou o archote e cuspiu as palavras:

— Esta vida é engraçada de tão triste...

Tinham rido muito das suas piores piadas, mas com seus versos tinham perdido o apetite... Assim tinha descoberto que um artista pobre não dependia só de talento, mas também do bom humor dos nobres...

Bobuque devolveu logo:

— A amargura rói muito mais que os ratos. Para a aventura é preciso coragem mais do que sorte, mais do que esperança. Antes da morte, a vida não descansa...

Catou o archote apagado e sussurrou saindo:

— Eu, se estivesse no escuro, não apagaria uma luz.

No fim do corredor ouviu passos e esperou; eram os presos se arrastando, tropeçando, desacostumados de andar. Quando chegaram perto, perguntou dos crimes de cada um. Uns eram ladrões, outros não tinham pago impostos, alguns nem sabiam por que estavam presos. Bobuque disse que não tinha importância, importante era o futuro, mas um desconfiado perguntou se não queria ao menos olhar direito para eles.

— Para quê? Quem não tinha nem esperança, merece toda confiança.

Lá fora, viu que entre eles estava o Poeta. Ficaram piscando até acostumar com a claridade, fazia um céu azul depois das chuvas, e o Poeta falou que era mesmo um bom dia:

— Meu melhor dia de hoje.

O sol estava alto e a fome roncava. Agora as crianças encaravam

Bobuque com olhos que pediam comida, e os velhos cochichavam pelos cantos da praça: que vida desgraçada decerto teriam com aquele Duque da Santa Graça; em vez de cuidar deles, traziam ladrões famintos; e, em vez de arranjar comida e teto ou pelo menos água, ficava conversando com um dos burros!

Bobuque acariciava os burros e cavalos, recebia lambidas, falava com eles e parecia ouvir o que pareciam dizer. De repente resolveu, passou pelos sentinelas como se fosse mesmo um nobre, sem nem olhar para os lados, e de cabeça erguida se apresentou aos príncipes no salão de banquetes, onde cada um sentava à cabeceira de uma mesa. Primeiro se dirigiu ao Príncipe Mais Velho:

— Minha gente não tem o que comer, Alteza.

— Perdão, Duque — o Príncipe arrotou — mas, como vê, ainda não terminamos aqui; depois, pode pegar os restos.

Ao Príncipe Mais Novo Bobuque pediu alojamento:

— Faz um sol forte, Alteza, e temos entre nós velhos e crianças.

— Reclamariam mais se chovesse, Duque — o Príncipe piscou para os comensais — Mas não se preocupe: já pensei no assunto. Reservamos para o Duque um estábulo inteiro!

Bobuque agradeceu e saiu por entre as mesas, um corredor de gargalhadas. Mas, no estábulo, os velhos sorriram para ele: finalmente tinham um canto seco onde dormir. Os saídos da prisão se deliciavam olhando a claridade dos janelões, ainda nem acreditavam na liberdade de andar. E as crianças engasgaram de espanto diante dos restos do banquete, tocavam a comida como se fosse um tesouro esparramado no feno. Comeram em festa, cochilaram com sorrisos e, quando à noite se ajuntaram em redor duma fogueira, o mundo continuava ainda mais inacreditável: sentiam-se uma família, as crianças olhando Bobuque como um pai, os velhos vendo um filho.

Agora que não era mais o Bobo nem usava máscara ou fantasia, seus olhos de menino pareciam colocados à força no rosto de rugas e cicatrizes: tinha caído muitas vezes numa vida de piruetas e acrobacias. Seu olhar, porém, ainda era de quem descobria as coisas e as pessoas, tinha uma luz que aquecia, de quem gosta muito do que está vendo. Aqueles homens e cavalos tinham puxado arado a vida inteira, obedecendo a ordens como animais irmãos, sempre prontos a obedecer; mas ele tinha surpresas para eles. Aquelas mulheres tinham cozinhado a vida inteira para os banquetes ou, desde que se lembravam, tinham lavado e costurado para a corte, de modo que agora só esperavam chegar a mais uma cozinha, a outras pilhas e pilhas de roupa suja, mais nada; mas ele tinha surpresas também para elas.

Os aleijados tinham vivido até então como os cachorros do castelo, entre lixo e pontapés, e só esperavam viajar de carroça para não terem de se arrastar pela estrada; mas também não perderiam por esperar.

— Me olhem nos olhos — Bobuque pediu e até os burros empinaram as orelhas e abriram os olhos: nunca um amo tinha falado assim com eles.

— Minha gente, eu não quis nem pedi. O destino casou nossas vidas e, como em qualquer casamento, mesmo que não exista amor, tem de existir respeito. Além disso, já que vamos viver juntos, que seja uma vida alegre para todos. Passei a vida fazendo rir, agora quero rir de tudo que fizer ou viver.

Os aleijados ouviam de boca aberta, os velhos cocavam os ouvidos.

— Quando eu passar do portão deste castelo, continue comigo quem quiser; quem não quiser, será livre. Não prometo nada a não ser liberdade e não garanto qualquer conforto, só sei que vamos ter muito trabalho naquele castelo. Mas de uma coisa podem ter certeza desde já: todos trabalharão para viver, ninguém viverá à custa de ninguém.

— Viva o Duque! — alguém gritou.

— Vivamos todos — Bobuque emendou — E não me chamem mais de Duque. Ganhei a vida como bobo, virei duque sem querer. Bobuque parece ser mesmo o melhor nome para alguém assim, não?

— Obrigado, Bobuque — o Poeta pigarreou ajeitando a voz para um poema.

— Então — Bobuque bateu palmas e um cavalo relinchou — faça como todos: trabalhe.

Começaram a carregar as carroças com as ferramentas enferrujadas dadas pelos príncipes, sacas de sementes carunchadas, arados quebrados e panelas furadas — mas o Poeta começou a cantar. Era uma canção que os camponeses sempre cantavam ceifando trigo, e, no balanço da canção, o trabalho foi ficando mais fácil, as crianças menores pararam de choramingar e dormiram, as maiores ajudavam no que podiam e só o Maneta ficou num canto sem mexer uma palha.

— Faça alguma coisa, homem — o Perneta cutucou. Mas o outro tinha perdido o braço direito há tão pouco tempo que a voz ainda doía:

— Com um braço só, o que posso fazer além de me cocar?

— Pois então coce-se — Bobuque riu, e o Maneta fechou a cara. O feno dava muita coceira e, depois que arrumaram as carroças, todos descansaram se cocando — menos o Maneta.

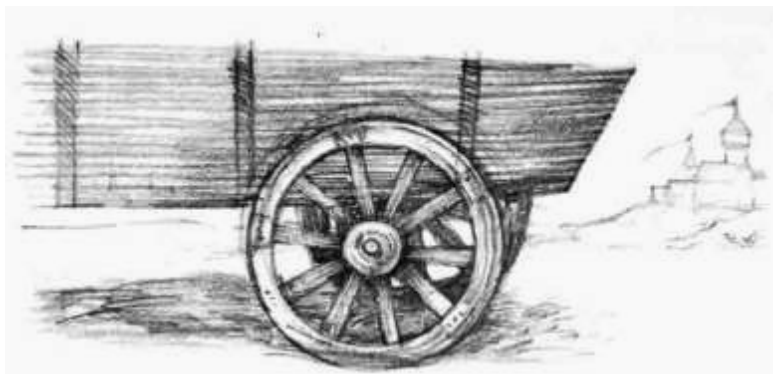
— Você não sente cócegas? — uma menina perguntou, e ele não respondeu.

As três meninas e os três meninos maiores sentaram em volta dele e

ficaram esperando. O Maneta suava de vontade de se cocar, os meninos se cocavam olhando para ele. Até que não agüentou e se cocou, primeiro um pouquinho aqui, um pouco ali, depois cocando o corpo todo como se fosse a coisa mais gostosa da vida. Quando uns soldados entraram no estábulo com cavalos e cansaço, ficaram vendo aquela gente rir tanto que também acabaram rindo sem nem saber por quê.

— Do que riem tanto? — um soldado perguntou, e o Poeta disse que riam da vida.

No dia seguinte, partiram do Castelo Real, uma carroça cheia de aleijados e tralhas, outra com sacas e as crianças, os músicos montados em mulas, Bobuque a pé na frente dos velhos e dos ladrões, e nas muralhas os soldados se perguntaram por que afinal aquela gente estava cantando.



2. Uma longa viagem

Um dos velhos, o Soldado, calculou: o castelo era tão longe que a viagem levaria uma semana. Como soldado tinha andado por todo o reino, mas no tempo em que tinha pernas jovens, e assim se enganou no tempo: levaram quatro semanas andando desde o alvorecer, mas sempre descansando depois do almoço, até porque não agüentariam andar o dia todo, e também para que as três vacas não emagrecessem ainda mais. Almoço era modo de dizer: comiam o que o povo dava pelo caminho — e, no entanto, até as vacas pareciam se animar mais a cada dia.

Fora dos porões e longe dos ratos do Castelo Real, as crianças se curavam das doenças, saravam das feridas e, quando paravam para a sesta ou o pernoite, acostumaram formar uma roda para esperar Bobuque. Ele comia sentado em qualquer pedra, já fazendo graças com a faca ou a colher, e levantava girando o prato sobre um dedo, cantando uma canção inventada conforme os acontecidos do dia.

Depois fazia um dedo desaparecer, tirava uma moeda da orelha de um menino, falava com um burro e o burro respondia! Depois contava uma história ao vento, e as crianças ouviam com olhos que até secavam sem piscar. Filhos de camponeses também iam ouvir, e nunca mais esqueceriam que um dia passou um homem que parecia um menino falando assim:

Sabe, vento, quantas voltas o tempo dá em volta do tempo? Tantas voltas quanto você, vento, dá em volta de si mesmo. Mas tempo vai, tempo vem, virá o tempo em que a alegria será tão certa como um dia vem depois do outro, ou como se vai a noite com a chegada do sol, ou como a tarde cai até, ser tarde demais, então volta a noite de novo, tão certo como a galinha

nasce do ovo, tão certo como o ovo nasce da galinha. Sabia, vento, sabia?

E o vento parecia responder: *Sim, eu sei.*

Bobuque continuava: *Sabe também, vento, que virá o dia em que todos serão livres como os passarinhos? Poderão ir de um lugar a outro sem pedir a ninguém, como você vai e vem; e poderão morar onde quiserem, como as aves escolhem onde fazer os ninhos. Nada temerão de rei ou de soldados, cada um será seu próprio rei e o trabalho, seu reinado. Sabia, vento, sabia?*

E o vento respondia: *Eu sei, eu sei.*

As crianças ouviam — e dali por diante, sempre que ouvissem o vento, lembrariam desse tempo por chegar; teriam até mesmo vontade de lutar para chegar lá; mas naquele tempo, no meio da Idade Média, os homens nem sabiam lutar pelos sonhos. Viam, como num sonho, passar aquela caravana de maltrapilhos felizes e só conseguiam perguntar:

— Por que seguem esse homem?

— Porque nos deixou livres — respondiam os velhos. E pareciam remoçar.

Andavam e andavam mas as pernas se firmavam dia a dia. Nas carroças, os aleijados descobriam que podiam ser cocheiros, aprendiam a lidar com os animais e, quando paravam, eram eles que iam bater nas cabanas dos camponeses:

— Quem menos tem é quem mais dá — pediam — Temos crianças e velhos pra alimentar.

Os camponeses se espantavam: como tinham chegado até ali? Os aleijados contavam: iam ao Castelo do Canto seguindo o Duque da Santa Graça, mas — por favor, pediam — chamem o homem de Bobuque, que essa história de duque é a única coisa que ele detesta. Contavam também que agora eram livres, e no Castelo do Canto haveria trabalho até para aleijados. Os camponeses não acreditavam, iam ver a caravana descansar debaixo de árvores ou à beira de riacho; e sempre algum aleijado mais ou mais algum órfão pedia para ir junto. Bobuque respondia sempre do mesmo jeito — Cada um sabe da própria vida — e a caravana crescia a cada parada.

Vendo aquilo, os camponeses davam até mais do que podiam, embora pudessem dar tão pouco: uma faca velha, uma velha correia, um punhado de trigo, um só pedaço de favo que porém adoçava a noite de todas as crianças. Aqui um ferreiro remendava algumas panelas, ali um carpinteiro consertava um arado. Aqui aprendiam a plantar batatas em vasos se no Ducado do Canto tão pouca terra teriam conforme ouviam falar. Ali aprendiam a assar

panquecas em pedras quentes ao sol, se lenha teriam até menos que terra. E mais adiante ganhavam uma galinha que botaria um ovo por dia, mesmo aninhada entre as tralhas aos solavancos; e mais adiante outra, mais outra.

Os cavalos, os burros e as mulas ganharam ferraduras novas, remendos nos arreios e escovas para os pêlos, de onde iam sumindo as feridas e bicheiras. Numa aldeia, toda a gente ajudou com alguma coisa, trocaram as rodas das carroças e pensaram até em festejar, mas acabaram dormindo antes; cansaço era o que mais carregavam. Mas no dia seguinte partiram antes da alvorada. O Reino parecia não ter fim. Quando perguntavam se ainda estavam longe, recebiam a mesma resposta:

— Quem sabe? Decerto.

E se perguntavam se já estavam perto:

— Quase.

E a estrada continuava.

— Continuamos também — Bobuque mirava o horizonte — E, a menos que o Reino não tenha mesmo fim, um dia chegamos lá.

Os cavalos se animavam: apesar da marcha, nunca tinham mascado tantas variedades de capim, nunca tinham bebido água de tantos riachos nem jamais tinham recebido tanto trato. As vacas se conformavam de ir atrás de todos, os olhos no chão — mas mesmo elas, com o passar dos dias e dos pastos, foram erguendo a cabeça.

Naquele tempo, os homens ainda não sabiam que a Terra é redonda — e, assim, parecia que o horizonte chegava cada dia mais perto, embora se afastasse a cada passo. Montanhas amanheciam e sumiam engolidas pela noite, a estrada subia e descia sempre mudando e sempre a mesma. A cada dia viam menos soldados, e a cada noite tinham menos cansaço. Paravam à tardezinha, e Bobuque, massageando os pés, dizia que era a melhor hora do dia.

— Pra mim — o Cozinheiro resmungava — é a pior hora. Era quando escolhia o que fazer para a janta, e sempre discutia com a Cozinheira. Primeiro viam o que tinham: alguns ovos, um repolho, um punhado de farinha, algumas batatas. Para a Cozinheira, melhor era fazer uma torta. O Cozinheiro ria: assar onde uma torta? Melhor, claro, era panqueca. Mas ainda não tinham frigideira. Então que tal um cozido? Mas ora, onde já se tinha visto cozido sem carne? Depois de discutir descascando as batatas, concordavam que o melhor jeito de aproveitar tudo era fazer uma sopa.

— Sopa não enche barriga — o Soldado reclamava, mas logo algum camponês trazia pão.

Apesar da idade, o Soldado ainda era um homem tão forte que sustentou uma carroça nas costas para consertarem uma roda, e sempre que comia

continuava depois olhando com tristeza o prato vazio.

— Que foi? — Bobuque perguntou.

— Nada, nada — o Soldado disfarçou — Sempre fico pensando depois de comer, agradeço.

Mas alguns não andavam tão satisfeitos, e se afastavam cochichando, como se nem fossem da caravana. Eram sete ladrões; alguns deles, coletores de impostos que roubavam o próprio Rei. Naquela mesma noite, fugiram levando uma das carroças.

Antes que amanhecesse, o Soldado acordou, deu pela falta e resolveu ir atrás dos fugitivos: tinham levado também todas as sacas de sementes. Bobuque achou que não valia a pena, teriam de lutar e tudo poderia ficar pior:

— Que chance a gente teria? Quem luta melhor entre nós, luta só com palavras...

— Passei a vida obedecendo a ordens — o Soldado estufou o peito — mas agora só vou fazer o que quero.

Tinha os cabelos brancos e cicatrizes nas pernas, nos braços e no rosto. Com raiva, respirava feito fera — e já ia partindo quando perguntaram se não ia ao menos levar água. Catou um punhado de sal e disse que não, com sede ia mais depressa. Botou o sal na boca e foi estrada afora.

Com uma voz de derrota, Bobuque disse que era melhor as crianças maiores irem a pé, o Perneta e os mais velhos e doentes iriam na única carroça. Partiram de olhos baixos, mas logo as crianças começaram a sair da estrada para pegar uma flor, catar uma pedra, ou então iam puxar o rabo das vacas, puxar conversa com os velhos — e logo os velhos riam, perguntavam nomes e idades dos três meninos e das três meninas maiores.

Mas eles não sabiam. Tinham, isto sim, vários apelidos ganhados no Castelo Real ou mesmo antes — Cabelo de Fogo, Ratinho, Sardenta, Do-Meio, Loirinha, Curiosa — mas o Poeta achou que era hora de terem nomes de gente. Uma das velhas era costureira, vivia com um terço nas mãos e achou que melhor era, durante alguns dias, dar a cada um o nome do santo ou santa do dia — mas não tinham calendário, só lembravam que era sexta-feira.

A Costureira achou um sacrilégio, mas logo apelidaram de Sexto um dos três meninos, o menor e mais atrevido. Gostava de passar por baixo das patas dos cavalos e naquele dia, quando passaram por uma ponte, pulou no rio. Saiu da água bracejando e tossindo, engasgado mas ainda assanhado, os

olhos brilhando quando respondeu ao menino Do-Meio:

— Onde você aprendeu a nadar?

— Aqui, agora.

No dia seguinte, foi a vez do outro: logo que apareceu outra ponte, trepou na amurada e ficou olhando a água. Ouvia os gritos para não pular e continuou olhando a água até que já chegaram perto correndo e gritando — e então pulou. Quando acordou, estava deitado sobre um barril e soltava água pela boca. Ouvia dizerem que tinha muita coragem: mesmo com tanto medo, tinha pulado. Mas que é que ganhava com isso? — ouviu que alguns velhos se zangavam.

— Ora — o Poeta riu — ganhou um nome: Sábado!

No dia seguinte, o menino maior perguntou se ia continuar sem nome mas avisou:

— Quero um nome bonito, não mais um dia, da semana. A Costureira achou uma pena:

— Domingo é nome santo, é o dia dedicado a Deus.

Então ele mudou de idéia e Domingo ficou. Mas Sexto e Sábado, ela continuou achando nomes hereges.

— Nomes nada valem — o Poeta lembrou — Os reis mais sanguinários têm nomes de santos...

Sem os ladrões, o Poeta era agora o único moço da caravana. As três meninas maiores andavam atrás dele com perguntas:

— Por que borboleta gosta tanto de flor?

— Como que a flor vira fruta?

A menina loira vivia a catar flores e, mesmo cansada de tanto andar, corria ao ver qualquer ponto colorido na paisagem, voltava sem fôlego mas com uma flor que dava a alguém. O Poeta batizou:

— Teu nome, menina, podia ser Flor. Hem? Ela correu colher para ele um buquê.

— Então — a menina maior pediu — eu não posso ser Fruta?

— Por quê?

— Por quê?! Fruta dá pra gente comer!

Era ela quem cuidava das crianças menores, ajudava a descascar batatas, lavava a própria roupa e amparava a menina menor que andava sonhando e tropeçando. Uma era morena de cabelos escuros, a outra era ruiva e sardenta. Chovia naquele dia e a ruivinha, mesmo assim, andava tão sonhadora que escorregava no barro a cada passo.

Fruta beliscava:

— Olhe onde anda, menina!

Mas a outra andava olhando dentro, olhando longe. Perguntou ao Poeta

porque chovia tanto, ele disse que era começo de outono.

— E quando — ela perguntou, torcendo a trança vermelha dos cabelos molhados — quando vai sair o sol outra vez?

Bem, sol podia sair a qualquer hora — ele olhou as nuvens — mas sol com céu azul só mesmo na primavera. Ela suspirou:

— E quando é? Amanhã? — e seu nome ficou Primavera.

Foi a última a ver, depois duma curva, a carroça roubada. O Soldado e um dos ladrões estavam feridos, mas tinham desatrelado o cavalo e amarrado numa árvore, esperavam deitados debaixo da carroça.

— Ainda bem que chegaram — o ladrão saiu capengando — Ele está bem ferido.

O Soldado sangrava e tinha manchas roxas pelo corpo, mas acordou com um sorriso no olhar enquanto o ladrão contava:

— Lutou de mãos limpas contra os seis!

— Mas não sozinho — o Soldado gemeu para apontar o ladrão — Ele me ajudou.

— Por quê? Bobuque olhava nos olhos do homem.

— É uma boa pergunta: por quê?... — o sujeito se engasgava, trançava os pés — Nunca tinha lutado na vida, e podia até ter morrido, mas lutei... Por quê? Acho...

E cocou muito a cabeça antes de responder:

— Acho que me arrependi.

Naquela noite, o Soldado disse que dali por diante precisavam de um vigia:

— Eu mesmo.

Mas todos acharam que era preciso dois pelo menos, para um descansar enquanto outro vigiasse. Bobuque cutucou o ladrão:

— Que você sabe fazer além de roubar? O homem baixou os olhos.

— Então: quem sabe roubar, deve saber vigiar, não? Naquela mesma noite, o homem começou a cuidar tanto de tudo

que quase não dormiu. Num couro, fez o Poeta escrever tudo que havia nas carroças, e todo dia conferia. Virou o Tesoureiro.

Mas, em poucos dias, nas carroças, quase não havia mais o que o Tesoureiro contar: sabia tudo de cor, e atravessavam uma região deserta de gente; nada ganhavam e nada mais tinham para trocar; só faltava comerem as sacas de sementes.

— Não, seria o mesmo que comer o próprio futuro — Bobuque resmungava pensando, e então o Carpinteiro lembrou:

— Quando menino, aprendi a fazer arapucas pra passarinhos. Será que...

Mais por fraqueza que por esperança, resolveram parar um dia inteiro, e

nada mais do que um chá saiu das panelas. Mas o Carpinteiro saiu pelo campo com uma faca e um punhado de sementes para isca. Os outros velhos balançaram a cabeça apiedados: o coitado acreditava mesmo em arranjar comida com arapucas...

Mas Sábado foi atrás e viu que ele sabia o que fazia. Andou até achar um terreno já colhido, lá estariam pombas ou outras aves comedoras de grãos. No caminho, foi catando paus, cortando galhos finos, e já levava um feixe quando notou o menino.

— Que você quer, se perder?

— Ajudar.

Não havia como ajudar: as mãos do homem eram tão rápidas que o menino olhava sem piscar, os olhos até secavam. Depois o Carpinteiro armou a arapuca no meio do terreno, onde umas pombas ciscavam e voavam, voltavam a ciscar. Fez um trilho de sementes até debaixo da arapuca, armada para desabar sobre a primeira que relasse na armadilha. Então se esconderam atrás duma moita, e o menino ficou quieto imitando o homem, nem se cocavam.

Três pombas começaram a comer as sementes, depois mais duas, mais uma. Quando a arapuca desabou, tinham perdido a conta de quantas ciscavam, quantas voaram. Correram até lá e o homem viu no olhar do menino que o coração disparava. Enfiou a mão por baixo da arapuca e tirou uma pomba, depois outra. Duas! — os olhos de Sábado quase saltavam. O Carpinteiro entregou uma pomba e segurou a outra:

— Volta correndo, diz pro Soldado vir com o arco.

Sábado disparou pelo campo. Na caravana, precisou esperar o fôlego voltar para dar o recado. Viu que os meninos e meninas escolhiam sementes carunchadas para mais uma sopa, e o Cozinheiro ergueu as mãos para o céu quando ele entregou a pomba.

O Soldado pegou o arco e as duas únicas flechas e partiram correndo, Sexto foi junto. Lá estava o Carpinteiro agachado atrás da moita. Tinha amarrado a outra pomba numa pedra.

— Você acerta daqui? — o Carpinteiro não tirava os olhos do céu: um gavião dava voltas.

O Soldado armou o arco e ficou atento. A pomba tentava voar, batia as asas, mas nem conseguia mover a pedra. O gavião volteou, a sombra riscou o terreno e — de repente — virou um ponto: ele fechou as asas e descia mergulhando, enquanto o Soldado retesava o arco. A flecha partiu quando o gavião já tinha agarrado a pomba, mas ainda planava raso. Flechado embaixo da asa, caiu mas começou a se arrastar, largou a pomba e, tropeçando, já levantava vôo de novo quando Sábado correu e pulou sobre o

bicho.

Quando acudiram, o menino já estava arranhado no peito e no pescoço e com o braço rasgado. Penas voavam ao vento e o gavião se defendia feroz — mas Sexto também embolou na luta e os homens não viam onde bater ou agarrar, asas e braços se misturavam rolando. O bico rasgou também um braço de Sexto — e então o menino virou fera: agarrou o pescoço do bicho com as duas mãos e então o Soldado conseguiu usar a faca. No chão, o gavião encolheu as asas pela última vez.

— Foi minha melhor flechada da vida — o Soldado arrancou a flecha com a faca.

— E eu, fazia tempo não me sentia menino — o Carpinteiro riu banguela.

Sexto cuspiu penas, tinha até mordido o pescoço do gavião. Mas a sopa saiu grossa naquele dia, e Sábado ganhou uma coxa e Sexto outra. Domingo ganhou um pedaço do pescoço e deu a um dos meninos menores.

No dia seguinte, acordaram com novas forças mas logo pararam diante de um rio engrossado pelas chuvas. Vadearam, sondaram com varas e não acharam trecho raso para passar com as carroças.

Teriam de esperar o rio baixar. Mas chovia. Era uma chuva miúda — mas não parava, e até a madeira das carroças já encharcava. As sacas encharcavam; e, se as sementes germinassem na umidade, não teriam o que plantar no Castelo do Canto (até já duvidavam que existisse o tal castelo. E se fosse mais uma brincadeira dos príncipes?). Desanimados, alguns até sentaram na lama, como se quisessem voltar à terra, descansar para sempre.

— Mas pior não pode ficar — Bobuque resolveu — Então vamos fazer alguma coisa.

E pulou no rio. Até as crianças ficaram olhando com pena. Talvez fosse mesmo um doido. Só um doido trataria os vassalos como companheiros. Só um doido faria aquilo: mergulhou, saiu da água com uma pedra nas mãos, lavou bem para tirar o lodo e colocou debaixo duma carroça. Depois outra pedra, mais outra, até fazer uma cama de pedras — e pediu ajuda para deitar ali uma das sacas.

Então entenderam. Claro: ali as sacas ficariam protegidas da chuva e da lama. E de repente estavam todos trabalhando, e assim se esquentavam. Acomodaram também o Soldado e as crianças menores debaixo das carroças — e também as galinhas, que, com a chuva, tinham parado de botar.

Os meninos, procurando lenha seca, acharam uma caverna. A entrada era

uma boca escura e parecia que, se entrassem, seriam engolidos. Entraram pisando leve, como se a escuridão fosse um bicho. Goteiras pingavam ecoando, e cada sussurro se ampliava:

— Vamos voltar.

— Não — a voz de Domingo saiu clara — Vamos esperar até a vista acostumar.

Logo viram restos de fogueiras, lenha seca empilhada, panos, tachos — e uma frigideira! Avisaram os outros e todos se acomodaram na caverna, onde a Costureira recolheu braçadas de panos e trapos.

O Cozinheiro e a Cozinheira foram arear a frigideira no rio. Conforme esfregavam areia no metal, ia aparecendo um brasão: a caverna decerto era esconderijo de ladrões. Ele areou a parte de fora da frigideira, ela a parte de dentro, cada um achando defeitos no trabalho do outro. Agachadas em volta, as meninas cochichavam: e se os ladrões voltassem?

— Tomara que tragam ovos — a Cozinheira cuspiu no rio. Um peixe saltou fora d'água.

O Cozinheiro fechou a cara:

— Coisa mais feia uma mulher cuspir.

— Cuspida de homem é mais bonita? — ela tornou a cuspir e o peixe tornou a saltar.

Primavera sonhou em voz alta:

— E se um peixe pulasse dentro da nossa frigideira?... Flor olhava o rio:

— Tão bonito. Será que vai pular de novo?

Fruta foi perguntar ao Tesoureiro se não tinham com que pescar. O Carpinteiro trançou uma armadilha de galhos. A Costureira furou um saco como peneira, e assim cataram peixinhos para isca. E, quando tiraram da água o primeiro peixe, o Pernetá quase sorriu.

Choveu quase uma semana, mas na caverna as galinhas voltaram a botar, e naqueles dias inventaram vários modos de pescar. Quando o sol saiu de novo, desensacaram as sementes para secar. Sentiam-se renovados até nas roupas: usando espinhas de peixe como agulhas, a Costureira tinha feito colchas de trapos, casacos e blusas. O Cozinheiro e a Cozinheira discutiam todo dia como fazer omelete, mas o certo é que, com ovos e peixe, o fermento do Soldado sarava depressa; até os cavalos pareciam com vontade de voltar a marchar.

Só o Pernetá ainda não ria. Quando começaram a preparar a partida, sentou na carroça sem falar, como sempre, mas nem era preciso: estava na cara que se sentia mais inútil que as crianças menores ou o Pintor quase cego e os músicos surdos. Tinha de viajar ali, agüentando os solavancos na madeira dura, vendo que até os mais velhos marchavam — e ele era dos

menos velhos. Vivia pensando nisso, mas acordou de repente com a voz de Bobuque:

— Que você faz já sentado aí? Ajude a carregar as sacas, homem! Ele tinha peitos e braços fortes de andar de muletas, muito mais

fortes que de qualquer outro. Mas nunca tinha pensado em usar isso.

— Por que não? — Bobuque e o Poeta jogaram uma saca na carroça — Você ainda tem dois braços, não? Arrume as sacas aí!

Dali por diante, o Perneta passou a ter braços para tudo. No fim do dia, já ria de qualquer coisa.

Quando passavam pelas aldeias, o povo se espantava com aquela caravana: até os cavalos pareciam rir e as vacas como que sorriam.

A notícia já chegava antes da caravana, levada por mascates ou tropeiros:

— Vem aí a gente mais estranha deste mundo: riem da própria miséria.

— Os de meia-idade são quase todos aleijados; os outros, todos velhos ou crianças sem pais.

— E andam seguindo um velho que mais parece um menino. Então, quando a caravana parava em algum pouso de tropeiros, já encontravam gente esperando para ouvir Bobuque, sopas quentes para os velhos, mel para as crianças e perguntas, muitas perguntas:

— É verdade que são livres?

— Claro: vê alguma corrente, algum soldado?

— Então por que não fogem?

— Para quê? E para onde?

— Para onde vão então?

— Para o Castelo do Canto — já ouviram falar?

Não, ninguém sabia — mas como saber, se ali nasciam e morriam? Queriam, isto sim, ver e ouvir o tal Bobuque, o mais bobo dos duques, que dançava e cantava para as crianças com tal jeito que até os velhos riam — era verdade?

— É verdade — um burro respondia balançando a cabeça, e todos se espantavam.

— É verdade — repetia saltando em duas patas o cachorro de Bobuque, chamado Nominado e desde pequeno ensinado em artimanhas.

Bobuque falava em versos:

— Mas' existirá mesmo um duque assim? Sou o que sou e o que foi feito de mim: Duque da Graça por graça do Rei.

Mais engraçada, dizia, era a desgraça dos trabalhadores: fazer tanto e,

por mais que fizessem, ter sempre de enfrentar os criminosos e também as leis!

O Poeta emendava:

— Pois não sois roubados por ladrões e por tantos impostos assaltados? E na terra onde passam vossos arados não passam também as patas dos batalhões?

O que alimentava tantas guerras, dizia, era o ódio dos reis:

— Mas com o vosso sangue e vosso suor! O comércio nos rouba até o amor, e com leis nos roubam a própria terra!

Os camponeses olhavam em volta, não viam soldados, mas continuavam arredios; podia ser uma cilada, um truque dos coletores para descobrir quem escondia lâ, quem maldizia o Rei, de quem aliás nem lembravam mais o nome. No entanto, os músicos tocavam — um de cada vez, pois já não se ouviam para tocar juntos — e entre a viola e a flauta, entre a flauta e a rabeça, aquela gente ouvia os versos do Poeta, viam as crianças correndo e a mesma tigela passar de boca em boca, então iam agachando, mandavam algum filho buscar umas batatas, começavam a sorrir primeiro com os olhos, depois com a boca, encantados como crianças. Bobuque pedia um tambor, alguém corria até uma cabana, voltava e, enquanto esticavam na fogueira o couro frouxo, o pandeiro já rodava de mão em mão até achar quem tocasse melhor.

Quando o tambor começava, já estavam marcando o ritmo com os pés, o Poeta batia palmas começando a dançar:

— Vamos, um, dois, três! Também pra dançar foram feitos os pés!

E dançavam, cantavam, até que as crianças bocejavam engolindo a lua; e dormiam vendo a alegria brilhar naquela gente cor de terra, como se as maçãs do rosto fossem mesmo frutas.

Um dia, quando já estavam no fim da segunda ou no começo da terceira lua, tiveram de um mercador a primeira notícia do Castelo do Canto:

— Já estive lá certa vez quando um dos príncipes quis ser ar-queiro. É preciso muita calma para aprender a lidar com arco e flecha ___e n0 Castelo do Canto e tão calmo que mais parece um cemitério...

— Mas o príncipe teria ido até lá só para aprender a flechar? ___a dúvida brilhou nos olhos de Bobuque mas o mercador riu:

— Por que não? Príncipes não viajam com cavalos velhos como vocês, e levam o conforto aonde vão: tendas, camareiros, ordenanças, cozinheiros...

Além disso, não era tempo de maçãs, e os nobres adoram flechar maçãs nas macieiras; então o príncipe soube que no Castelo do Canto há muitas cobras e lagartos e foi até lá só pra treinar pontaria nesses bichos...

— Cobras e lagartos? — uma das velhas se arrepiou — Mas que raio de castelo é esse?

— Que vocês esperavam duma terra seca como aquela? — o mercador baixou a voz — Mas o pior mesmo são as sombras...

E contou que lá tinha passado noites de terror; até os mais valentes soldados tremeram de medo das sombras do castelo...

— Que sombras?

O mercador contava como se estivesse no fundo duma caverna, encolhido e olhando em volta:

— Na vizinhança vive tão pouca gente que se pode contar nos dedos, e ninguém fica no castelo depois que anoitece. O príncipe precisava de serviçais e ameaçou de morte aquela gente para continuar lá depois do anoitecer, mas acharam melhor morrer a ficar: contaram que nunca mais voltavam os que pernoitavam ali... Lá do vale, à noite viam sombras subindo pelo rochedo e entrando no castelo, e vagueando por lá a noite inteira, sombras enormes...

— Vamos esclarecer isso — Bobuque já via o medo nos olhos até dos mais corajosos — Sombras à noite?!

— Vi com estes olhos — o mercador se arrepiava — e ouvi uivos a noite inteira. Esperava vender muitas coisas para a caravana do príncipe, mas passei todo o tempo pensando nas sombras, dormindo de dia e à noite acordado, como todos, cuidando para que os archotes não se apagassem com o vento, lá venta demais. E, depois de três dias, até o príncipe mostrou que também tinha medo, montou cedinho no cavalo como se fugisse de fantasmas. Na pressa, quase caiu no precipício: a estrada do rochedo é traiçoeira...

Bobuque via o medo crescer nos olhos de todos; só o Poeta sorria descrente e esticou o dedo no nariz do mercador:

— Em todos os reinos onde estive, quanto mais escravo é o povo, mais são felizes os animais dos nobres: cachorros de colo, de caça, gatos, pombos, falcões, éguas de fino trato... Prefiro a liberdade, mesmo com cobras e lagartos.

Bobuque falou se enfiando debaixo duma carroça:

— Já vi muitas sombras. A sombra balançante dos enforcados. A sombra de medo no olhar dos covardes. Crimes cometidos à sombra da Cruz. Nada mais me assombra.

Puxou as cobertas até o queixo, fechou os olhos e dormiu. Mas as

sombras do medo continuaram até no olhar do Soldado.

Acordaram sacudidos por soldados antes do amanhecer.

— Quem é o chefe da caravana? — perguntavam, chutando costelas dos adormecidos. — Hem? Quem é o chefe?

— Sua Excelência o Duque da Santa Graça — o Poeta se curvou diante de Bobuque — E o chefe de vocês que é?

O Capitão se adiantou desconfiado:

— Duque? Não vimos nenhum estandarte, nenhum brasão...

— Nosso brasão está no coração — o Poeta apontou uma foice espetada numa das carroças — E aquele é nosso estandarte.

— Duvido que seja mesmo um duque — um dos soldados soprou.

— O risco será seu, Capitão — Bobuque encarou — Não estará o senhor se arriscando desde já ao nos acordar para nada?

— Em nome do Rei, Excelência — o Capitão se perfilou — Procuramos jovens para as tropas.

— Mas o Rei não está morto? Qual dos príncipes tem afinal a coroa?

— Nenhum, Excelência, e por isso mesmo os dois procuram soldados para suas tropas.

— Então o Exército Real se dividiu? E de que lado está o senhor? O Capitão olhou os soldados curvados por um cansaço de dias e noites:

— Estou ao lado de meus homens: se não levarmos um pelotão de recrutas, nosso batalhão será mandado para a frente da primeira batalha. Pelo Reino, Excelência, tem nessa caravana jovens em idade de servir?

Os soldados passavam em revista as carroças.

— Ninguém, Capitão. Só velhos, crianças e doentes.

— E no ducado, Excelência?

— Nessas carroças, Capitão, está toda a gente do meu ducado. Rindo, Bobuque apresentou os velhos e aleijados; e quando já se afastavam nos cavalos, os soldados se perguntaram do que estaria rindo um nobre tão miserável.

— Deve ser louco — o Capitão resolveu.

No mesmo dia, dois coletores de impostos diriam a mesma coisa depois de revistar a caravana.

— Só trastes, velharia, restos... Que duque será esse?

— Sinal dos tempos: o Reino deve estar em tamanha decadência que até os nobres andam a pé.

Mesmo assim, confiscaram todos os cotos de salame e uns pedaços de queijo. À noite, no entanto, outros salames e queijos foram trazidos por

camponeses mais generosos quanto mais pobres.

Conforme chegavam perto do castelo, mais animadas eram as noites e mais sombrias as notícias. A fama da Caravana da Alegria corria pela estrada, e gentes tristes seguiam atrás, até um dia inteiro, só para à noite ouvir as histórias e dançar as danças e, fechando os olhos ao som da rabeca, viajar até aquelas terras livres anunciadas por Bobuque. Levavam queijos e conservas como tesouro, salames herdados de pai para filho, vinho de barriletes empoeirados, colchas de peles de coelho ou cabra, lã desenterrada de esconderijos; e também velas "pra espantar as sombras do Castelo". Tinham gosto de deixar os presentes aos pés de Bobuque, mas ele se encabulava, jogava tudo nas carroças.

— Não gostou? — os camponeses perguntavam com vergonha e espanto.

— Se gostei? Mais gostaram eles, olhem! — e apontava as crianças já amontoadas debaixo das colchas, os aleijados se lambuzando de salame, os velhos garantindo que nunca tinham tomado tal vinho e acariciando os queijos como filhos há muito tempo perdidos.

— Mas o senhor não comerá, não beberá?

— Depois, depois — Bobuque já fazia graças para as crianças, e os cochichos corriam:

— Um duque assim só pode mesmo ser da Santa Graça.

— Fosse assim nosso barão, seria outra a vida.

— Se pudesse escolher, iria com eles.

— Para arar pedras e plantar em areia?

— E passar a noite espantando sombras?

No fim da festa, quando as crianças já dormiam e a lua já estava no meio do céu, acabavam numa roda e a conversa rodava até voltar às sombras. Os camponeses gostavam de contar de assombrações e fantasmas, olhando as brasas da fogueira, como se vissem o que inventavam:

— Diz-que lá prós lados da ponte tem um cavaleiro de armadura que passa a noite pescando. Quem passa, chega pra perguntar se pescou algum, só pra saber por que diabo ele não tira a armadura nem pra pescar. Então ele ergue a viseira do capacete e diz-que dentro é uma caveira...

— Também diz-que na encruzilhada da estrada do Castelo tem uma árvore onde um ladrão de cavalo foi enforcado. Sempre que passa ali um cavalo, arre pia.

— E as sombras? Diz-que...

Nas carroças, uma ou outra criança acordava, ouvia as histórias e via o medo encorujando aquela gente em volta da fogueira. De manhã, contava às outras crianças, e assim o medo já estava em toda a caravana quando

chegaram à encruzilhada.

Castelo do Canto — estava escrito a faca no tronco da árvore, e dali, da estrada, saía uma estradinha sem marcas de rodas ou de patas. Fazia um sol de meio-dia, mas a árvore era tão grande que couberam todos debaixo da sombra redonda, animais e carroças, num vento seco que vinha do vale do castelo.

— Vamos descansar aqui? — Bobuque nunca mandava, perguntava.

Ninguém discordou, mas olhavam em volta como se esperassem alguém ou alguma coisa; e mesmo parados, continuaram sem descansar, em pé, cochichando e assustando com cada lufada de vento. Esqueceram até de desarrear os cavalos — e os cavalos relincharam reclamando.

— É o fantasma do enforcado! — alguém falou e foi um alvoroço: uns se agarraram aos outros, outros se agarraram a uns, as crianças menores já choramingando e os animais então mais nervosos.

— É o fantasma, é o fantasma!

— Vamos sair desta sombra!

Tropeçando em panelas e arrastando os aleijados, quase todos fugiram da árvore: ficaram Bobuque, o Poeta, o Pintor e o mais surdo dos músicos; nada tinha ouvido e cantarolava uma música que vinha compondo desde o primeiro dia na estrada.

Bobuque e o Poeta desatrelaram os cavalos, e eles saíram pastando para o lado do pessoal. Então debandaram de novo, os velhos tropeçando nas crianças e os aleijados se arrastando atrás, até que se juntaram em redor duma rocha. O vento levava as vozes e Bobuque falou alto:

— Vê algum fantasma, Poeta?

— Sim; se fantasmas são brancos como dizem, vejo alguns ali em redor daquela rocha...

— E você, Pintor, vê algum fantasma? O Pintor entendeu o truque:

— Ora, você sabe que não vejo muito bem, mas duma coisa tenho certeza: minhas mãos vão parando de tremer quanto mais longe ficamos do Castelo Real. Então desconfio que não era só de velhice que eu tremia, mas também de fome e de medo... E firmou a voz:

— Agora, acho que vou voltar a pintar.

— Mesmo sem enxergar bem?

— Não enxergo mas ainda vejo cores. Não viu como as crianças perderam aquela palidez de doença? Estão coradas. Não vê que as feridas sararam em todos nós e até os aleijados estão mais ligeiros? Não ouve o Músico compondo? Vou pintar o pouco que vejo, o que ouço, o que sinto!

Falava com as mãos como se já pintasse no vento.

— E o medo? É possível pintar o medo, Pintor? É branco ou negro o medo?

— Depende: hoje, pintaria gente se agarrando a uma rocha em pleno meio-dia, por medo de sombras e assombrações...

Riram recostando nos arreios e fecharam os olhos. Quando abriram, todos estavam ali de novo, algumas crianças até dormiam.

Quando tomaram a estrada para o castelo, Bobuque sussurrou ao Pintor:

— Hoje você pintou muito bem.

Mas o Pintor nem ouviu: cutucava a estrada com o bordão, desviando das pedras e buracos.

Era a pior estrada que aquelas carroças já tinham rodado. Logo viram que, com aquele peso, elas quebrariam a qualquer momento; então as crianças foram a pé, as maiores carregando painéis e ferramentas, levando as menores pela mão, e todos que podiam levavam os arados ou as trouxas e sacos; só os aleijados das pernas e as sacas de sementes continuaram nas carroças.

E a estrada subia, o vento aumentava. Cruzaram o riacho do vale, um filete d'água escorrendo entre prainhas de areia grossa e manchas de terra ali e lá, várzeas de capim ressecado. O mercador contou que o Rei só tinha passado ali duas vezes, para visitar um dos reinos vizinhos, senão teria de contornar toda a serra, mais três dias de viagem.

— E só por isso construíram um castelo — Bobuque se espantava.

— Ora — o mercador até estranhou — Dizem que você é duque, mas parece que nada conhece dos nobres: são capazes de erguer uma catedral às custas do povo só pra pagar uma promessa qualquer. Onde você viveu, homem?

Bobuque riu:

— Vivi para os nobres, meu amigo.

Agora, nada via para rir. Lembrava as gargalhadas da corte e já via o rochedo do castelo lá no alto do vale: parecia um punho de pedra ameaçando quem chegasse. Mais e mais pedras iam brotando das encostas, pedras cada vez maiores, até que a estrada começou a serpentear entre rochas e, anoitecendo, tiveram de pernoitar no sopé do rochedo, tão cansados que mal tiveram tempo de ter medo.

Mas alguém acendeu quatro velas em cruz em volta do acampamento. Amanhecendo, viram que as velas continuavam inteiras.

— Quem terá soprado? — agachados em redor das cinzas da fogueira,

quatro velhos se perguntavam, cada um com uma das velas na mão — Quem diabo terá soprado essas velas?!

— Decerto foi quem também soprou as cinzas da fogueira — o Poeta piscou — O vento, quem mais?

E rindo acendeu a fogueira para o chá, mas ninguém mais ria.

Todo o cansaço da viagem desabava de repente sobre todos, e cada um sentia nos outros um medo de encarar, um desânimo de arrumar as tralhas, uma vontade de voltar. Viam o rochedo lá em cima, tão alto que os dois picos furavam as nuvens — e, de tão estreita, mal se via a estrada lá para o alto. Quando as carroças se moveram, até os cavalos iam de cabeça baixa.

A estrada agora era de pura pedra, e os cavalos se esforçavam bufando, as vacas empacavam, as crianças cambaleavam, os velhos fraquejavam como nos primeiros dias. Foi preciso cutucar e empurrar, puxar e arrastar, amparar, lutando contra o vento e mascando trigo duro para não perder tempo com fogo e comida quente (caso conseguissem acender fogo naquele vento). O dia inteiro subiram sem parar, e o vento aumentava até uivar nos penhascos.

— Eis os uivos das sombras... Bobuque riu.

Mas ninguém mais ria. O medo empurrava a marcha mais e mais depressa: até meio-dia tinham vencido metade do rochedo, mas agora, vendo crescer nuvens escuras nos quatro horizontes, subiam como se descessem, quase correndo — e bem antes do anoitecer chegaram aos portões do castelo.

Na verdade, não havia portões. Nas seteiras da muralha, em vez de soldados como em todos os castelos, touceiras de capim espiavam o vale lá embaixo. As chuvas do outono deixavam manchas de limo nas pedras, caretas de deboche na muralha.

Entraram. Foram recebidos por um lagarto imóvel no centro da praça. As rodas estalaram nas pedras, o lagarto correu rabeando e sumiu numa greta. Das paredes rachadas minava água — e olhando aquilo, as rugas se afundaram mais na cara dos velhos. As crianças não tiveram ânimo de correr e brincar, ficaram em volta das carroças.

Sexto foi o primeiro a ir além da praça; foi se mirar na água do bebedouro de cavalos, e logo Sábado e Fruta também começaram a espiar e mexer aqui e ali. Domingo subiu ao alto da muralha e ficou olhando o vale. Primavera e Flor começaram a catar flores de capim. Sexto já entrava por uma porta e saía por outra, correndo com o vento, enquanto Sábado e Fruta riam espantando lagartos. Primavera e Flor enfeitavam as crinas dos cavalos.

Então os velhos deixaram de olhar a praça vazia e a muralha arruinada, foram vasculhar a cocheira, o alojamento dos soldados, o refeitório, os

salões, os quartos, a cozinha: aqui e ali um catre quebrado, uma panela abandonada, um lençol aninhado de cobras, um pedaço de lança. Catando tudo, não encheriam metade duma carroça.

— O castelo e todos seus pertences... — Bobuque sorriu com o olhar perdido naquele monte de trastes. Quando ergueu o olhar, uma nuvem cobriu o sol, a sombra desceu sobre a praça e viu que o medo encolhia os ombros e baixava os olhos de todos. Uma réstia de sol escapou e mostrou a sombra da muralha já se alongando pela praça; e depois as nuvens cobriram todo o céu. Alguns começaram a juntar madeira para uma fogueira, Bobuque agachou junto:

— Aqui em cima não existem árvores, vamos precisar de todo pedaço de madeira para fazer camas, mesas e armários. Que tal a gente se preocupar agora com outras coisas?

— Que coisa é melhor que luz e calor?! — apontaram as sombras crescendo de todos os lados, e chutaram os pedaços de tábuas e galhos secos — E que móvel se pode fazer com isto?!

Mas Bobuque desfiou uma corda para fazer barbantes, amarrou capim num galho e fez uma vassoura.

— De gravetos podemos fazer uma vassoura. Das tripas podemos fazer coração! Não bastam só dois paus para fazer uma cruz? O que não faremos então com uma porção de paus?! Se vamos viver aqui para sempre, agora é hora de trabalhar enquanto temos luz!

Começou a varrer e o Poeta a arrancar mais touceiras de capim:

— O homem é o inventor das invenções! Quem tem capim e pano tem colchões!

O mais surdo dos músicos nada ouvia; continuava cantarolando sua melodia — e pegou a rabeca, começou a tocar; e naquele ritmo, Bobuque e o Poeta continuaram a trabalhar. Mais um, mais outro, logo todos também trabalhavam descarregando as tralhas, varrendo e arrumando os quartos, limpando o fogão de pedras da cozinha — e nem viram quando a sombra da muralha se estendeu por todo o castelo. Ainda trabalhavam no ritmo da música quando tiveram de acender velas para ver o que faziam. No fogão, faziam uma sopa com todos os restos da viagem, de mistura com trigo moído na mó do próprio castelo, e com metade da água do único barril; mas, de tão cansados, nem conseguiam se preocupar com água para o dia seguinte. Só as crianças ainda corriam pelos quartos. Desabados nos colchões, os velhos comiam, tremendo as colheres e ensopando as barbas, depois sugavam as tigelas. As velhas escovavam com garfos de madeira as teias de aranha dos cabelos. Um dos homens já dormia com a colher ainda na boca. Entre os aleijados, os dois manetas riam: tinham trabalhado no moinho, andando em

círculos para girar a mó; e ainda estavam tontos mas felizes.

— Por que riem tanto? — o Pernetá perguntou e depois ficou pensando na resposta: — Achar serviço para manetas é mais difícil que para cegos; você devia se dar por feliz de ter as mãos.

Uma velha disse que não via motivo para tanto riso: eram quase todos velhos, num castelo abandonado, amontoados como bichos, e o outono andava bondoso com pouca chuva, mas isso era só sinal de que o inverno seria cruel. As velas jogavam sombras nas paredes, e lá fora o vento torcia e retorcia a chuva.

Num canto, Bobuque sussurrou ao Poeta:

— Se tivermos de descer todo dia até o vale pra buscar água, não sei se vamos agüentar.

— Amanhã é outro dia — o Poeta soltou um suspiro curto de cansaço — Por mim, mesmo que a gente tenha até de voltar, valeu: foi uma viagem pra dentro de mim mesmo. Não tenho mais medo de nada, meu amigo.

Fechou os olhos, ainda ouvindo os risos das crianças; e dormiu sorrindo.



3. As primeiras graças

Quando o primeiro fio de sol se enfiou no castelo, o Poeta abriu os olhos. Piscou estranhando: alguma coisa tinha acontecido mas procurava com o olhar e com os pensamentos e não achava, não atinava

— mas estava em paz, todos ainda dormiam e...

— O vento parou, é isso! — falou baixinho e Bobuque acordou. Ficaram quietos ouvindo aquele silêncio, até que o Poeta botou a mão na orelha:

— Escute...

De longe vinha um rumor, como se carroças com rodas de folhas subissem a estrada. Pisando entre braços e pernas foram, até a porta, até a praça, até o portão do castelo. O rumor não vinha da estrada. Viram um trilho serpenteando pelo rochedo, enveredaram por ali e

— de repente — deram com um fio d'água cascadeando entre as rochas. Ali nascia o riacho do vale, e pelo vale ecoaram os gritos:

— Ei, gente, ei!

— Venham ver!

— Venham beber!

— Água corrente!

Dançando de alegria no trilho, Bobuque escorregou, rolou pelo rochedo, quase caiu no precipício. Agarrado num arbusto miúdo, enquanto esperava uma corda, olhou o vale, o rochedo, o castelo, olhou sua gente debruçada lá em cima, na beirada do precipício, o Pernaeta ajudando a puxar a corda. Quando botou de novo os pés em rocha firme, estava sério como nunca tinham visto — e chamou todos para a praça.

Ainda sangrando dos arranhões, pediu silêncio com as mãos e, com o sol nascendo atrás da cabeça, contou que, lá dependurado no abismo, tinha ouvido uma voz. Viu que os medrosos já se encolhiam rezando e cochichando: fantasmas, sombras, vozes... que vida esperava por eles naquele castelo? Não seria melhor voltar enquanto era tempo?

— Ouvi uma voz — Bobuque repetiu fechando os olhos como se ainda ouvisse o eco — e ela me mandou dizer a vocês *Os Sete Palpites da Vida Eterna*.

O *Primeiro Palpite* era que, nesta vida, só a morte é certa, além, é claro, dos imprevistos e das descobertas.

O *Segundo Palpite* lembrava que o que passou, passou; ninguém pode adivinhar o futuro e, assim, a Eternidade é hoje.

O *Terceiro Palpite* receitava perdão para curar o coração; e, para os males da alma, receitava nenhuma ambição.

O *Quarto Palpite* dizia que ninguém é maior que o próprio tamanho — mas que vontade e trabalho removem montanhas.

O *Quinto Palpite* ensinava que para trabalhar feliz só há um jeito: fazer com prazer e cada vez mais bem feito.

O *Sexto Palpite* garantia que para a aventura é preciso coragem — mas que mudar a si mesmo é a melhor viagem.

Finalmente, o *Sétimo Palpite* lembrava que a vida é mistério, a morte é segredo — e perguntava: então por que tanto espanto? para que ter medo?

Coroadado pelo sol, Bobuque recitou os Sete Palpites e abriu os olhos; o vento voltou. Um velho caiu de joelhos. Um aleijado, que já vivia ajoelhado, curvou até pousar a testa nas pedras. Outros também já ajoelhavam quando o Duque da Santa Graça deu um murro num barril:

— O que vão fazer? Rezar?! Então não ouviram nada! Temos é de encher este barril pra fazer o almoço, moer mais trigo, fazer mais camas e colchões e...

— Dar banho nas crianças — uma mulher catou uma bucha — antes que fiquem de novo com feridas.

— E procurar ovos nesses penhascos: ontem vi águias e gaviões — o Pedreiro pegou uma sacola.

O Soldado mostrou um pedaço de madeira:

— Se conseguir caniço para as flechas, com isto posso fazer uma besta, caçar alguns lagartos...

Vários lembraram que lá embaixo no vale cresciam caniços na beira do riacho.

— Eu era sapateiro de infantaria antes de perder as pernas na guerra — o Perneta lembrou — e sei trançar couro: será que se pode trançar couro de cobras e lagartos?

— Se puder — um dos manetas esfregou na barriga a única mão — que tal fazer uma rede pra pescar no riacho? Se existe uma coisa que sei fazer é pescar!

Um camponês apontou o sol e nuvens:

— É época de plantio e vai chover logo. Por que não levamos sementes pra plantar no vale?

— Podemos voltar com a carroça cheia de terra — emendou outro — pra plantar aqui cebola e alho em canteiros.

— E batatas. Temos algumas batatas, não temos?

As crianças já iam para a cascata, levadas por um dos manetas:

— Vou ensinar os maiores a dar banho nos menores. Sempre deram banho em mim, chegou a vez de ensinar...

O Pedreiro disse que, com uma marreta, talvez abrisse uma valeta para a água descer diretamente ao castelo.

— Marreta não temos — o Ferreiro, corcunda de tão velho, bateu uma espada na muralha — Mas olhem como isto é aço do melhor, achei ontem. Se me levarem até uma aldeia onde tenham uma forja, vamos ter mais de uma marreta...

— Podemos descer com os dois cavalos e deixar um pastando no vale, outro aqui em cima, na viagem seguinte trocamos. Assim, sempre teremos um cavalo descansado e forte.

— Por falar em trocar, podemos trocar essas vacas por cabras na aldeia. Cabras comem qualquer capim e...

Discutiam, faziam planos, uns já arreando os cavalos, carregando sacas, arados; outros catando mais palha para colchões, outros limpando o moinho. Quando o Maneta voltou com as crianças, procurou o que fazer e logo achou: com uma roda e uma correia, podia mover o moinho com as pernas. Na praça, uma mulher descobriu que só com o calor do sol era possível assar panquecas sobre um escudo de metal; e os meninos maiores já voltavam com ovos e contavam de ninhos e grutas, plantas e poças d'água pelos penhascos.

Bobuque consertava uma mesa quando o Poeta cutucou piscando:

— Escute, ouviu mesmo a tal voz?

— Claro — Bobuque piscou também, e não precisaram falar mais nada: acenaram e deram até amanhã aos que saíam de carroça com as vacas atrás.

Já anoitecia no dia seguinte quando a carroça voltou puxada pelo cavalo e empurrada pelos homens. Vinha cheia de lenha e terra. Os homens traziam duas marretas, mais um barril, meia dúzia de cabras, umas galinhas e

notícias que brilhavam nos olhos:

— Os príncipes estão brigando pelo Reino.

Contaram que coletores de impostos andavam pelas aldeias:

— E agora cobram em dobro: primeiro para um príncipe, depois para o outro. De nós levaram duas cabras.

— E estão de novo recrutando soldados, mas sabem que só temos velhos e crianças.

Voltavam cansados mas alegres:

— Plantamos toda semente que levamos, um pouco aqui, um pouco ali.

— A terra é pouca mas é boa, em manchas. Mas que cheiro é esse?

Uma sopa fervia na cozinha e o cheiro se espalhava por todo o castelo.

— Nunca vi uma sopa cheirar assim, devem ser os cogumelos — o Cozinheiro até tonteava.

— Só pode ser a água — a Cozinheira arriscou: era uma água borbulhante de tão gasosa, gelada de tão pura quando minava das rochas.

Os meninos tinham achado grutas forradas de cogumelos, e aranhando pelo rochedo descobriram as minas que formavam a cascata, poças d'água com plantas que agora também ferviam na sopa. Com cordas e cestos, foram dia a dia explorando os penhascos, achando mais ninhos e grutas, regaços úmidos onde viviam pequenos animais sempre caçados pelas cobras; e vendo como elas caçavam com esperteza e paciência, com elas aprenderam a caçar.

Tinha duas cristas o rochedo; numa, estava o castelo; na outra, os meninos avançaram até onde um paredão liso impedia a subida.

— Um dia — Sexto se prometeu — vou subir até lá.

— Isso, se Deus quiser — Domingo sussurrou olhando para o alto.

Lá o pico mais alto se enfiava nas nuvens. Mas ali já estavam tão alto que mal reconheciam o Pedreiro marretando na cascata.

Numa semana, a água passou a correr pela valeta aberta à marreta, caindo ao lado do castelo, de onde descia beirando a muralha, passando pelo estábulo e pela cozinha, para cascadear pelas rugas do rochedo até serpentear pelo vale.

Quando chovia muito e a valeta enchia demais, uma comporta de madeira regulava a vazão da água. Lá de cima, um dia, os meninos viram o Pedreiro colocar a comporta e gritaram; o eco respondeu e o Pedreiro acenou. Depois, continuaram a explorar os penhascos como faziam todo dia.

— Se Deus quiser, claro — Sexto repetiu — um dia vou subir até lá. Vamos?

Só Sábado respondeu:

— Para quê?

Era o mais prático dos três, o que sempre achava os ninhos e recolhia os ovos, dava a mão para ajudar Domingo a subir e puxava a perna de Sexto para ir mais devagar.

Onde as cabras conseguiam subir, eles também subiam. Elas logo se acostumaram a pastar nas rochas, arrancando capim até na beirada dos precipícios, sempre magras mas tetudas, com cabritinhos cada dia mais espertos. Aquela água parecia fazer muito bem a todos, e também as plantas dos canteiros agradeciam crescendo muito verdes.

O primeiro cabrito nasceu quando os primeiros canteiros de batata começaram a enverdecer, e tiveram de ser cercados para que as cabras não comessem as ramas. Lá embaixo no vale, também já viam um verde novo: os trigais espalhados pelas manchas de terra entre as pedras e as macegas de mato.

Quando acabou o trigo que tinham trazido, o trigo plantado ainda nem amarelava, e as primeiras batatas que arrancaram dos canteiros ainda estavam miúdas. Mas os dias encurtavam, as noites esfriavam. Então desceram até as aldeias para trabalhar no que pudessem, ganhando o que pagassem. Foram ajudantes de pedreiros, alugaram os cavalos, tiveram de vender uma das cabras e dois cabritinhos, fizeram algum dinheiro com cintos de cobras e lagartos, cestas de cogumelos, poemas para casamentos e nascimentos.

A idéia de vender poemas do Poeta e de Bobuque animou o Pintor a pegar de novo os pincéis; até então, tinha medo de, pouco vendo, pouco vissem nas suas pinturas; então vivia falando o que ia pintar, mas nada pintava. Além disso, não tinha telas — mas em retalhos de lençóis inventou de pintar o penhasco entre nuvens, o vale visto ao longe num dia de névoa, o castelo anoitecendo, árvores ao vento na chuva; tudo que, em movimento ou em sombras ou névoa, não parecesse visto por um quase cego. Os camponeses compravam os quadros pagando com trigo ou batatas, penduravam na parede do casebre e chamavam os parentes para ver, e assim se sentiam nobres ou, mais até, artistas também.

Os poemas tiveram menos sorte. Muitos não valeram mais que um pão ou uma fruta — mas todas as sementes de frutas foram guardadas para plantio na primavera: maçãs no vale, videiras nós regaços do rochedo. Mas, enquanto ainda esperavam o inverno, com restos de comida engordavam em tanques os peixinhos pescados no vale e trazidos em barris; e sempre que subiam com a carroça, mesmo fracos de fome, levavam mais terra para novos canteiros.

Enquanto o trigo crescia, andaram pelo vale para não desesperar — e, ensinados pela fome, aprenderam a caçar coelhos com armadilhas, a comer ratos do campo com a mesma fome com que tinham comido cobras e lagartos, e, com a mesma fê, plantaram mais batatas, mesmo com vontade de comer até a última.

As crianças emagreceram — mas não deixaram de crescer. Um dia, Sexto escalou o paredão cravando pinos e, lá do pico do rochedo, trouxe nas costas um cesto de ovos e uma águia morta a paulada.

— Deus quis — disse a Domingo assim que desceu.

— Mas se a gente continuar acabando com os ninhos — Sábado falou já feito homem — um dia não vamos ter mais ovos por aí.

— Seja o que Deus quiser — Domingo repetiu.

— Talvez Deus queira que a gente crie mais galinhas — Sábado falou como Bobuque, como quem pensa em voz alta e é obedecido sem mandar.

Davam às galinhas todo resto de comida, e mesmo assim elas viviam bicando as pedras da praça, rodeadas de pintinhos. No dia em que desceram do penhasco com a águia e os ovos, a sopa era tão rala que parecia chá, mas foi engrossada com os ossos e os miúdos, e aquele caldo levantou o ânimo de todos.

— Como vamos passar o inverno se no outono já não temos comida? — o Poeta soprou a Bobuque naquela noite.

— Com meninos assim — Bobuque sorriu com os olhos — amanhã nunca vai ser pior que hoje.

A carne e os ovos da águia, como os das galinhas, ficaram para os meninos e meninas maiores, e o leite das cabras para os menores.

As meninas, mesmo magras, ficavam cada dia mais fortes, bonitas e alegres. Brincavam ajudando a Cozinheira a descascar batatas, com cascas tão finas que só mesmo meninas brincando teriam tanto capricho; e todas as cascas iam para as galinhas ou para o chá. Brincavam de regar os canteiros, brincavam de remendar roupas, brincavam de trabalhar de todas as maneiras, que trabalho era só o que sobrava no castelo.

Com tanto trabalho, os velhos nem tinham mais tempo de lembrar das sombras. Afinal, o inverno já chegava e era preciso trabalhar até para se esquentar; colher o trigo antes das neves; armazenar; moer; estocar a palha para os cavalos e as cabras; calafetar o estábulo, fazer galinheiros na sala de armas, catar até o último pedaço de pau do vale. Encheram os barris de cogumelos em conserva, depois que os meninos vasculharam todas as grutas.

O Poeta tinha cabelos escuros e barbas brancas:

— Decerto porque meu corpo envelhece, a cabeça não — dizia rindo quando perguntavam como era possível. Agora, olhava a trabalhadeira dos

velhos, cocava a barba e dizia que, daquele jeito, ou estavam remoçando ou iam morrer de tanto trabalhar.

— Podemos morrer — o Tesoureiro respondia fazendo contas de tudo — mas antes temos muito que fazer.

Sempre deixavam um homem dormindo no vale: era preciso amarrar o cavalo para não comer as plantações, e desamarrar de manhã para pastar o capim já amarelado pelo outono. Enquanto colhiam o trigo, os cavalos engordavam, as cabras se fartavam e já era um consolo.

Como consolo não mata fome, receberam com alegria a notícia do vigia: um bando de patos em migração tinha pousado no brejo do vale. No mesmo dia, a carroça desceu com o Soldado, e Sexto e Sábado, aprendizes na arte das flechas. Voltaram no dia seguinte com fieiras de patos que foram cozidos para tirar a gordura e depois charqueados.

Assim, usaram todo o resto de sal. Para colher o trigo, quase todos desceram para o vale com foices feitas de facas amarradas em paus, os poucos facões, as sacas vazias que encheram várias vezes para esvaziar na despensa do castelo. Os trigais eram manchas tão amarelas no vale que até o Pintor enxergava lá de cima, e dia a dia foram sendo ceifados, dia a dia a despensa foi enchendo e os dias encurtando mais, escurecendo mais cedo e esfriando mais à noite.

Trocaram parte do trigo por conservas da aldeia. Os meninos passavam dias inteiros caçando no vale, cada dia mais certos. Só a Cozinheira continuou a cozinhar a comida do dia: o Cozinheiro charqueava e conservava carnes, frutas e legumes para o inverno. A sala de armas, onde se via o brasão real desbotado numa parede, acabou cheia de galinheiros — e as letras em latim, do brasão, acabaram cobertas por palha e capim.

Então caiu a primeira neve, a estrada ficou tão perigosa que não desceriam mais ao vale até a primavera.

Todos emagreceram mas ninguém adoeceu naquele inverno. O vento enfurecia espremido entre os penhascos, esbofeteava o castelo com rajadas de neve; em alguns dias, ninguém conseguia botar a cara para fora. Mantinham o fogo aceso com velas, mas elas agora acabavam tão depressa que tiveram de inventar pavios de estopa para queimar no azeite — e quase na escuridão mesmo de dia, passaram semanas ouvindo histórias de Bobuque e do Poeta, amontoados e encorujados no salão para aquecer uns aos outros. Quando a nevasca parava, o Soldado saía com a besta e voltava com uma águia, um gavião, um lagarto, a sopa engrossava — mas, na despensa, o charque ia acabando, e na sala de armas já se via de novo o brasão real:

mesmo sem trabalhar, os cavalos e as cabras comiam muito naquele frio. Todos também comiam mais, o trigo sumia depressa da despensa.

No dia mais frio, quando a neve cobriu tanto a praça que mal conseguiam abrir as portas, os músicos voltaram a ensaiar com os dedos endurecidos. Ficavam cada dia mais surdos, mas tocavam juntos cada vez melhor. Aprendiam a se olhar: os dedos diziam em que harmonia tocava a viola, que notas a flauta soprava — e também trocavam olhares e pequenos gestos ensaiados. Nunca tinham tocado juntos antes da viagem ao castelo, mas muitas músicas eram conhecidas dos três, e com o tempo mais músicas tiravam da memória. O músico da rabeca ensinou os outros a ler as notas, e criava composições em que a viola fazia o ritmo e a harmonia, enquanto a flauta e a rabeca se entrecruzavam. Era um tipo de música nova mesmo para aquela metade de Idade Média — mas a gente do castelo simplesmente ouvia e gostava, e assim iam agüentando o inverno.

Desde os primeiros dias no castelo, o Pintor pedia aos meninos para trazerem ervas das rochas, e às vezes descia com os homens na carroça, passava um dia inteiro vagueando pelo vale, à cata de mais ervas e flores do mato. Tinha aprendido um pouco da alquimia de tintas, e outro tanto inventava; e em cozimentos e curtições foi conseguindo as cores; primeiro o verde, destilado de ervas; depois o vermelho, à custa de cozinhar sementes; depois o amarelo, uma pasta de sacas e sacas de flores amassadas; e finalmente o azul, de um corante trocado na aldeia pela última tela pintada com as tintas de outrora. Agora, as novas tintas não tinham tanto brilho nem tantas cores, mas serviam muito bem para as paredes de um castelo tão pobre — e assim, conforme os dias ficavam mais cinzentos lá fora, mais colorido ficava o castelo por dentro.

Quando acabou o azeite, mataram uma das cabras para queimar na banha os pavios de estopa. Depois tiveram de matar um dos cabritos — mas, quando queimou na candeia e última gota de banha, saiu o primeiro sol da primavera.

Quando acabou a palha dos animais, o degelo acabou e o vale começou de novo a enverdecer, plantaram novos trigais e ainda sobrou trigo na despensa.

Quando acabaram as últimas batatas, as galinhas voltaram a botar como nunca.

E, quando Bobuque e o Poeta desceram para vender um dos cavalos na aldeia, não foi preciso: puderam comprar fiado mais azeite, sal, conservas e charque, até um barrilete de mel e outro de vinho. Tinham sobrevivido, e agora o povo da aldeia confiava neles: pagariam com trigo da colheita de verão.

Quando voltaram ao castelo, as mulheres e as meninas já tinham plantado as sementes guardadas: maçãs no vale, videiras nos regaços do rochedo. O Pedreiro era coxo e, para morar a seu modo, reformava a escada de um dos torreões: um degrau alto, um degrau baixo, um alto, um baixo. Os músicos ensaiavam na praça. O Pintor pintava flores nas paredes da praça, nas muralhas, de modo que, já do vale, os poucos viajantes viam que aquele era o menos guerreiro dos castelos da Idade Média.

O vento tinha virado uma brisa morna e só a água da cascata continuava fria. As crianças corriam coradas. Bobuque deixou o cavalo no bebedouro e se olhou num dos tanques. Com peixes passando pela barba de meses, viu um homem cansado — mas sorriu. Fazia um céu azul com nuvens brancas.

— Que lua é hoje? — perguntou ao Poeta.

— Entrada da lua cheia.

— A noite certa para uma festa.

Quando pintou a primeira estrela, abriram um barrilete e ferveram com mel um caldeirão de maçãs, e se deram o luxo de gastar lenha numa fogueira na praça, onde assaram os últimos patos e enfiaram batatas nas brasas. Abriram outro barrilete, e até os meninos e meninas maiores tomaram vinho misturado com água e mel; ficaram ainda mais corados. Os menores corriam subindo e descendo escadas, montando nas cabras, gritando pelos salões coloridos.

Vendo aquilo, os velhos sorriam com o olhar, sentiam aquelas crianças ao mesmo tempo filhos e netos. Agora, olhando bem, viam que alguns já não eram tão crianças: até Sexto já tinha um bigodinho de penugem — e seriam dos seios aqueles dois biquinhos cutucando a blusa de Fruta? Seria engano ou Flor olhava encantada para Domingo?

Olhando melhor, viam que eles mesmos não estavam tão velhos — e naquela noite em redor da fogueira, depois do segundo copo, pela primeira vez aqueles homens e aquelas mulheres tinham tempo de se olhar mais nos olhos, e mais fundo se viam, e, talvez por causa do fogo, talvez por causa do vinho, viam também faíscas que antes não tinham visto neste ou naquele olhar.

As crianças menores já dormiam, o flautista começou a tocar suave e a lua já ia alta quando aqui a mão de um homem pegou na mão de uma mulher, ali a mão de uma mulher pousou no ombro de um homem. Eram mãos calejadas e arranhadas, sardentas de velhice — mas os olhos estavam brilhantes, os corações leves. O Poeta cutucou Bobuque: a Cozinheira deitava a cabeça no ombro do Cozinheiro.

— Não parece um milagre?

— É só a vida — Bobuque continuou descascando uma cebola e olhando

os casais até enxugar uma lágrima.

— Você ainda é jovem — e perguntou ao Poeta — Por que não vai às aldeias procurar alguém?

— Prefiro esperar aqui mesmo — o Poeta olhava Fruta e Flor — Se a gente tem paciência, a solidão pode ser uma graça.

— Por falar nisso — o Cozinheiro entrou na conversa — não acham que a gente devia dar graças?

O inverno tinha sido tão duro que tinham até esquecido do Natal, então Bobuque disse que deviam dar graças, antes de tudo, por aquele Natal, mesmo tão atrasado. O Poeta ficou pensando e, quando pigarreou, já tinha pronta a oração que repetiria a cada ano: "graças ao ar que respiramos; graças à água, à terra, ao sol; graças às mãos que fizeram tanto; graças a Deus, graças a nós; graças por todo dia do ano".

Os músicos pegaram a viola e a rabeca. A brisa passava pelo castelo e descia para o vale. Lá na aldeia, os melhores ouvidos podiam jurar que de algum lugar vinha um rumor, uma música, um canto — seria possível? Quem teria o que cantar depois de inverno tão frio?

No entanto cantavam no Castelo do Canto.

Naquela primeira primavera no castelo, as sementes de maçã brotaram quase todas — e, antes do verão, as plantinhas já soltavam folhas novas a cada semana. Também a cada lua mais se enroscavam nos rochedos os ramos das videiras. Os peixes cresceram e engordaram nos tanques, as galinhas botavam pontualmente todo dia, os cavalos pastavam tanto que pareciam gostar quando viam os arreios e as carroças, pareciam pedir para trabalhar. As cabras foram levadas até a aldeia para cruzar com um bode velho que, diziam, já não valia nada — mas todas mostraram o contrário e tiveram mais cabritinhos. Antes que o dono do bode soubesse das crias, o Tesoureiro ofereceu pelo animal meia saca de trigo e, num dia em que os meninos olhavam as nuvens sem ter o que fazer, de repente deram com aquele bicho de barbicha, ali, nos penhascos.

O bode ganhou um nome nobre — Generoso I — e, com os meninos, começou a remoçar, cada dia subindo mais alto e saltando nas rochas com mais vigor.

— Parece nossos velhos — o Poeta reparou — Viu como eles estão remoçando?

— Ou, pelo menos — Bobuque corrigiu — já não parecem tão velhos.

O certo é que, a cada dia, mesmo o mais velho dos velhos amanhecia melhor naquela primavera. Sapateiros, ferreiros, moageiros, despenseiros,

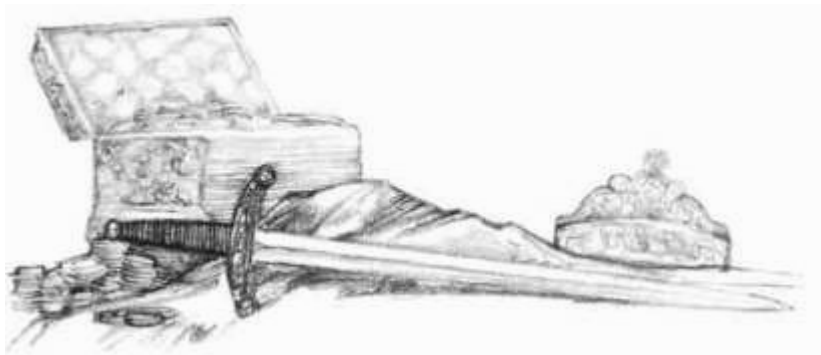
tecelões, carpinteiros, faxineiros, pastores, cozinheiros, pedreiros, caçadores, pescadores, uns com os outros iam aprendendo a fazer de tudo, homens e mulheres trocando habilidades como se trocassem riquezas.

Viram a segunda plantação crescer maior e melhor que a primeira, e riam só de pensar que, naquela altura da vida, no alto de um castelo desassombrado sobre um vale pedregoso, colheriam mais que nunca, longe dos coletores de impostos e dos batalhões famintos das guerras sem causa nem fim.

Colheram tanto que sobrou trigo para trocar por muitas coisas nas aldeias. No outono, plantaram também centeio e aveia. Como o mato do vale dava muitas flores, começaram a criar abelhas, e a partir do terceiro Natal sempre teriam mel próprio. E verão depois de primavera, inverno depois de verão, em quatro anos as videiras deram as primeiras uvas e, quando floriram as primeiras macieiras, o castelo já tinha também seu pouco mas próprio vinho.

No entanto, o que mostrou aos olhos de todos como tudo tinha mudado, foi a decisão do Soldado de voltar a caçar ovos nos ninhos do rochedo — não por fome como naqueles primeiros tempos, mas para que as águias não comessem as galinhas, tantas galinhas que às vezes era difícil passar pela praça com as novas carroças.

Mas, então, outros olhos de rapina já vigiavam o castelo.



4. Ao Rei o que é do Rei

Quanto mais plantavam, mais o vale mudava, o verde das plantações se via de longe na estrada — e, quando amarelavam, gente das aldeias começou a se perguntar por que tanto para tão poucos... Os pensamentos viraram assaltos noturnos, as plantações amanheciam ceifadas aqui e ali. Mesmo assim, sobrava muito trigo para trocar por teares, fios para tecer, ferramentas, carroças novas, de modo que a cada ano o castelo precisava de menos coisas, e mais trigo sobrava: assim, não concordaram quando o Soldado quis vigiar as plantações à noite.

— Deus cuida — Domingo falou por todos, e Bobuque ficou olhando o rapaz.

— Muito bem — Sexto falou com o arco numa mão e uma flecha na outra — Muito bem. Mas, se Deus não cuidar muito, não seria melhor a gente cuidar um pouco?

Já era melhor arqueiro que o Soldado, e todos seus músculos pareciam pedir ação. Os velhos todos já tinham opinado de um modo ou de outro, falando ou silenciando, concordando ou discordando com olhares e meneios de cabeça. Então Sábado opinou:

— O tempo dirá. Deixar que roubem é melhor que nada ter, e talvez seja nosso jeito de pagar imposto...

Bobuque continuou olhando os rapazes. Já tinham começo de bigode, enquanto as três meninas já eram moças. Eles já iam longe com a carroça buscar lenha em outros vales, elas já faziam queijos e teciam as próprias roupas, cuidavam de um jardim que agora se debruçava no precipício em frente ao castelo. O Ferreiro tinha meninos aprendizes, e até uma forja

tinham agora, faziam as próprias ferramentas. Mas, rodando o olhar pelo salão, Bobuque viu que para alguém ainda faltava muito na vida: o Poeta, agora tinha fios brancos também nos cabelos, olhava Fruta com olhos de quem nada via além dela. Mas Fruta só olhava para Sábado; Flor é quem olhava para o Poeta, e para Flor é que Sábado olhava, enquanto Primavera não tirava os olhos de Sexto, que olhava longe pela janela; e Domingo, se olhava alguém, parecia não ver, olhava para dentro de si mesmo.

— Seja o que o tempo quiser — Bobuque acabou a conversa e saíram para mais um dia de trabalho, rindo e brincando como se fossem a uma festa.

O povo das aldeias cochichava quando passavam: pareciam ter alguma coisa diferente aqueles rapazes, alguma coisa que dava respeito e inveja — que seria? Mesmo quando voltavam suados e descabelados, com a carroça cheia de lenha que buscavam cada vez mais longe, até as crianças olhavam como se vissem gente de outro tipo.

— São orgulhosos — diziam as mulheres nas janelas — Olham sempre de cima pra baixo.

— São uns tontos — diziam os homens nas tabernas — Devem pensar que são nobres, pobres bastardos, só porque são da "corte" do Duque da Santa Graça...

E riam — mas silenciavam quando os rapazes desciam da carroça e cumprimentavam todos como quase ninguém fazia. Sempre paravam em alguma taberna, mas nunca pediam mais que água e um pão, que repartiam como irmãos.

— Mas não se parecem, uns são loiros, outros morenos — os homens cochichavam — Pobres bastardos...

Eles às vezes ouviam os cochichos, faziam que não ouviam. Sempre levavam maçãs para os aleijados e mendigos das aldeias, e também com maçãs pagavam o pão.

Um dia pararam cansados na taberna da aldeia mais perto do castelo, pediram pão e comeram num canto. Depois deixaram no balcão as três maçãs de sempre.

— Não — o taberneiro piscou para os homens que sempre ficavam ali lustrando as mesas com os cotovelos — Não quero mais maçãs, quero dinheiro.

Sábado disse que não tinha dinheiro e ficaram esperando.

— Que é que estão esperando? Comeram meu pão, não? Agora, quero meu dinheiro! Cocem-se! — o taberneiro falava vermelho de vinho — Eu, se fosse vocês, não ficava tão tranquilo...

— Não usamos dinheiro, o senhor sabe, nunca foi preciso — Sábado falou calmo como sempre.

Mas o taberneiro engrossou mais a voz:

— Pois agora é preciso! Não pedi maçãs, não quero maçãs! Ou pagam com dinheiro ou com trabalho! Como é seu nome, rapaz?

— Sábado, senhor.

Os homens riram mas ele continuou calmo:

— Que trabalho podemos fazer?

— Muito bem, senhor Sábado — o taberneiro deu mais um gole piscando para os homens — Pão se assa com lenha, sabia?

— Peguem duas braçadas de lenha na carroça — Sábado falou baixinho, mas Sexto falou alto:

— Por que duas braçadas? Uma deve pagar até mais de um pão! O taberneiro riu:

— Você não perguntou o preço do pão: tem de pagar o que eu pedir!

Os homens trocavam olhares e sorrisos.

— Quero toda a lenha da carroça.

Sexto encarou:

— Não!

Mas Sábado cruzou as mãos nas costas, foi até a janela olhar a carroça e, quando se virou de novo para o taberneiro, sorria ainda mais calmo:

— Bom pão. Mas, por melhor que seja, foi feito de um punhado de farinha, num forno com todos os outros pães. Não será muita lenha por um só pão, senhor?

— Pague, rapaz — uma voz de bêbado saiu de um canto da taberna — Somos testemunhas: você não perguntou mesmo o preço...

— E deve estar devendo muitos pães que pagou até hoje com maçãs — outra voz continuou, mais bêbada.

Eram dois soldados. Um levantou da mesa e se postou na frente de Sábado:

— Vai pagar ou não vai?

— Não! — Sexto quis se enfiar no meio dos dois, mas Sábado afastou o companheiro sem desviar os olhos do soldado:

— Chamem o Duque.

— Mas a carroça fica! — o soldado boquejou. Domingo e Sexto esperaram a decisão de Sábado:

— Muito bem, a carroça fica. Mas o pão será pago por nosso duque.

— Vosso duque?! — o segundo soldado fez trejeitos de palhaço, e todos os homens riram.

— Com licença — Sábado saiu.

Sexto e Domingo foram atrás, desatrelaram o cavalo, e Domingo montou. Sábado sentou na boléia da carroça e Sexto no chão. Começou a

chover.

— Pode ir, nós ficamos aqui.

Domingo agarrou na crina do cavalo e sorriu:

— Fiquem com Deus.

— Ele está sempre com a gente — Sábado também sorriu. Os homens riam na janela da taberna.

Quando anoiteceu, a chuva parou, Sábado estava ensopado mas continuava olhando a estrada sentado sem se mexer. Os homens saíram da taberna, os soldados ainda mais bêbados. Sexto tinha sumido.

— Espere sentado, rapaz!

— Veremos como o seu duque... — riam — como o seu duque paga uma dívida: fazendo caretas? Contando piadas?

— Ou dinheiro ou a carroça de lenha — o taberneiro repetia com a voz mole de vinho.

Sábado continuava tão quieto quanto a carroça. Um dos soldados ameaçou jogar a lança, ele nem piscou. O taberneiro trazia um lampião, iluminou o rosto dele — e, quando o outro soldado desembainhou a espada, continuou quieto e calmo.

— Não tem medo, infeliz? Sábado continuava olhando a estrada.

— Responda! A ponta da lança tocou o pescoço do rapaz, mas ele não se mexeu.

— Deixem o menino em paz — um mendigo falou agachado entre trapos na porta da taberna — e ganhou um pontapé do taberneiro.

— Olhem só quem fala: vive de catar o que sobra das mesas, mas defende quem me deve... Por que não vai também viver no castelo do "duque"?

Rindo, pegaram o homem pelas pernas e braços, jogaram em cima da carroça.

— Eu iria mesmo — ele falou dolorido, se arrastando na lenha — Iria mesmo, se soubesse fazer alguma coisa...

— Então fique aí — Sábado falou baixinho — Sempre se pode aprender alguma coisa.

Os soldados se abraçaram cambaleando.

— O rapaz é valente... Mas talvez devesse dobrar a língua, não?

— Sabe lutar, rapaz? — o soldado mais forte, muito maior que Sábado, tirou o cinturão — Hem?

— Eu posso aprender — Sexto surgiu da noite com um cacete na mão.

Ligeiro que nem viram como, Sábado puxou a lança do outro soldado e

apontou para o peito do grandalhão:

— Jogue fora a espada. E para Sexto:

— Jogue esse cacete. Faz tempo você quer lutar, não? Pois bem: agora lutem, mas sem armas.

Então Sábado jogou a lança sobre a espada na lama — e saltou sobre o grandalhão antes que ele tivesse tempo de pegar as armas. Mas o sujeito era tão esperto quanto grande, e esmurrou Sábado ainda no ar. Enquanto Sexto voava com os pés no peito do outro soldado, Sábado rolava na lama, e já ia ser chutado pelo grandalhão quando Sexto usou joelhos e cotovelos com ligeireza contra o tamanho do soldado. Gemidos de esforço de Sexto se juntaram aos gemidos de dor do grandalhão, que acabou desabando com cara de quem ainda não acreditava no que acontecia.

Quando Sábado levantou da lama, os dois soldados continuaram no chão. Os homens da taberna tinham recuado. Então ouviram um galope.

Um dos meninos do castelo vinha montado numa sela de palha e pele de cabra, descalço, puxando outro cavalo pelo cabresto. Nem apeou para dar o recado:

— Bobuque mandou pagar mas pediu recibo.

— Recibo? — o taberneiro piscava — Pra que recibo?

O menino tirou da sela um pedaço de pele com a letra do Poeta:

— Para que no Castelo Real saibam quanto custa um pão por aqui — o menino declamou — E, se não souber assinar, senhor, faça sua marca a fogo nesta pele. É o que quer o Duque.

O taberneiro chamou a um canto os soldados:

— Mas ele pode fazer isso?

— Bem, é bobo mas é duque, não é?

— Talvez não seja tão bobo...

— Melhor esquecer esse pão.

O menino tinha o mesmo jeito de encarar dos rapazes, como se olhasse os homens por dentro.

— O que resolveu, senhor? O Duque me disse para não demorar.

E deu meia-volta assim que o taberneiro respondeu:

— Esqueçam esse pão!

Sábado e Sexto atrelaram o outro cavalo e também foram sem olhar para trás. Os soldados ficaram olhando até a carroça sumir na noite.

— Escute: se eles não usam dinheiro, como é que pagam impostos?

— Pois é... Deviam receber umas visitas, não?

— Moleque atrevido — o taberneiro cuspiu na lama.

No castelo, todos esperavam. As crianças bocejavam cabeceando de sono, mas também esperavam — e correram ao portão quando ouviram as rodas da carroça. Levaram os cavalos para a cocheira e depois voltaram para a praça, onde toda noite ouviam as histórias dos velhos, aprendiam a ler e escrever com o Poeta ou riam de Bobuque. Mas naquela noite Bobuque falou sério:

— Eu já esperava por isso. E tudo aconteceu e foi resolvido pelo mesmo motivo: aquela gente tem uma coisa que vocês não têm, por isso ficam com inveja. Deus tenha piedade de vocês.

— Como podem ter inveja duma coisa que não temos? — Sexto massageava a mão.

— E que coisa é essa? — Sábado massageava o rosto.

— Descrença — Domingo arriscou.

O Poeta apontou as sombras que o lampião jogava na muralha, e disse que aquela gente ainda via assombrações nas sombras, e carregavam nos ombros o mais pesado dos sentimentos:

— O medo. Por isso, tenham calma com a própria força, paciência, com a violência e piedade com os violentos, porque o que eles têm é medo, e vocês não.

Uma das meninas já dormia no colo de Fruta. Ela passou a menina para uma das velhas e foi cuidar de Sábado:

— Está doendo?

— Claro. Mas parece que um bom soco faz a gente ver melhor...

Olhava para Flor e via como ela não tirava os olhos do Poeta, que ficou olhando o chão quando Fruta passou a mão no rosto de Sábado e Sábado nem sentiu. Primavera riu — Que mal faz não ter medo? — e, pela primeira vez, Sábado olhou bem para ela, que continuou olhando Sexto. Mas ele continuava olhando longe.

A estrada subia até ali e depois, a partir dos fundos do castelo, continuava em forma de trilho, serpenteando precipícios até outro vale, onde já era outro reino — e, longe, havia mais outros reinos, Sexto sabia, ouvia as histórias dos mercadores nas tabernas. Muitas noites ficava na muralha olhando para o outro vale, e um dia perguntou a Bobuque:

— Por que também não pegamos lenha lá que é mais perto?

— É outro reino, e já temos sorte de ser esquecidos por um rei. Não vamos lembrar a outro que existimos, ou se lembrarão de cobrar impostos.

Agora, enquanto as moças levavam as crianças para a cama, Sexto saiu dos pensamentos para mais uma pergunta, de repente:

— Por que não usamos dinheiro?

Bobuque disse que esperava a pergunta há muito tempo:

— Até agora, trocamos os frutos do trabalho pelas coisas de que precisamos. Mas somos velhos, precisamos de tão poucas coisas... Não temos o direito de exigir que vivam como vivemos. Se quiserem, comecem a trocar por dinheiro a comida que sobrar.

— E depois — o Poeta continuou — troquem por geléia o dinheiro das maçãs, e por pão o dinheiro do trigo, e comprem casacos feitos com as peles que venderam... Dinheiro é uma cadeia que prende a gente no vício de vender e comprar.

— Mas dinheiro também liberta — Sexto olhava o portão do castelo — Pois não se pode viajar com um saco de trigo nas costas para ir trocando pelos pães de cada dia, não?

— Você pensa em viajar? — Primavera perguntou sorrindo e ele disse que sim, claro — Por que não? — e ela não respondeu, só entristeceu.

— E você? — Fruta perguntou a Sábado e ele nem ouviu, olhava Primavera.

— E você, Fruta? — o Poeta perguntou sem erguer os olhos — Não quer conhecer o resto do Reino e outros reinos?

— Para quê? — ela também baixou os olhos para os pés de Sábado — Tudo que quero está aqui.

Depois o Poeta foi olhar a lua do alto da muralha, Sexto foi olhar o vale do outro reino, Primavera ficou numa janela olhando Sexto, Flor ficou noutra janela olhando o Poeta, Sábado subiu até uma rocha e ficou olhando as duas janelas. Na praça, Fruta ficou tempo olhando a pedra onde ele tinha sentado.

Os velhos riram vendo aquilo.

Um dia, Domingo trouxe notícia das festas de Páscoa: gente de várias aldeias iria à missa, que o bispo em pessoa rezaria na maior das aldeias; até já enfeitavam praça e todo dia chegavam músicos e acrobatas, carroças de teatros e mascates. As crianças se assanharam, e até os mais velhos acharam que não seria má idéia um dia de festa naquela primavera.

— Vamos levar trigo para os pobres — Fruta falou no almoço, mas, na janta, os velhos já tinham resolvido que não, era melhor continuar armazenando:

— Tempo de muito, véspera de pouco.

— E podem estranhar tanta generosidade...

Fruta e Flor insistiram: até quando trabalhariam tanto? Para quê? Trabalhavam para viver ou viviam para trabalhar? Falavam como se os velhos fossem crianças, e isso era pior do que se gritassem; eles enfiavam o

olhar nos pratos e continuavam comendo como se não ouvissem. Bobuque, como sempre nessas horas, também fingia que nada acontecia: resolvessem. Domingo falou como se pensasse alto:

— Pensando bem, já temos salões cheios de trigo, despensas cheias de charque e conservas, engordamos de comer ovos todo dia, enquanto, lá embaixo, existem crianças que nunca comeram um ovo inteiro...

— Vamos levar ovos cozidos para as crianças — Primavera bateu palmas para a própria idéia, e Sábado apoiou:

— Por que não? Não podemos armazenar ovos, não?

Os velhos concordaram: ovos, levassem alguns. Mas trigo não:

— Ninguém dá trigo. Vão pensar que somos ricos ou perdemos o juízo...

— Podemos levar pães — a Cozinheira se animou — Pães recheados com lingüiça, toucinho, pães de mel...

Flor emendou:

— E, já que os ovos serão para crianças, podemos cozinhar, colorindo com casca de cebola ou de beterraba!

— E nós não podemos tocar alguma coisa por lá? — o violeiro arriscou, e o Poeta declamou que Páscoa é renascimento; já tinham plantado as sementes que em plantas iam renascer, e já tinham recebido demais:

— Recebemos saúde, alegria e paz. Então é tempo de dar! Bobuque saltou sobre uma mesa e quase caiu: a agilidade de menino ia enferrujando, mas os olhos ainda brilhavam quando dançou alguns passos cantando que, se não lhe faltassem pernas e nem vinho nas tabernas, ia dançar até a noite e desde a manhã!

E no Domingo de Páscoa saíram antes do sol com as carroças cheias, os moços e as crianças maiores a pé, os cavalos arcados de tanta carga mas também nervosos de tanta alegria. Antes da aldeia, pararam no riacho já com sol alto, descansaram com os pés na água e se lavaram. Os velhos ralhavam: as crianças não paravam de mexer nos ovos, salames, geléias e pães que levavam para dar. Mas até os velhos estavam alegres, tanto que nem viram os olhares de inveja com que eram vistos no caminho.

Chegaram à aldeia meio-dia, procuraram a sombra duma árvore entre camponeses que comiam pão e queijo trazidos em embornais, e contavam as moedas para comprar na taberna alguns dedos de salame ou alguns copos de vinho. As moças, mesmo pobres, tinham mais cores nas roupas que as moças do castelo, mas não no rosto; e as crianças tinham muito mais malícia: as do castelo eram inocentes do mundo. Mas mesmo os meninos mais negociantes, que brincavam com jogos de ganhar ou perder, pararam para ver quando

Bobuque começou a conversar com os cavalos. Ele falava e os cavalos respondiam, cada um com uma voz diferente, e de repente Bobuque punha a mão em concha no ouvido — O que você disse? O quê?! — e tirava da orelha um lenço, depois outro — Agora sim, diga, agora vou ouvir.

O cavalo falava, as crianças riam e juntava gente. Numa carroça os músicos começaram a tocar e Bobuque a dançar; e logo davam uma festa na festa. Alguns atores, uns vestidos de mulher, também dançaram — e moços da aldeia convidavam moças de outras aldeias para dançar também. Tropeçavam e trombavam imitando os atores, mas aprendiam. Bobuque convidava as moças e moços do castelo, eles olhavam de longe sem entrar na dança — mas os pés de todos marcavam o ritmo, sem arriscar um passo, no entanto com alegria dançando nos olhos. Era a primeira festa da vida deles fora do castelo.

— Dancem! — Bobuque passava puxando um cordão de velhos, mas os moços se encolhiam; e, enquanto isso, as crianças do castelo aprendiam com as outras as primeiras malícias.

— É mesmo hora de nossas moças aprenderem a dançar... — o Poeta falou para o Pernetá, olhando Fruta e a festa através de um copo de vinho. E, antes de todos, viu quando um cavaleiro magriço apareceu na praça, o cavalo puxado por um escudeiro empoeirado, sem armadura mas com o capacete enfiado no punho da espada, a lança enrascando nos enfeites da festa e com olheiras de um cansaço de dias.

Abriam caminho para ele passar como naquele tempo faziam com qualquer cavaleiro e, na sombra da árvore, o escudeiro amarrou o cavalo na carroça dos músicos. O cavaleiro mais desabou que apeou, o capacete rolou pelo chão e ele agachou para pegar; quando levantou, deu com o sorriso de Fruta e seu olhar se iluminou:

— Achei!...

— O capacete, senhor? — o escudeiro acudia tonto de sono.

— Não — o cavaleiro piscava para acreditar — Achei aquela que tanto procurei.

— Eu também acho que achei o que precisava — o escudeiro engolia seco diante dos pães e salames na carroça.

— Coma — Fruta ofereceu e o homem se atirou à comida.

O cavaleiro estapeou o pó do corpo, tossiu até lacrimejar — mas se curvou diante de Fruta como num salão de baile:

— Conceder-me-ás esta dança, senhora?

— Conceder-me-ás? Que quer dizer?

Ele sorriu — És pura como uma pérola — e ofereceu o braço.

— Não sei dançar.

— Nem eu. E dançaram.

A missa seria à noitinha. Antes, com o sol já baixo, os atores apresentaram uma comédia. As risadas corriam pela praça e, quando paravam, o Pintor perguntava a um menino qual tinha sido a graça. A certa altura, os atores passaram a contar ao Pintor o que estavam fazendo, enquanto faziam tudo diferente, de modo que todos passaram a rir duas vezes de cada cena, cada fala. Fruta ria sem parar, mas o cavaleiro não: apenas sorria, olhando para ela como para uma aparição.

Sexto olhava o cavalo, os arreios, as armas; até perguntou ao escudeiro por onde tinham andado para trazer tanto cansaço.

— Meu senhor anda por todo o Reino, procurando uma donzela para ser sua senhora. Parece que achou.

— Ora, pensei que ele procurasse aventuras, como dizem dos cavaleiros.

— Quando se anda pelo mundo — o escudeiro bocejou — não é preciso procurar aventuras: elas aparecem até demais.

Começou a cochilar encostado na carroça, com um sorriso de barriga cheia. Primavera, sempre por perto de Sexto, lembrou dos presentes e pegou uma cesta de ovos. Quando acabou a comédia, foi dando para as crianças dos camponeses; e pães para os mendigos, um salame para cada família, geléia para as moças. Muitos perguntavam se eram presentes do Bispo.

— Não — Primavera brincava — São presentes diretamente do Céu.

Na taberna, dois coletores de impostos cochichavam:

— Então é mesmo verdade. O tal castelo tem tanto que se dão o luxo de dar...

— Se não usam mesmo dinheiro, precisamos ir de carroça até lá: salames como aqueles ficarão muito bem na minha adega...

Então um sino silenciou todas as conversas, as músicas; e a correria das crianças acabou com alguns tapas; as famílias se juntaram olhando para o altar. Lâmpioes e archotes foram acesos em toda a praça, embora o céu ainda estivesse azul. Mas o sol já não fazia sombras; já escureciam os cantos e becos, e quando a missa acabou já era noite. As moças e moços do castelo davam os últimos pães quando o ajudante do Bispo se dirigiu a Bobuque:

— Falo ao Duque da Santa Graça?

— Mais engraçado que duque, às suas ordens.

— Não minhas mas do Bispo: que vossos presentes sejam entregues ao bispado, para que deles faça o uso que melhor aprouver ao Senhor Deus.

— E o Bispo tem certeza do que Deus quer? — o Poeta falou, vermelho de vinho.

— Essa gente não deve experimentar o que não pode ter — o padre baixou a voz.

— Pão? Não foi pão que Jesus deu aos apóstolos na última ceia? E não foi pão e peixe que ele multiplicou para a multidão? — o Poeta falou alto, gente começou a juntar em redor.

— Meus respeitos ao Bispo — Bobuque cortou a conversa — mas não posso fazer sua reverendíssima vontade: já demos tudo que trouxemos.

— Que isso não se repita — o padre virou as costas e foi para a taberna.

O Bispo jantava numa mesa reservada. Na mesa ao lado, os coletores apuraram os ouvidos quando o padre contou a conversa com Bobuque.

— Não perdem por esperar... — o Bispo engasgou de raiva. Depois, quando as duas batinas saíram, os coletores já estavam bêbados e brindaram:

— Ao Castelo do Canto! Depois de "limpar" as aldeias, vamos lá...

— Ao Duque da Santa Graça! Vamos encher uma carroça — em nome do Rei...

Na praça, a gente do castelo já montava nas carroças quando o cavaleiro ajoelhou diante de Bobuque:

— Minha espada a vosso serviço, senhor.

— Agradeço sinceramente, mas preferia uma foice.

— Porém peço permissão, senhor, para gozar algum tempo de vossa hospitalidade, prisioneiro da vontade de uma de vossas donzelas.

— Você quer mesmo? — Bobuque perguntou e nem esperou resposta: o olhar de Fruta brilhava e ele deu uma boa olhada no cavalo — Afinal, se não precisamos de espadas, um cavalo a mais sempre é bem-vindo...

O escudeiro ergueu os olhos para o céu e falou baixinho ao cavalo:

— Lá vamos nós de novo...

Foram para o castelo, o cavaleiro a pé, Fruta a cavalo e, atrás de todos, o Poeta arrastando resmungos para a lua.

Na manhã seguinte, quando o cavaleiro acordou, todo o castelo já cheirava a comida do almoço. O cavaleiro explicou a Bobuque que trazia um cansaço muito pesado, mas estava pronto a servir e...

— Seu cavalo já está nos servindo muito bem: desceu ao vale para trabalhar. Quanto ao senhor... ?

O cavaleiro se empertigou:

— Dom Carlos Felipe de Castela y Bourbon Aguillar dos Santos Silva, às suas ordens, senhor!

— Muito bem, a ordem é: pare de andar com essa espada que me deixa nervoso. Relaxe.

Dom Carlos Felipe olhou Fruta a arrancar ervas daninhas da horta.

— Como descansar se o coração me assalta, senhor? E ajoelhou:

— Peço-vos a mão de vossa gentil Fruta.

— Só a mão? Fique com a moça toda — se ela quiser.

— Por ela desafiarei todos vossos inimigos, senhor.

— Agradeço de coração mas não tenho inimigos, a não ser umas pulgas no colchão. No entanto...

Bobuque piscou ao Poeta.

— Sim, meu senhor. Ordene.

— Como, por licença real, é direito meu conceder ou não o que me pede, testarei seu amor com um desafio mortal.

Dom Carlos Felipe encheu o peito:

— À vossa vontade, senhor, estarão meu coração e minha espada!

— Não será preciso tanto, mas decerto precisará de mais habilidade que qualquer cavaleiro até hoje.

— Enfrentarei exércitos se preciso for, escalarei montanhas, domarei leões.

— Mais ainda: passará três dias e três noites sem nada pedir a alguém e nada aceitando de ninguém.

— Vossa vontade será cumprida, senhor.

— Veremos — Bobuque sorriu com a barba grisalha e o olhar mais de menino que nunca — Veremos. Agora, conte de suas andanças.

Dom Carlos Felipe contou que todas as estradas do Reino conheciam as patas de seu cavalo, e tinha perdido a conta de quantas batalhas tinha conhecido sua espada. Foi o cavaleiro mais jovem da Guarda Real; depois, o que mais longe foi a serviço de sua Majestade, levando mensagens ou em missões secretas, em reinos tão distantes que o sol tinha até outro calor, o céu outro azul, os rios outras cores, reinos onde os povos falavam línguas de que nada se entendia.

Sexto não tinha descido ao vale naquela manhã e — como se nada quisesse — andava em volta do cavaleiro sem perder uma só palavra. Não agüentou sem perguntar:

— E como alguém, como eu, poderia também viajar pelo mundo, senhor?

O cavaleiro olhou o rapaz de alto a baixo.

— Aprenda a lutar ou a negociar.

— Duas coisas que não fazemos por aqui... — Bobuque falou para si mesmo — Mas seja o que Deus quiser.

O sino tocou chamando para o almoço.

— Agora, Deus quer que a gente almoce. Menos, é claro, Dom Carlos

Felipe.

O cavaleiro já andava tonto de fome com tantos cheiros da cozinha, e parou com o orgulho ferido.

— Não oferecestes vossa hospitalidade, senhor?

— Até antes do nosso trato — Bobuque sorriu: — *Nada pedir nem aceitar*, lembra?

— É verdade — o cavaleiro caiu em si — Durante três dias; mas por amor a Fruta três anos passaria sem comer!

— Muito poético — o Poeta disparou — mas pouco prático. Por que não caça? Assim os meninos mataram nossa fome nos primeiros dias.

— Boa sorte — Bobuque se despediu — E, pela felicidade de Fruta, abro uma exceção em nosso trato: cebolas o cavaleiro pode pegar à vontade.

Naquele almoço, Dom Carlos Felipe Castela y Bourbon Aguillar dos Santos Silva comeu cebolas cruas. Depois, na horta, mais uma vez declarou eterno amor a Fruta — mas ela recuou lacrimejando:

— Que hálito! Você vai passar os três dias comendo só cebola?! O cavaleiro se encheu de brios, saiu do castelo pisando duro.

Olhou os penhascos, decidiu por um caminho e começou a escalar. Enfiava o punhal nas gretas para se apoiar e ia resmungando:

— Se os meninos conseguiram, você vai conseguir, vá em frente — e não olhe para baixo!

Um pé falseou, ele escorregou se ralando pela rocha, conseguiu se agarrar no próprio susto.

— Morrer só acontece com quem está vivo. Vá em frente! Continuou. O punhal quebrou, mas o toco da lâmina ficou melhor para cravar nas gretas.

Lá do castelo os meninos olhavam:

— Por que ele escolheu o caminho mais difícil?

— Cavaleiros devem ser assim.

Lá no alto, Dom Carlos Felipe parava para mascar as plantas que achava, fazia caretas.

— Com sal e azeite até não seria mal...

Num nicho onde mal pôde ajoelhar, achou o primeiro ninho e, afobado, desperdiçou quase todo o ovo. Melecado e irritado, continuou subindo. No segundo ninho, teve de espantar a águia e quase despencou no abismo — mas chupou o ovo com prazer, até que olhou para baixo e quase vomitou. Olhou para cima, viu aves pousando nas rochas e decidiu:

— Vá em frente, você vai ter de comer amanhã também. Tirou a blusa, fez uma sacola para levar nas costas e continuou.

Era o trecho mais difícil. Ficou várias vezes pendurado apenas pelo punhal, os pés procurando apoio no abismo — mas chegou a um patamar largo, onde os meninos do castelo esperavam sorrindo.

— Como é que conseguiram? Não, não me digam, não posso pedir nada.

Ali havia vários ninhos e ele enfiou os ovos na sacola. Olhou para baixo e tonteou.

— Vocês não têm medo de subir até aqui? — e ficou tempo pensando na resposta dos meninos:

— Subir não é tão difícil, pior é descer.

Chupou mais um ovo — Pode ser o último, não é? — e ficou esperando eles descerem. E eles ficaram esperando o cavaleiro descer. Finalmente os meninos desceram e ele viu por onde, foi atrás.

No castelo, encheu de água o capacete para cozinhar os ovos, catou lenha fora das muralhas mas, na hora de acender o fogo, ouviu as risadinhas dos meninos. Não se abalou: com a faca alisou um pau roliço, ficou esfregando num galho seco; ficou esfregando; esfregando até fazer bolhas nas mãos. Depois catou pedregulhos no riacho, ficou batendo para fazer faíscas e acender capim seco; ficou batendo; bateu até quebrar os pedregulhos e sangrar as mãos.

Então sentou no chão, rodeado pelos meninos agachados, e chupou mais um ovo cru. Estava arranhado, empoeirado, a barba melecada e descabelado — mas se ergueu num pulo quando Fruta chegou com uma brasa numa colher:

— Pode pegar, presente de Bobuque.

Ele soprou a brasa no capim, acendeu a fogueira entre duas pedras, atravessou a espada pela viseira do capacete e equilibrou sobre as pedras.

— Também te trouxe isto — Fruta mostrou uma cebola.

Ele descascou a cebola com o coto do punhal e, quando cortava em rodelas, ela disse que, para sopa, era melhor cortar em tiras. Ele disse que não podia aceitar nem conselhos.

— Nem mesmo um beijo?

E beijou as mãos do cavaleiro, entre lágrimas de cebola e de fumaça.

— Meu coração arde de paixão, senhora — Dom Carlos Felipe gemeu.

— O meu também — Fruta sorriu chorando — mas não deixe o fogo morrer.

Assim, antes de tomar a sopa ele teve de buscar mais lenha e, quando voltou, a sopa estava pronta mas fria. Mas achou que pior seria se estivesse quente: de repente se deu conta de que, em todas as suas andanças pelo mundo, nunca tinha levado uma colher.

Bobuque passou quando ele bebia na borda do capacete.

— Parabéns: venceu o primeiro dia.

— Trezentos venceria por este amor — a sopa escorria pela barba de Dom Carlos Felipe, mas ele continuava de peito para a frente e nariz para cima.

Dormiu na cocheira com o cavalo. De manhã, avivou o fogo e ferveu um chá de capim, depois tornou a escalar os penhascos. Voltou com mais ovos, plantas e cogumelos. E já tinha de catar mais lenha, avivar de novo o fogo, cozinhar; não tinha tempo nem para cuidar da barba, os cabelos estavam emaranhados de capim, as roupas rasgadas e sujas. Mas com mais amor no olhar, Fruta trazia mais cebolas.

No terceiro dia, Dom Carlos Felipe já descascava e cortava as cebolas com rapidez, já sabia quais verduras do penhasco eram comestíveis, já tinha feito uma colher de pau e conseguiu tomar sopa quente.

— Foi a mais dura batalha que já enfrentei até hoje — confessou cansado quando, no quarto dia, sentou para o café da manhã no refeitório. -.

Todos, menos o Poeta, sorriam para ele e para Fruta.

— Agora temos certeza — Bobuque explicou — Se sabe cuidar de si, saberá cuidar dela.

E brindaram aos noivos com canecas de leite.

Os moços se preparavam para descer ao vale, Fruta cerzia e remendava as roupas de Dom Carlos e ele se banhava com os meninos na cascata, quando chegaram os coletores de impostos. Vinham em cavalos com o brasão real nos peitorais, uma carroça vazia e uma patrulha; o soldado grandalhão com o estandarte.

— Água! — bradou o grandalhão antes até de apeiar. — Água e feno para os cavalos!

Apearam e ficaram esperando alguém tomar as rédeas, mas os moços e velhos do castelo continuaram parados.

— Como?! Ninguém cuida dos cavalos?! — o Grandalhão encarava um por um mas ninguém baixava os olhos.

— Quem monta, cuide — Bobuque sorriu. — Sejam bem-vindos! O bebedouro é ali, a cocheira lá. A que devemos a honra da visita?

Um dos coletores era gordo e se abanava derretendo em suor. O outro era magrelo e fez um gesto seco; os soldados foram cuidar dos cavalos; depois se curvou diante de Bobuque:

— Com os cumprimentos do Rei, senhor, viemos coletar os impostos.

Mas preferimos fazer os cálculos na sombra...

Bobuque apontou a porta do refeitório, entraram e os dois se sentaram na ponta duma mesa, Bobuque na outra ponta; e toda a gente do castelo foi entrando e rodeando.

— É costume tratar esse tipo de assunto em particular, senhor — o Magro resmungou e o Gordo olhou em volta:

— E o vinho? Não tem vinho?

— Não temos segredos — Bobuque fez um gesto e surgiram dois copos de vinho.

— Só? — o Gordo tomou de um gole.

— Temos muito pouco — o Poeta explicou — Ainda estamos só na segunda safra das vinhas.

O Gordo ficou olhando o copo vazio, o Magro tirou pena e papel de um estojo com o brasão real, abriu um tinteiro e molhou a pena.

— Os impostos, o Duque sabe, são cobrados por quantidade de servos. Quantos são?

Bobuque disse que estavam todos ali e o Gordo contou apontando um por um.

O Magro começou a fazer contas mexendo os lábios, mas Bobuque disse que não era preciso:

— Não usamos dinheiro.

— Neste caso — o Magro guardou a caneta — a ordem é coletar trinta por cento do trigo e dos animais...

— ...e do vinho, óleos — os olhos do Gordo brilharam — e charques, conservas e peles.

Ficou tão silêncio que ouviam os cavalos bebendo lá fora, as línguas lambendo a água, e o ruído das ferraduras, o rangido da porta da cocheira.

— Trinta por cento?! — o Poeta foi o primeiro a sair do estupor — Trinta por cento?!

— Só trinta por cento — o Gordo e o Magro falaram juntos. Sábado: — Mas temos só dois cavalos!

O Magro: — Levaremos o mais novo. Sexto: — Duas safras pra encher dois barris de vinho e... O Gordo: — Espero que tenham também um barril vazio para levarmos a parte do Rei.

Sábado: — Eles podem mesmo fazer isso, Bobuque?!

— Quem vai impedir? — o Grandalhão bloqueava a porta com os ombros e riu, lá fora os outros soldados também riram.

— Vamos aos armazéns, senhor? — o Magro bebeu meio copo e deixou na mesa, o Gordo pegou e bebeu o resto, enxugou os lábios e arrotou para

dizer que melhor era ir primeiro à adega.

Os soldados enchiam a carroça quando Dom Carlos Felipe voltou, os cabelos ainda molhados, descalço e apenas de calções. Numa sombra, já bebendo do vinho "do Rei", os coletores olhavam o serviço dos soldados. Os meninos já tinham contado tudo a Dom Carlos Felipe e já do portão ele mandou:

— Parem em nome do Rei!

Os soldados pararam mais por espanto que obediência.

— Quem diabo será o imbecil? — o Grandalhão perguntou, e os soldados riram largando as sacas.

— Dom Carlos Felipe de Castela y Bourbon Aguillar dos Santos Silva — o cavaleiro encheu o peito e os soldados riram mais — Cavaleiro da Guarda Real, com autoridade sobre soldados sem comando e funcionários em delito.

— É delito coletar os impostos do Rei? — o Magro perguntou ao Gordo, que deu mais um gole e arrotou:

— Delito é não pagar ao Rei o que é do Rei.

— Dez por cento — Dom Carlos abriu os dedos das mãos — Não mais que dez por cento, ou juro que terão de se explicar ao próprio Rei.

O Gordo e o Magro se olharam.

— Ora — o Grandalhão cuspiu — quem garante que é mesmo um cavaleiro?

— Minha espada — Dom Carlos estendeu a mão e um menino correu, trouxe a espada chamuscada e enegrecida de fumaça.

Os soldados riram, mas pararam ao brado do cavaleiro:

— Em guarda! O Grandalhão sorriu:

— Deixem comigo... E avançou confiante, mas num instante foi desarmado e encostado na muralha pela espada do cavaleiro. Os outros soldados embainharam as espadas, obedeceram quando Dom Carlos ordenou:

— Só dez por cento do trigo, o resto devolvam. Levem também o barril de volta, as conservas e os charques. O Rei não é tão miserável. E o que fazem aí essas cabras e o cavalo?

Duas cabras e meia dúzia de cabritos estavam amarrados atrás da carroça.

— O ducado ainda não tem dez cabras, não pode pagar o dízimo.

— Levaremos então os cabritos — o Magro mordia os lábios.

— Dois, não seis. Desamarrem quatro. E depois desapareçam antes que

eu perca a paciência.

Os soldados obedeceram, depois montaram. Os coletores montaram.

— Não sem antes dar recibo — Dom Carlos tomou as rédeas da carroça.

O Magro escreveu sem sair da sela; assinou, carimbou o selo real.

— Boa viagem — Dom Carlos sorriu — E lembranças ao Rei.

— Ele será lembrado disto sem dúvida — o Gordo resmungou.

— E também o Arcebispo — o Magro sorriu — deverá saber que há no Reino um castelo onde não se vê um altar, nem mesmo uma cruz.

Catando a espada do chão, o Grandalhão emendou:

— Também não esquecerei de contar que há rapazes em idade militar...

— E, quando passaram o portão, olhou para trás e cuspiu resmungando — Não perdem por esperar...

— Esperar por quê? — Bobuque perguntou quando Dom Carlos Felipe quis saber quanto tempo teria de esperar por Fruta — Casem-se antes que se arrependam!

— Mas não é costume, senhor... — Dom Carlos estava surpreso.

— Os costumes, meu caro, são como os ventos: ventam em todas as terras mas sempre diferentes e mudando sem parar. Quando eu era bobo da corte, viajantes contavam de costumes tão estranhos que espantavam mesmo os cavaleiros mais viajados. No entanto, a gente dessas mesmas terras também estranhava os costumes daqueles viajantes...

— Que seja então um tempo de novos costumes — Fruta pegou a mão do noivo e levou ao peito — Sente? Por que esperar se o coração quer?

— Tenho de avisar o Rei, a corte... — Dom Carlos Felipe gaguejou, e o Poeta pigarreou antes de declamar que não hesitaria um minuto e não esperaria nem um dia. Pegou a mão da moça:

— E, se não é meu teu coração de fruta, é meu desejo que seja feliz tanto quanto eu quis, mais do que comigo seria.

— Serei, prometo — Fruta sorriu — De outro jeito, viver não vale a pena.

O escudeiro chegava com o cavalo, Dom Carlos Felipe desembainhou a espada ajoelhando diante de Bobuque:

— Se um dia precisar, senhor...

— Ora, você não perde mesmo essas poses — Bobuque levantou o cavaleiro puxando pela orelha, beijou Fruta e ela montou.

Toda a gente do castelo estava em volta e, se aquilo demorasse mais, alguém começaria a chorar, de modo que Bobuque deu um tapa na anca —

Adeus! — e o cavalo disparou com o escudeiro correndo atrás. Antes de cruzar o portão, Fruta viu passar o rosto de Sábado e gritou:

— Adeus! Te amei, sabia?

— Claro — ele murmurou olhando para Flor, que olhava o Poeta declamando para si mesmo: que o coração agüentasse, a vida não ia acabar, um dia a ferida se fecharia e...

Engasgou. Flor completou: ... o vento que então ventava não ventaria nunca mais.

— Mas virá outro verão, outras maçãs...

— Desde quando você faz poesia? — pela primeira vez o Poeta olhou bem para ela.

— Desde a primeira vez que ouvi você declamar.

— Meu Deus, como você é bonita!

— É que você nunca tinha olhado.

Quando a lua subiu, já estavam de mãos dadas na muralha se olhando nos olhos. Sábado foi até Bobuque.

— Às vezes penso que a vida é só um jogo pra nos fazer sofrer...

— Está tudo em ordem — Bobuque bocejou — Só o imprevisto é certo, e você sempre pode contar com ele também.

E foi dormir.



5. A Deus o que é de Deus

Naquele tempo, os ratos causaram pestes que mataram até mais da metade do povo em muitos reinos, mas ninguém desconfiava dos ratos: para uns, a peste era coisa do Diabo; para outros, era castigo de Deus. De qualquer modo, morrer era o que mais acontecia nos castelos e aldeias onde chegava a peste; e mesmo cidades chegavam a ficar vazias de gente e cheias de cadáveres roídos pelos ratos — que assim mais e mais aumentavam, viajando em bandos pelos campos, levando a peste a todos os horizontes.

Invadiam uma aldeia sem que ninguém notasse; à noite, iam se enfiando pelas frestas, ocupando os porões e os sótãos, comendo com fome de viagem tudo que achassem, desde a palha dos colchões até os dedos das crianças. E de um dia para o outro,, aparecia a peste; primeiro uma febre, depois vômitos, enfim inchaços no pescoço, nas axilas; e a morte.

Os mortos eram queimados em pilhas no campo; os vivos andavam com lenços amarrados no rosto; pensavam que a peste viajava pelo ar, e assim evitavam os ventos e se trancavam em casa — com os ratos. Queimavam também as casas dos mortos, crentes de que assim queimavam a peste — mas os ratos fugiam antes, iam para outras casas, outras aldeias. Afinal, com

tanta peste e tantas mortes, quem ia se importar com ratos?

Nas igrejas, ladainhas varavam madrugadas e, nas casas, gente se trancava nos quartos durante semanas. Outros vagavam feito fantasmas pelas ruas, esperando ser tocados pelo dedo de Deus ou do Diabo e, assim escolhidos, arder em febre e morrer em êxtase; pois até acreditavam que tanta mortandade fosse caminho para a vida eterna, assim se consolavam. E, como os ratos, vagavam em bandos pelos campos, seguindo alguém que empunhasse uma cruz e promettesse salvação pelas penitências do sofrimento. Outros, chefiados por soldados que viravam bandidos, saíam a saquear e pilhar, matando antes que a peste chegasse para matar mais, mais dispostos a morrer por flecha ou espada do que acabar abandonados em febre numa cama.

No Castelo do Canto não havia ratos, mas a peste podia chegar também com qualquer visitante; e da bandidagem nem mesmo os maiores castelos estavam salvos. Nos regimentos onde chegava a peste, os soldados desertavam em batalhões. Por isso, quando começaram a chegar nas aldeias as notícias da peste e dos assaltos, Bobuque reuniu todos na praça e disse que, se continuassem daquele jeito as coisas, logo seriam visitados também.

Já tinham feito móveis, ferramentas e moinhos para o castelo, mas continuavam sem portões — tanto na saída para o leste, por onde tinham chegado, como na saída para o oeste, onde outra estrada levava ao reino vizinho. Nos dias de muito vento, tapavam com esteiras de palha as duas passagens — e, sempre que alguém falava em fazer portões, Bobuque repetia que antes tinham coisas mais urgentes a fazer.

Mas agora já tinham notícia de que a peste avançava pelo reino rápido como um vento; então naquele dia concordou, fariam portões, mesmo que o ferro e a madeira custassem boa parte da safra.

Quando estavam terminando o portão oeste, um padre chegou ao castelo. Era um daqueles que, naquele tempo, visitavam castelos e aldeias para ver se viviam conforme as leis de Deus e da Igreja, sendo assim chamados *visitadores*, temidos até mesmo pelos outros padres — pois aí de quem caísse em desgraça com essas visitas. Faziam relatórios aos bispos, que então enviavam inquisidores para julgar e quase sempre condenar os acusados. Prisão para os infiéis, penitências e castigos para os negligentes, morte para os blasfemos e as bruxas, de modo que não passava um dia sem que carne humana queimasse nalguma fogueira naquele e em outros reinos à sombra da Cruz.

O visitador vinha na sombra duma liteira levada nos ombros por quatro homens, e mais quatro iam atrás para revezar. De escolta, meia dúzia de soldados a cavalo; e engolindo a poeira de todos vinha por fim um frade

descalço, as sandálias se desfazendo em tiras nas mãos e os pés sangrando. Antes que a caravana chegasse, correu com caretas de dor até o portão e anunciou:

— Em nome de Deus, vos anuncio a visita de padre Arcanjo, enviado por Sua Reverendíssima, o Arcebispo, por sua escolha pessoal e com sua toda confiança, para que aqui verifique os mandamentos divinos, o andamento da fé e os costumes ditados pela Santa Madre Igreja!

Recitou cansado, caminhou dolorido até o centro da praça, parou ao lado do bebedouro olhando a água e engolindo em seco. Os soldados desmontaram enquanto a liteira descia suavemente dos ombros para o chão. Todos perfilados, esperaram a mão muito branca abrir a cortina. Uma banquetta de veludo foi colocada onde pousaria um pé em sandálias douradas, visto de relance e logo coberto pela batina. Piscando na claridade, padre Arcanjo desceu com as mãos cruzadas no peito, e com um desdém de séculos olhou as muralhas e a gente do castelo, todos ali em redor com roupas e ferramentas de trabalho, alguns ainda suados. Era muito magro, batina e chapéu tão negros como branca era a pele.

Bastou um olhar dele para que o Frade voltasse a recitar:

— Ajoelhem-se todos diante daquele'que representa Sua Reverendíssima e encarna a Santa Madre Igreja!

Alguns já estavam ajoelhando, outros ajoelharam, outros continuaram de pé olhando Bobuque — mas ele dobrou uma das pernas até o joelho tocar o chão, apoiando na outra o cotovelo e encarando padre Arcanjo, que então fechou os olhos. O Frade já sabia o que recitar:

— Que ambos vossos joelhos demonstrem a inteireza de vossa fé e a disposição para as penitências.

Bobuque colocou também o outro joelho no chão e todos imitaram, menos o Poeta. Padre Arcanjo passou todos em revista com um olhar tão rápido que nem parecia ver qualquer coisa, mas suspirou e disse como se pensasse alto:

— Nenhum crucifixo... Não haverá um cristão por aqui? Com um gesto, autorizou os soldados a descansar e cuidar dos

cavalos. Caminhou até a sombra e, em pé, olhando longe, esperou de mãos juntas no peito. O Frade viu os soldados e cavalos bebendo, passou a língua seca nos lábios e mal conseguiu engolir, mas foi para junto do padre com Bobuque.

Somo todos cristão, padre — Bobuque sussurrou — mas tão pobres que nunca pudemos ter Cristo em ouro ou prata no peito.

— E onde oram? Terão ao menos capela?

— Quem dera, padre. Mas nossa pobreza é tanta que...

— Ora — padre Arcanjo falava ao horizonte — não têm ao menos um altar? — e estendeu a mão para Bobuque beijar.

— Nossa fê é nosso altar — Bobuque beijou engolindo seco.

— Inconcebível — o padre soletrava enquanto todos, em fila, iam beijando a mão branca solta no ar — In-con-ce-bí-vel... Terei de relatar isto a Sua Reverendíssima.

Só o Poeta não passou pelo beija-mão, mas foi caçado pelo olhar do padre e cochichou a Bobuque:

— Não me peça que...

— Exijo — Bobuque falou de um jeito que o Poeta não discutiu, entrou na fila e foi o último a beijar.

Então o padre entrou no salão e, depois de outro olhar de secular desdém, perguntou pelos aposentos. O Frade continuava ao lado, engolindo em seco e às vezes fechando os olhos em quase desmaio.

Bobuque explicou que nunca recebiam visitas mas, por Deus, num instante arrumariam um quarto com o conforto possível e...

— Vinho, água quente e fria, salame, pão, ovos quentes e queijo — o Frade recitou a um olhar do padre — E toalhas brancas.

— Não temos toalhas brancas mas... — Bobuque gaguejava como nunca tinham visto — daremos um jeito, daremos um jeito.

E parecia virar outro homem, dava ordens irritado. Ofereceu uma cadeira mas o padre mal olhou, continuou em pé, desfiando um terço e abrindo e fechando os olhos como se viajasse para outro mundo e voltasse a cada instante. O Frade também fechava os olhos como se quisesse fugir do mundo, até que acabou desmaiando. O padre nem olhou.

Deram água ao Frade, ele abriu os olhos, agarrou a cuia com as duas mãos, mas largou quando o padre lançou uma olhadela. Levantou, continuou em pé ao lado do padre.

Depois o padre se fechou num quarto onde colocaram os melhores móveis do castelo e uma mesa cheia de comida. Então o Frade foi mancando até o bebedouro e bebeu até desmaiar de novo. Os soldados e carregadores comiam na coqueira feita alojamento, e para lá Sexto e Domingo levaram o Frade. Os soldados riram:

— O padre ainda vai matar esse coitado...

— Não deixou que bebesse desde a última aldeia, "pra fortalecer a fê"...

— E Deus tenha piedade de vocês — um soldado falou aos dois moços

— O padre vem disposto a santificar este castelo: preparem-se pra muito

jejum e penitência.

— E dêem graças a Deus se ninguém for mandado à prisão — outro soldado emendou.

— Calem a boca — o mais velho dos soldados mandou — ou acaba sobrando castigo para nós também.

Sexto ficou conversando com os soldados, fascinado pelas armas, enquanto Domingo foi perguntar a Bobuque se o padre tinha mesmo tanto poder. Era o que Bobuque explicava a Sábado e ao Poeta:

— Acreditem. Não vivemos num tempo de ideais: a realidade é que o poder da Igreja é tanto ou maior que o do Rei, e a piedade menor.

— Ora, você se humilhou diante do homenzinho... — o Poeta ainda tremia de raiva — E me obrigou a beijar aquela mão que decerto nunca mexeu uma palha em toda a vida!

— Mas basta que aquela mão pegue a pena, meu amigo, e escreva um relatório ao Arcebispo, ou aponte um dedo comandando os soldados, e pronto: pode ser a prisão ou até a morte para você, para mim, para todos nós! Não se esqueça que sou o menos duque dos duques, e este é o mais esquecido ducado do Reino...

— E o que vamos fazer? — Sábado era sempre prático.

— Vamos agradecer o homem e mostrar que tememos a Deus — Bobuque sorriu — Afinal, depois de tudo que passamos, não custa ralar um pouco os joelhos, não?

Domingo completou:

— Pois se demos ao Rei o que era do Rei, é hora de dar um pouco a Deus.

— Gostaria que Ele cobrasse diretamente — Sábado amassava uma mão na outra.

Bobuque riu:

— Deus faz isso o tempo todo, meu filho: nos dá e nos cobra de todos cada dia de vida, e um minuto do Arcebispo ou do Rei não tem mais tempo que o nosso... Vamos, vamos ouvir notícias dos soldados: o Reino anda agitado!

Na cocheira, de olhos acesos e boca aberta, Sexto ouvia os soldados. Sábado sussurrou a Domingo:

— Quer apostar que um dia nosso amigo deixa o castelo para viajar?

— Ao mundo o que é do mundo — Domingo sorriu mas logo ficou sério: os soldados contavam de castelos abandonados, aldeias desertas, pilhas de cadáveres queimados no campo; a peste avançava por todos os lados do Reino.

— Por isso demos graças a Deus de acompanhar o padre neste canto de

cá: aqui ainda não chegou a peste, não? Louvem a Deus.

Sexto perguntava das outras terras do Reino, dos outros reinos do mundo, os olhos brilhando com as histórias e os nomes das cidades, os costumes dos povos, as feiras e mercados, as guerras e as festas.

O Frade acordou, Domingo deu um pão que ele engoliu tão depressa que engasgou. Depois de muitos tapas nas costas e lágrimas de engulhos, bebeu mais água e orou:

— Graças, Senhor, por esta água, este pão, mais do que mereço por tão pouca fê.

Fechou os olhos e dormiu.

Domingo ficou olhando os pés sangrados do Frade, as feridas empoeiradas. Buscou água e lavou aqueles pés, depois costurou as sandálias que o Frade ainda segurava como tesouros.

— Você não precisava se curvar tanto — o Poeta ainda discutia com Bobuque.

— Ora, meu amigo, se a espinha não fosse feita pra se curvar, teria bem menos ossos. Acredite: nosso destino depende do coração desse padre. Não se esqueça de que já vivi na corte, conheço como pensam os poderosos: os que têm o poder das armas, nas guerras perdem a cabeça, e os que têm o poder das almas, perdem a cabeça nas pestes. Vêem o povo perder a fê em Deus diante de tanta mortandade, então colocam a culpa de tudo nos pecados do povo, e exigem mais e mais castigos e penitências.

Bobuque botou as mãos nos ombros do amigo:

— Te peço pela tua própria vida: não encare mais o padre, não afronte esse poder. Prometa.

— Sou o que sou — o Poeta se afastou.

Foi chutando a própria sombra até o alto da muralha, ficou olhando as terras desertas do reino vizinho, onde a estrada serpenteava quase desaparecendo por falta de uso.

— Talvez eu devesse ir para o Oriente — falou ao vento — Dizem que lá são tantos os deuses que ninguém se importa muito com isso...

— Não confunda a visita de um padre com a vontade de Deus — ouviu nas costas a voz de Flor.

Sem se voltar ele falou mordendo os lábios: mas Deus teria vontade? Se tivesse, seria homem ou seria Deus?

— Ou será só um nome que inventamos para explicar a Vida e seu mistério? Será apenas hóspede das nossas preces ou será mesmo o criador dos céus? E se é perfeito, que quer dos humanos?

E mais: por que consentia Deus em ser representado por alguém como padre Arcanjo?

— Será que não quer só se divertir com a gente? — o Poeta estava amargo como Flor nunca tinha visto.

Ela só respondeu depois que o vento mexeu várias vezes nos cabelos dele.

— Se você não entende nem aceita Deus, sofre dobrado e duplamente erra. A eternidade e o tempo vivem em nosso peito, mas não vivemos no céu — vivemos na terra! Reis, bispos, pestes, penas, guerras, fome, são coisas só desta vida e dos homens.

Ele se voltou para olhar aquela mulher desabrochando em carne e espírito:

— Você é um milagre — gaguejou sorrindo, mas logo ficou amargo de novo: haveria, no entanto, outra vida? E se houvesse, quem garantia que fosse melhor?

— E se cada vida for uma ponte para outra vida, para mais sofrer, e para outra ainda pior, como horizonte atrás de horizonte — hem?

Ela sorria como a uma criança:

— Se for só uma vida, ou tantas quantas são as estrelas, vale a pena viver todas elas e cada uma, sempre, seja como for, desde que nossa igreja seja o amor.

— Te amo — ele gaguejou.

— Também te amo — ela sussurrou.

E se abraçaram fechando os olhos, tonteando tanto que até precisaram se agarrar na muralha. De olhos bem abertos, numa das janelas padre Arcanjo vigiava.

Na cocheira, Sexto ainda ouvia os soldados. Era verdade que existiam cidades maiores que dez aldeias? E as guerras: por que eram feitas as guerras e como eram as batalhas? Os soldados descansavam de barriga cheia, só o mais velho ainda tinha ânimo de contar:

— As guerras, rapaz? São todas muito bonitas nos primeiros dias, quando um rei declara guerra a outro reino e as tropas se preparam, os cavaleiros fazem torneios com cavalos enfeitados e armaduras brilhantes de novas, os reis dão festas e o povo acena para os batalhões que partem com estandartes coloridos.

O soldado escovava um cavalo.

— Veja como está magro este coitado, mas muito melhor do que os poucos a voltar das guerras, os ossos furando a pele. São como os soldados: seja qual for o rei a vencer as batalhas, os soldados e cavalos sempre perdem.

— Mas como são as batalhas? — Sexto insistia.

— São todas um inferno — o soldado mostrou cicatrizes nas pernas, no peito e nos braços — Quem não morre, também não escapa inteiro. Se você tem de assaltar um castelo, pode ter certeza de que, mesmo depois de derrubado o portão ou invadida a muralha, e se já escapou das flechas, das pedras, do óleo fervendo, ainda vai enfrentar soldados com tanto medo de morrer como você: então todos viram leões e sobram golpes de todos os lados, até os moribundos escoiceiam. Flechas chovendo, fossos e armadilhas. E espadas e lanças pela frente, à esquerda e à direita e, como você não tem olhos nas costas, tem de lutar de costas coladas com algum companheiro, mas, se ele cai, é quase certo que você cai em seguida. E mesmo que viva pra ver o castelo trocar de bandeira, não pode descansar sem primeiro enterrar os mortos pra que não criem pestes, e curar as feridas pra que não gangrenem, e às vezes partir em seguida pra atacar outro castelo porque não basta ganhar uma batalha, é preciso ganhar a guerra, mesmo que você esteja há dias sem dormir e os cavalos tão cansados que empacam como burros.

— Mas as batalhas em campo aberto não são melhores? — os olhos de Sexto continuavam brilhando — Ouvi dizer que primeiro a cavalaria abre caminho e a gente tem só de fazer a infantaria inimiga correr.

O soldado, sorriu lembrando:

— Foi assim minha primeira batalha: nossa cavalaria avançou pelos dois flancos e, pela frente, avançou um batalhão de arqueiros que parou o ataque da cavalaria deles — e então o resto da nossa cavalaria atacou e eles só tiveram saída pra trás, começaram a recuar em linhas mas logo debandaram e nós, da infantaria, só tivemos de perseguir. Mas na segunda batalha foi diferente. Nossa cavalaria avançou, chocou com a deles, e então a infantaria recebeu ordem de entrar no meio daquela cavallhada. Se você caía, era pisoteado. Se conseguia espetar com a lança um cavaleiro deles, podia no mesmo instante ser atropelado por um cavaleiro nosso... No fim, nenhuma cavalaria derrotou a outra, e se retiraram cavalgando sobre tantos soldados que os cavalos tropeçavam. Passei dois dias fingindo de morto entre os feridos, até que nossa gente voltou para matar os feridos deles e me acharam.

— Vocês matavam os feridos?

— Claro, rapaz: guerras são feitas pra matar e ir em frente. Só poupamos os cavalos que ainda possam ser montados.

Sexto ficou olhando os cavalos e as armas.

O Frade acordou assustado, perguntou das horas mas se aliviou quando viu que ainda era dia:

— Quando chega de viagem, padre Arcanjo só sai do quarto pra jantar.
Viu as sandálias costuradas e Domingo ainda ali, sentado como se esperasse.

— O que você quer, filho?

— Nada.

— Quem costurou as sandálias?

— Alguém — Domingo apontou umas maçãs — E também trouxeram isto.

— "Trouxeram", é? — o Frade sorriu esfregando uma maçã — O fruto do pecado...

Domingo pediu desculpas, quis levar de volta as maçãs, o Frade riu:

— Não sou Adão nem estamos no Paraíso, filho — e mordeu a maçã; só depois de engolir lembrou: — Segunda vez hoje que como sem rezar...

E suspirou:

— Mas rezaremos tanto ainda hoje, Senhor...

Continuou comendo a maçã, Domingo perguntou por que rezariam tanto. O Frade contou que padre Arcanjo estava apenas recuperando as forças e, depois da janta, decerto ia começar uma novena.

— E, como temos pouco tempo antes de visitar outros lugares, não será uma novena em nove dias mas em três: rezas pela manhã, à tarde e à noite...

— Por quê? — Domingo perguntou com tanta inocência que o Frade engasgou rindo.

— Por quê, meu filho?! Ora, quem sabe por quê?! Porque assim querem, assim mandam, assim fazem. Sou apenas um frade e apenas obedeco, agradecendo a Deus por ter apenas de obedecer.

Domingo disse que tinham de trabalhar: como poderiam rezar dias e noites?

— Até hoje, só paramos de trabalhar pra festejar, um só dia. O Frade colou a mão na boca do rapaz, olhou em volta:

— Cuidado! Nunca mais diga isso, filho, especialmente enquanto padre Arcanjo estiver por aqui: você decerto receberia uma penitência tão pesada que... nem quero pensar.

Domingo não baixou a voz:

— Mas festejar não é uma forma de agradecer a Deus, Frade? Levamos pão para os pobres, e ovos para as crianças e...

— ... e padre Arcanjo diria — o Frade sussurrou — que decerto estavam com a consciência culpada e que subornavam a Deus com restos de comida. Ele costuma dizer que o Mal está em tudo e em todos se olhamos bem; e que, se não olhamos o tempo todo, o Bem sempre vai mal.

Domingo ficou pensando, repetindo baixinho as palavras do padre, até

cocar a cabeça:

— Mas então não há salvação para o Bem... O Frade temia que até os cavalos ouvissem:

— Fale baixo, filho, ou nem fale! Bem ou mal, essas coisas só devem ser discutidas pelos entendidos, os que estudaram Teologia e Ontologia e outras "logias" como o padre Arcanjo. Não se atreva nem a pensar nessas coisas, que eles adivinham pensamentos. Apenas reze, filho, reze muito enquanto o padre estiver aqui, reze sem descanso nem economia, que está rezando pela própria vida...

Sábado apareceu na porta:

— Mas o que estão fazendo ainda por aqui? Temos muito que fazer no vale!

Bobuque surgiu detrás dele:

— Hoje não vamos trabalhar. E façam silêncio em todo o castelo. Sábado não queria acreditar:

— Mas há tanta coisa por fazer, Bobuque! E por que silêncio?! O Frade e o soldado responderam:

— Faça o que ele diz, filho, ou nunca mais fará nada.

— E faça silêncio sim, senão o padre acorda com enxaqueca e...

— Deus nos livre — o Frade fez o sinal-da-cruz — e me perdoe, Senhor, falei sem pensar.

Jogou longe a maçã, ajoelhou e começou a desfiar o terço.

A tarde toda o castelo ficou em silêncio. As crianças não puderam brincar. Era preciso farinha para a janta, tamparam as portas e janelas do moinho com as esteiras de palha, trabalharam em silêncio de velório. Encaparam com pano o cincerro da cabra madrinha. Até o sol pareceu cair em mais silêncio do que sempre, e para sempre parecia durar o poente quando se abriu a porta de padre Arcanjo.

— Banho — foi só o que falou, a cara ainda vincada pelo travesseiro.

O Frade já esperava na ante-sala com os sabões, os sais, as ervas medicinais, as essências de algas e as fragrâncias, e disparou pelos corredores para buscar os baldes de água quente. Sábado e Domingo levaram para o salão do padre uma tina trazida em lombo de burro pelos carregadores. A madeira era lavrada com cruzeiros e pombas e, nas bordas, tinha frases em latim.

Desmanchando e emendando roupas, tinham feito toalhas, tão brancas quanto possível, mas o Frade tirou de uma pequena arca toalhas perfumadas.

— Não precisará das nossas? — perguntou uma mulher.

— Sim, sim — o Frade pegou — para pisar.

E se fechou com o padre. No silêncio do castelo, ouviram que o padre

entoava um cantochão em latim. Depois de uma hora, saiu com outra batina, e como abelhas as crianças foram atrás dele pelo corredor cheirando os perfumes e fragrâncias. Nervoso, o Frade distribuiu ordens com voz de súplica: lavassem e secassem a tina e o chão, e também lavassem já as toalhas e secassem ao vento da noite para o banho da manhã, e renovassem a mesa, lustrassem as frutas, enchessem de novo a jarra de vinho. Depois saiu correndo atrás do padre.

Padre Arcanjo andou pelo castelo, subiu devagar degrau por degrau a mais alta muralha e de mãos juntas olhou o vale; depois ficou olhando o céu como se conversasse direto com Deus-. Finalmente disse a Bobuque para reunir toda a gente na praça e, lá do alto, anunciou:

— Em nome de Deus vos convido para a purgação dos pecados, e vosso arrependimento há de ser muito maior que as negligências: habitais o único castelo sem capela nem altar neste reino cristão e, se quereis o divino perdão, prostrai-vos já para as penitências!

E começou um terço, em pé no alto da muralha, a voz rasgando o silêncio sem vento da noite abafada. Lá de baixo, a gente do castelo respondia às ave-marias, aos pai-nossos, às salve-rainhas. Tá tinha passado a hora da janta e mal tinham almoçado arrumando acomodações e comida para o padre, para os carregadores e os soldados. A tarde em silêncio tinha enervado tanto que agora, ajoelhados no calçamento empedrado da praça, ralando os joelhos e repetindo sem pensar a reza, até sentiam alívio: logo estariam livres daquilo.

Conta por conta o terço foi desfiando nas mãos do padre. Lá de baixo viam o fio pender mais comprido a cada pai-nosso, cada ave-maria, formando um arco que descia feito um fio escuro de baba das mãos brancas de luar. No começo, as crianças até se divertiram rezando alto, mas logo cansaram; então foram cutucadas pelos velhos: o padre erguia a voz sempre que o fervor esfriava, como uma ordem para rezarem mais e mais alto.

Lá pela metade do terço, começou a descer as escadas; uma ave-maria num degrau; noutro degrau outra ave-maria; até chegar ao degrau do pai-nosso, e assim por diante — até que, quando pisou na praça, as crianças rezaram mais animadas que no começo: decerto ia chegando o fim. Mas padre Arcanjo acabou e fez sinal ao Frade para que começasse outro terço.

Então passou a andar entre as crianças, passando a mão na cabeça de uma, erguendo pelo queixo a cabeça de outra, encarando com um sorriso que se fechava tão logo se abria. O Poeta tinha se ajoelhado a custo, puxado por Bobuque, mas continuava de lábios cerrados. Bobuque cutucou:

— Reze, homem, pelo amor de Deus!

— Não creio *nesse* Deus — o Poeta sorria o mesmo sorriso de quando

tinha debochado do Rei.

— Pelo seu próprio bem — Bobuque voltou-se ajoelhado para o outro — Imploro, meu amigo.

O Poeta engoliu, começou a mover os lábios. Padre Arcanjo passeava entre todos, e por onde passava as vozes se alteavam. Às vezes virava de repente e olhava para trás — e lá também as vozes se alteavam, as mãos se apertavam. E os joelhos inchavam.

Quando alguma criança começava a cabecear apenas murmurando a reza, o padre esperava até que fechasse os olhos, então ia depressa e, quando a criança abria os olhos, estava diante do negror da batina, e erguendo os olhos dava com o sorriso que se abria e se fechava na cara onde o olhar nunca sorria. E continuava a rezar.

Quando acabaram o terço ele começou um sermão — Irmãos... — andando entre todos e abrindo e juntando as mãos, aqui e ali abençoando alguém, falando sem parar e abençoando cada criança, abençoando enfim até o bebedouro dos cavalos e as muralhas. Falou dos santos e dos anjos, de pecados e virtudes, a perfeição de Deus e a redenção das almas, os suplícios do Inferno e as delícias do Céu, que poucos mereceriam sem antes passar pelo Purgatório e, portanto, quanto mais purgassem os pecados em vida, menos teriam a purgar depois da morte.

Fez um sinal de "cabeça, fechando os olhos, e o Frade começou outro terço. A lua já andava alta, as crianças cabeceavam enfiando o queixo no peito. O padre ficou de pé e de olhos fechados no centro da praça, como se enredado pelas vozes, até que abriu os olhos; duas crianças já dormiam no chão ainda de mãos juntas.

— Que fiquem aí até o fim — ordenou — pois mesmo nas crianças se instalam demônios, e esse sono pode ser possessão de Satã. Oremos, oremos!

E voltou a voltear entre os velhos corcundas de cansaço, o Perneta rezando sobre os cotovelos, um dos manetas com o braço-só cruzado no peito, o outro com o braço se apoiando na muralha para não desabar; as moças de olhos no chão, os moços com a voz dolorida, as crianças caindo de sono; e o Poeta cada vez movendo menos os lábios. Diante dele parou padre Arcanjo, mas o Poeta, sem piscar, encarou a batina negra, não levantou os olhos. Viu a mão branca descer e comandar num gesto leve que olhasse para cima; então deu com o sorriso e o olhar do padre pousados em Flor.

— Reze com o coração, meu filho, reze — o padre sussurrou e Bobuque suplicou com o olhar, o Poeta engrossou a voz.

A cada terço dois soldados se revezavam ajoelhados nos cantos da praça. Tirando o olhar da moça, o padre trocou olhares com os dois antes de

encarar o Poeta:

— Sabe por que você não reza com o coração? Sabe por que a fé escapa do seu peito como fumaça, filho?

— Tenho sua idade, padre, não me chame de filho.

— Sabe por que se atreve a falar assim até com o enviado de Deus?

Os olhos do padre quase fechavam, a voz sibilava sílaba por sílaba:

— Teu coração, pobre homem, está possuído pelo demônio em forma de mulher!...

Os soldados acudiram logo que o Poeta, num pulo, começou a esganar o enviado de Deus.

— Continuem! — o padre comandou com uma voz engasgada de gralha — Não parem ou sobre todos descerá a mão de Deus!

— Deus é perdão, não castigo! — o Poeta começou um discurso, mas calou com o tapa de um soldado.

— Amordacem o demônio! — o padre apontava com a mão branca e os olhos arregalados — Amordacem, amarrem e lancem ao calabouço!

Um soldado perguntou a Bobuque onde era o calabouço e ele explicou que tinha virado despensa. A reza ia quase parando, só o Frade e algumas vozes continuavam, mas o padre grasnou:

— Orem pelo amor dos céus, pelo perdão de Deus, isto é um covil de demônios! — e Bobuque pediu:

— Rezem, por favor, rezem.

A reza continuou, algumas crianças tinham acordado assustadas e agora rezavam de olhos bem abertos, as mãos bem apertadas. Os soldados rodeavam a praça com as lanças. O Poeta se debatia nas pedras, amordaçado e amarrado, sangue minando do nariz e as veias do pescoço inchadas.

— Nem capela nem calabouço — de braços abertos em cruz, o padre falou ao Céu — Que castelo é este, Senhor? Será verdade o que vejo e ouço? Que faço, meu Pai?!

Ficou um tempo assim crucificado, como se ouvisse as respostas, depois ordenou:

— Prendam esse pobre corpo nalgum canto, longe das cocheiras para que o demônio não passe para os cavalos!

Apontou Flor:

— E em outro canto prendam o corpo desta outra endemoniada! Primavera tentou abraçar Flor, foi afastada por uma lança. E

até a meia-noite os terços continuaram, até o nono, depois do que o padre anunciou:

— Foi apenas a primeira *nona* da nossa novena, irmãos. Nove vezes rezaremos nove terços em jejum, e ao fim, tão certo como é certa a morte e a

vida é eterna, sentireis a alma leve como nunca e finalmente estará livre do Mal este castelo! Dormi em paz, mas acordai prontos para continuar ao nascer do sol: ainda sinto muitos demônios entre vós! Boa noite, com a graça de Deus e do Espírito Santo!

E se recolheu ao quarto, não sem antes ordenar sentinelas nas despensas e na cozinha, durante toda a noite, e que cada um do castelo comesse um pão, não mais que um pão. E que fizessem silêncio, e aproveitassem o silêncio para rezar mais antes de dormir:

— Precisam de penitência mais que de ar.

Tontos de sono, mascando pão duro, a gente do castelo foi tropeçando para as camas; e, naquela noite, viam sombras em toda parte.

Quando uma nuvem encobriu a lua e os sentinelas começaram a cochilar apoiados nas lanças, os moços do castelo se esgueiraram pelas sombras até o quarto de Bobuque. Ele dormia sempre de porta aberta mas, naquela noite, estava acordado, olhava o céu pela janela. Quando deu pelos moços, agachou com eles e juntaram cabeças para cochichar na escuridão.

— Que vamos fazer, Bobuque?

— Por que sempre eu tenho de decidir? Vocês já não são crianças.

Acendeu aquele velho olhar de menino encarando cada um. Sábado era sério, desde menino parecia um homem; e era o que inventava as brincadeiras, tinha sido o primeiro a trabalhar e sabia fazer de tudo, de aprendiz de sapateiro a lavrador. Domingo sempre seguia Sábado mas nunca começava coisa alguma; e trabalhava com gosto mas só mandado, como só parava se mandassem: uma vez, o Cozinheiro tinha esquecido dele a descascar batatas e, quando lembrou, foi achar o rapaz atrás duma pilha de cascas; nunca comeram tanta batata como naqueles dias. Sexto, ao contrário, só mostrava gosto por trabalhar fora do castelo; era o primeiro a pular na carroça para descer às aldeias e sempre pegava as rédeas; sempre com um jeito de quem descobria tudo pela primeira vez.

Agora estavam ali cara a cara com Bobuque e se olharam com a mesma pergunta nos olhos:

— O que fazer? — Sábado repetiu e Bobuque sorriu como se ele mesmo tivesse preparado tudo aquilo:

— Tudo tem uma primeira vez. Isto havia de acontecer um dia e, afinal, já pensaram que não sou eterno?

Voltou a olhar a lua e os moços voltaram pelas sombras. Domingo dormiu logo, depois Sexto, mas o sol encontrou Sábado ainda de olhos abertos. A sineta da cozinha badalou diferente na mão de um soldado, mas

mesmo assim assanhou a fome em todos. No entanto, padre Arcanjo já estava na praça com o Frade e com os braços em cruz:

— Bom dia, irmãos, e glória a Deus nas alturas! Oremos!

— Em jejum, senhor? — Bobuque perguntou num sussurro, e um sorriso passou pelo rosto do padre:

— Bebei água, irmãos, para que vossas vozes subam ao céu claras e puras...

Soldados sonolentos guardavam os quatro cantos da praça, e lentamente a gente do castelo rodeou o bebedouro, e se lavaram e beberam devagar ganhando mais algum minuto — mas, já de novo no alto da muralha, o padre apontou o horizonte e comandou pressa, pressa; antes que o sol lançasse sombras na praça já deveriam estar rezando. Todos se ajoelharam, os cabelos molhados, os olhos já mortiços, as crianças ainda tontas — e, antes da primeira ave-maria, a voz da menor das meninas saiu baixinha mas clara como um clarim:

— A gente não vai comer nunca mais?

O padre apontou para ela o dedo tremendo de fervor:

— Eu vos avisei: ainda há muitos demônios entre vós! Oremos, irmãos, oremos, implorando graça e misericórdia! Ave-Maria.

Mas Sábado não se ajoelhou nem rezou.

Ao fim do primeiro terço, o padre passou afagando a cabeça das crianças, pousando aqui e ali a mão no ombro dos velhos — Descansai agora, irmãos, descansai — mas, antes que tivessem tempo de massagear os joelhos inchados, fez sinal ao Frade e o segundo terço começou. Fez outro sinal aos soldados e Sábado foi levado para junto do Poeta.

Logo Sexto também se levantou e, em seguida, Domingo. Foram levados também. Ao fim do segundo terço, foi a vez do Cozinheiro: levantou de repente, e com um palavrão, tirou pães dos bolsos e partiu depressa em pedaços, deu às crianças e, antes que os soldados avançassem, elas já engoliam. Um soldado empurrou o Cozinheiro e ele caiu. A Cozinha acudiu e saíram da praça de mãos dadas. Padre Arcanjo arregalava os olhos:

— Demônios, demônios!!

Depois o Pedreiro e o Perneta trocaram um olhar e levantaram juntos, um coxo e o outro pernetá, marcharam abraçados até o salão já feito prisão. A Costureira Mestra levantou arquejando, era muito velha, e foi atrás deles resmungando que era melhor prisão o resto da vida que mais um terço. Com ela as moças tinham aprendido costura, e foram junto, antes passando pela oficina para pegar um novelo e agulhas; assim pelo menos teriam o que fazer.

— Satanás aqui fez seu reino... — padre Arcanjo ergueu os olhos para o

céu — Tende piedade dessa gente, Senhor.

A menina menor repetiu:

— E a gente não vai comer mais nada?

— Oremos, oremos! — as mãos do padre azulavam de tão crispadas, e a voz do Frade se alteou puxando a reza, mas só algumas vozes responderam.

Depois, só o silêncio respondeu. O soldado mais velho foi até o padre, ajoelhou, fez o sinal-da-cruz e perguntou com os olhos na batina:

— Prendo todos, senhor?

As crianças já tinham invadido a cozinha, já corriam pela praça mordendo maçãs. O padre olhava tudo e nada via, escutava tudo e nada ouvia.

— Prendo todos, senhor?

De repente se ouviu o martelo do Sapateiro e a mó do moinho e, como se fosse uma música ensaiada, os talheres da cozinha, os cavalos relinchando e sapateando enjoados de coqueira, e o Poeta começou a cantar como todas as manhãs. O padre caiu de joelhos.

— Falhei, Senhor.

Até que o sol chegou a pino ficou ali em oração, o rosto nas mãos, as mãos saltando cada conta do terço como uma lágrima negra. Então levantou e se viu sozinho. O Frade cochilava na sombra, os soldados esperavam sentados.

Então padre Arcanjo foi até a liteira, sentou, fechou a cortina e não falou nada. Vamos embora, senhor? — o soldado perguntava. O padre não respondia. Os carregadores levantaram a liteira. — Vamos embora, senhor? O Frade arriscou abrir uma fresta da cortina: — Vamos em... ?

— Antes que eu excomungue vocês também — a voz saiu gelada lá de dentro.

Bobuque andou ao lado da liteira até o portão.

— Desculpe, padre, não sei o que dizer. Sabe o povo como é... A voz:

— Aqui o Reino de Satã me derrotou, mas fé e forças maiores Nosso Senhor terá para voltar, e então se arrependerão. Principalmente o senhor.

— Eu, padre?!

— Podia ter usado sua autoridade. Mandasse chicotear alguns, os outros pensariam duas vezes.

— Mas isso, padre, seria contra meu princípios: sou cristão.

A liteira saiu em silêncio. No portão Bobuque ficou pensando mas acabou rindo: atrás da caravana, as crianças foram brincando com o Frade até a primeira curva da estrada. Depois voltaram correndo direto para a cozinha. Quando o almoço estava na mesa, Bobuque bateu a colher na madeira e todos fizeram silêncio.

— Graças por mais este dia, por este pão, por mais esta provação.
— Amém — a menina menor soprou — E já podemos comer à vontade?
— Acha que eles vão desistir? — Sábado perguntou por todos.
— Claro que não — Bobuque partiu um pão fumegante — Mas você não tem fé em Deus? Comam!



6. Nuvens negras

Certos dias, na corte do Rei, depois que todos os segredos vazavam em cochichos e todos os cochichos viravam boatos, ficavam os cortesãos sem ter do que falar; era quando qualquer coisinha virava assunto. Afinal, o que faziam enquanto esperavam o Rei sair das aulas de música? Tinha mania de música o novo Rei, e a corte bocejava em concertos e recitais que não acabavam mais, dia após dia, noite depois de noite, e o Castelo Real vivia cheio de músicos e professores de solfejo e harmonia, canto e teoria, e até os falcões do velho Rei tinham virado sopa para a criadagem: agora só se via e ouvia passarinhos em gaiolas em todos os cantos e janelas. E nos banquetes e saraus só de música conversava o Rei; por isso, quando Sua Majestade estava nas aulas, os cortesãos aproveitavam para passar em revista os boatos e intrigas, as fofocas e futricas.

Mas já andavam cansados dos mesmos assuntos. O Príncipe, irmão mais novo do Rei, vivia desterrado no reino vizinho — com cujo rei se aliava — há anos formando um exército para voltar e tomar a coroa da cabeça do irmão. "Um homem que vive no mundo da música não merece um reino", diziam que o Príncipe dizia. Mas o exército do Príncipe nunca ficava pronto: ele gostava tanto de caçar que toda semana inventava uma nova caçada, em algumas demorando mais de semana. Enquanto isso, a peste aparecia aqui e

ali nos dois reinos e diziam que, de tanto caçar para lá e para cá, o Príncipe ainda acabaria empestado. No entanto, muitos nobres da corte, principalmente os mais chegados ao Rei, já viam com bons olhos uma vitória do Príncipe:

— Pelo menos — cochichavam nos corredores — a gente ia caçar um pouco: não agüento mais tanta música!

— E uma guerra era capaz de também fazer a gente esquecer essa maldita peste...

— Nada melhor que uma guerra — os cavaleiros conversavam pelos cantos — ou vão descobrir que não servimos para nada...

— De qualquer modo — assanhavam-se as damas — haveria do que falar, e festas de despedida para os regimentos...

Mas o Príncipe continuava a caçar, enquanto seus batalhões se formavam e se desfaziam no reino vizinho; então o remédio era falar da peste.

— Não temam — garantiam os conselheiros do Rei — Está provado: nunca uma peste atacou uma corte.

— É coisa de pobres. Vamos mudar de assunto?

Que outro assunto? Mal tinham tempo de conversar entre um concerto e um recital. Em todos os salões ensaiavam aprendizes de músicos! Entretanto, naqueles dias, duas pequenas notícias se cruzaram e, de cochicho em cochicho, de riso em riso, correram juntas todo o Castelo Real e chegaram aos ouvidos do Rei. No Castelo do Canto

— Vossa Majestade lembra? — os súditos pareciam viver em outro reino: contava-se que de lá saíam destratados os coletores de impostos e desmoralizados os padres visitantes. Padre Arcanjo, um dos mais fervorosos emissários do Arcebispo — Sabia disso Vossa Majestade?

— tinha voltado tão derrotado que por vontade própria se trancava num mosteiro, onde só a pão e água vivia em orações.

— Verdade? — o Rei cismava — Teria mesmo tanta ousadia aquele bobo feito duque pela caduquice de meu pai?

— Por via das dúvidas — cochichava um conselheiro no ouvido direito do Rei — não seria melhor enviar uma patrulha reforçada acompanhando os mesmos coletores destratados? Afinal, quem humilha um enviado do Rei, ao próprio Rei humilha...

— Mais ainda, Majestade — cochichava no ouvido esquerdo outro conselheiro — Não seria de bom alvitre enviar alguns pelotões ou mesmo um batalhão? Poderiam recrutar os jovens do tal castelo para nossas tropas, andamos precisados.

— Melhor ainda, Majestade — um outro conselheiro procurava um terceiro ouvido do Rei — Esse batalhão poderia escoltar também um mais

fervoroso padre visitador, com o que Vossa Majestade conseguiria também as boas graças do Arcebispo, ultimamente tão irritado com a peste que, dizem, é castigo de Deus aos pecados do Reino...

— Mas que pecados? Vivemos na santa paz da música! — o Rei cismava, mas logo era atraído pelo canto de um canário, lembrava alguma melodia — e imediatamente ordenava um recital, esquecia o Castelo do Canto.

E as músicas encobriam os gemidos dos presos e os berros dos loucos nas masmorras e nos porões. Mas a corte não esquecia o Castelo do Canto. Até começaram a apostar: quantas semanas mais se passariam antes do Arcebispo ou do Rei ordenar a desgraça do tal Bobuque?

— Aposto que acabará na prisão.

— Aposto que não: afinal, é um duque, e prisões são para os pobres. Acabará desterrado.

— Para se juntar ao exército do Príncipe? Entre tantos palermas, acabaria general!

Riam; mas em seu escritório roxo e negro, olhando o mapa do reino, o Arcebispo não ria. Vários povoados estavam espetados com cruces negras, ali já andava a peste; e o Castelo do Canto estava espetado com uma cruz vermelha:

— Aqui Satã fez morada — o Arcebispo apontou aos padres reunidos — E se não podemos esconjurar a peste, que o Rei nos ajude a derrotar o Diabo.

Padre Arcanjo se ajoelhou:

— Contai comigo, reverendíssimo, dai-me, suplico, mais uma oportunidade! Apenas iluminai minha fraqueza, dizei-me como enfrentar aquele bando de possessos: até as crianças se recusavam a obedecer as ordens do Senhor!

O Arcebispo gostava muito quando esse "senhor" podia tanto ser Deus quanto ele mesmo, então fechou os olhos como se recebesse instruções diretamente dos céus:

— Que a ordem seja: o fim daqueles demônios ou a destruição da Fé! Pois não vos esqueçais: a descrença também é uma peste, começa num ponto e se espalha como os ventos...

— Mas como faremos, reverendíssimo? — os olhos de padre Arcanjo brilhavam e a voz tremia — A não ser que acabemos com todos à espada...

— Por que não? — o Arcebispo tomou um gole de vinho — Espadas não têm mesmo forma de cruz?

Através do cálice, sorriu com dentes encarnados.

Naqueles mesmos dias, fingindo que saía para caçadas cada vez mais demoradas, o Príncipe secretamente organizava seu exército, acampando um batalhão numa aldeia, outro em outra, mais outro no sopé das montanhas, os soldados disfarçados de caçadores, lenhadores, lavradores, misturados com o povo e arrotando que sim, já tinham sido soldados do Príncipe mas, como o exército nunca se formava e a guerra jamais começava, passavam o tempo ganhando a vida como podiam:

— Esse Príncipe não tem dinheiro nem coragem...

As armas, escondiam em grutas e fossos. Os cavalos continuavam a treinar nas cavalariações do reino vizinho, prontos para marchar em cavalaria do dia para a noite. E nos campos mais secos e distantes, longe dos olhos de pastores e lavradores, pelotões se juntavam para treinar, comandados por soldados veteranos. Todo mês recebiam o soldo mas não podiam gastar:

— Vejam — dizia o Príncipe em revista aos pelotões — Aí estão moedas de pura prata, mandadas por nobres amigos, que continuam no Reino mas desde já estão comigo: abrirão os portões do Castelo Real quando eu mesmo comandar o ataque! Não sou um covarde preguiçoso como meu irmão, a quem chamam de rei só porque nasceu um ano antes. Não: podem ter certeza, tanto quanto o sol está no céu, que quando nosso estandarte tremular no topo do Castelo Real, já estarei lá, também coberto do pó ou do sangue da batalha, tão junto de vocês como o próprio ar!

Os soldados veteranos gritavam:

— Morra aquele Rei! Viva este Rei! Os soldados repetiam urrando:

— Morra! Viva!

E o Príncipe já se sentia mesmo rei. Quase ficava de pé sobre a sela para bradar:

— Até a vitória!

Os soldados urravam:

— Pelo Reino! Pelo Rei!

Mas então o Príncipe, já com real autoridade, desembainhava a espada e, devagar, como que cortava o pescoço de todo o pelotão alinhado:

— Mas atenção: o primeiro que gastar uma só dessas moedas por aí, aproveite bem a noite porque antes de acordar já será um homem morto!...

Os soldados trocavam olhares: então ganhavam mas não podiam gastar? O Príncipe apeava, agachava, chamava para agacharem em redor e, abraçando como se falasse a velhos companheiros, explicava que a surpresa era o segredo da vitória:

— Pensam que passo o tempo caçando. Que pensem. Não devem desconfiar de nada — mas terão certeza de que estou armando um exército se vocês começarem a gastar por aí...

E piscava:

— Que custa esperar mais um pouco? Aliás, depois da vitória, todos receberão de prêmio o soldo de um ano!

Em cada pelotão, um soldado veterano já estava instruído para apartear o Príncipe:

— Desculpe, Majestade, mas sabe como é o vinho... Depois do primeiro copo, a gente tem vontade de tomar o terceiro, e as moedas começam a cocar no bolso...

O Príncipe soltava um suspiro fundo de decepção:

— Pois é. E por causa de umas bebedeiras podemos perder a guerra, o Reino, a vida...

Os jovens soldados prometiam que não, não gastariam nem uma moeda; juravam. Então o soldado veterano devolvia as suas:

— Eu é que não vou confiar em mim. Peço por favor, Majestade, guarde meu soldo até a vitória.

— Você será recompensando, meu bravo — o Príncipe falava como se também fosse veterano — É essa confiança que ganha as guerras!

Logo os outros imitavam o veterano, até aliviados de se livrar da tentação. O Príncipe tornava a montar e, depois de olhar nos olhos de cada um, prometia emocionado:

— Não vou esquecer tamanha fidelidade. Até a vitória! Partia com seus oficiais e conselheiros — e com a arca de moedas cheia novamente. No pelotão seguinte, usava a mesma conversa, as mesmas moedas, que saíam e voltavam da arca várias vezes por dia. Entre os soldados, crescia a fama de valentia e honestidade do Príncipe, e mais fiéis ficavam, treinavam mais e com mais confiança esperavam a guerra — até porque, se conquistassem o Castelo Real, quem sabe escapassem da peste!

Mesmo no campo, ninguém estava livre da peste. Por toda parte vagavam bandos de flagelados, gente que tinha tido na família algum empestado e por isso eram expulsos das aldeias: até os médicos acreditavam que a peste pegava mais entre parentes, e assim queriam cortar o mal pela raiz. Famintas, as famílias se juntavam para atacar plantações, granjas e até os pequenos povoados.

Se algum empestado andava com um grupo, logo todos pegavam a peste. Mas também acontecia de um bando vagar durante semanas e, longe das aldeias e dos ratos, continuarem todos sadios, embora bandidos — e resolviam continuar assim. Juntavam-se em bandos cada dia maiores e atacavam com mais fome e fúria, e por vingança não deixavam nada vivo

por onde passavam. Eram homens barbudos e mulheres descabeladas, crianças ferozes, e até seus cachorros de estimação eram agora selvagens como lobos.

Os soldados do Rei se entocavam nos fortes e guarnições, os al-deões se fechavam nas casas, os camponeses abandonavam as plantações. O Reino andava entregue a qualquer destino. E, um dia, um dos maiores bandos de flagelados chegou às plantações do Castelo do Canto. O trigo, o centeio e a aveia estavam ainda muito novos, as plantas ainda nem tinham espiguetas — mas aqueles homens olharam o castelo lá no alto e nem precisaram falar, dava até para ouvir os pensamentos: quem tinha plantações assim, decerto teria também armazéns cheios...

Mas teria muitos soldados o castelo? Muralhas muito altas? Muitas armas? O chefe do bando era um cego com três facas no cinto e roupas de couro de vários tamanhos, aqui e ali furadas e manchadas de sangue seco. Tirou as facas, as roupas, vestiu um manto.

— Vou lá sondar. Me esperem.

— Não é melhor ir mais alguém junto?

— Não — ele pegou o bordão e começou a andar cutucando a estrada — Não vão desconfiar de um pobre cego...

Já se afastava quando alguém cochichou:

— O que um cego poderá ver para nos contar?

— Ver, não verei nada — o Cego sorriu entortando a boca — mas vou ouvir tudo...

O bando ficou afiando facas.

Perto dali, o Príncipe acampava com os oficiais e conselheiros. Estavam cansados, tinham passado em revista vários pelotões e, já anoitecendo, cavaram um buraco numa gruta para esconder a arca. Agora os oficiais descansavam em redor do fogo, na boca da gruta, esperando ferver uma sopa e roendo pão duro. Na gruta, agachados sobre um mapa do Reino, com um barrilete de vinho e candeeiro, o Príncipe e os conselheiros falavam baixo. Já tinham cavalos, cavaleiros, uma infantaria quase completa, e com o rei vizinho teriam armas e mantimentos para uma longa guerra — mas, a julgar pela maluquice musical do Rei, seria uma guerra bem curta...

— No entanto, Majestade, teremos de pagar os soldados logo depois da vitória e...

O Príncipe cortou:

— Teremos os tesouros do Castelo Real, e não se esqueça de que, por mais fácil que seja a vitória, muitos soldados morrerão...

Outro conselheiro cocou a barba preocupado, lembrou que também teriam de pagar ao rei vizinho pelas armas, cavalos e mantimentos.

— Já conversei com ele sobre isso — o Príncipe sorriu — Eu também temia que ele cobrasse muito, mas quer só algumas terras altas: o reino dele só tem terras baixas que dão uvas ruins, e o que ele mais gosta na vida é vinho...

— Aqui — um conselheiro apontou no mapa — temos uma terra imprestável, Majestade, onde com sorte talvez se possa colher alguma uva. Antigamente vosso pai viajava atalhando por um estrada terrível que cortava a serra, até ergueu ali na fronteira, no alto de um rochedo, um pequeno castelo para pernoite.

— O Castelo do Canto — o Príncipe lembrou — Que tal uma visita ao Duque da Santa Graça?

Naquela mesma noite, o Rei recebia a visita do Arcebispo. Vestido de roxo e amarelo, vinha com o padre Arcanjo e outros de batinas negras, mais um grupo de meninos e rapazolas, todos de branco e de olhos baixos. O Rei saía de uma aula de solfejo e ainda cantarolava quando recebeu a comitiva na sala de audiências. No lugar da mesa de despachos, estavam agora instrumentos musicais na parede; onde antes ficava um mapa do Reino, agora se via a partitura de uma cantata que o Rei vinha compondo e recompondo há meses.

— Sol fá ré dó dó mi lá — ele cantarolava diante da partitura.

— Boa noite, Majestade — o Arcebispo estendeu a mão para ser beijada mas o Rei nem notou.

— Boa noite, fá sol lá mi ré ré dó, a que devo a honra da visita, reverendíssimo?

O Arcebispo contou o caso do Castelo do Canto. Padre Arcanjo mordia os lábios. O Rei ouvia cantarolando baixinho.

— Assim, Majestade — o Arcebispo finalizou — o caso me pareceu de tal gravidade que não me atrevi a sozinho resolver o que fazer, pois afeta não só a Igreja mas todo o Reino. Não vos parece?

— Sol ré dó fá — o quê? Sim, claro. Mas... por que a falta de fé num castelete distante tanto afeta o Reino, reverendíssimo?

— Ora — o Arcebispo soltava um vaporzinho pelas ventas — Ora, Majestade, a falta de fé se espalha como peste. E quem, sem fé em Deus, continuará fiel ao Rei? Quem?!

— Sol lá ré ré si — Quem o quê?

— Majestade! — o Arcebispo esmurrou um tambor e o som trouxe o Rei à realidade; piscou parando de cantarolar.

— Sim, reverendíssimo?

— Não me ouvis, Majestade?

— Com todo o prazer, reverendíssimo, tocai o que quiserdes!

O Arcebispo murchou num suspiro, trocou com os padres olhares de raiva e piedade — e já ia saindo quando padre Arcanjo se ajoelhou aos pés do Rei:

— Majestade, concedei-me a graça de vossa atenção! Vi com estes olhos: naquele castelo habita Satã e sua corte de demônios! É preciso que sejam vencidos pela fé ou pela força — e é em defesa da Fé, em nome de Deus e pela aventura do Reino que pedimos vossa permissão.

— Para quê, padre? — o Rei alisava as teclas do órgão.

— Para deitar fogo naquele inferno com todos seus demônios! — o Arcebispo respondeu entredentes.

— E para isso, Majestade, além de vossa permissão, precisamos de um batalhão para chegar até lá, o Reino anda cheio de bandidos — padre Arcanjo esfregou as mãos.

— Por isso mesmo — um conselheiro real atalhou — não devemos deixar nossos soldados andando por aí, podem trazer a peste para cá...

O Rei olhava a partitura na parede e voltava a cantarolar. Padre Arcanjo se arrastou de joelhos.

— Vossa decisão, Majestade.

— Sol lá... o quê? Tenho de decidir agora?

— Sua Majestade quer tempo para pensar — um conselheiro acudiu.

— Até quando, pelo amor de Deus? — padre Arcanjo continuava ajoelhado.

— Até... — o Rei não tirava os olhos da partitura — até eu terminar esta cantata.

E continuou a cantarolar mas parou quando padre Arcanjo tocou uma nota muito aguda e falou com uma voz fina:

— Até lá, Majestade, para que penseis com carinho em nosso pedido, deixamos um presente: estes jovens cantores, selecionados entre os melhores de todas as paróquias, para que cantem vossa cantata...

Os meninos e rapazolas continuavam de olhos baixos.

— São meus? Todos?! — o Rei parecia uma criança — E sabem mesmo cantar?!

A um sinal de um dos padres, tomaram posição de coral. O padre apontou a partitura, contou baixinho — Um, dois, três — e o coral começou a cantar. O Rei abraçou o padre, beijou a mão do Arcebispo.

— Um presente realmente digno de um rei! Jamais esquecerei! O padre falou com voz grossa:

— Basta, Majestade, não vos esqueceis daquele castelo... E tocou a nota

mais grave.

No Castelo do Canto, o bode Generoso pastava encarapitado na beira do precipício; ouviu um tec-tec distante. Mexeu as orelhas. Depois viu que era só um homem que vinha cutucando a estrada com um pau, então berrou alto e continuou pastando.

Na horta, Primavera ouviu o berro do bode e avisou — Vem vindo alguém — mas Flor duvidou: como ela podia saber? Sábado tomava banho na cascata e, apesar do rumor da água, também ouviu e enfiou as roupas depressa, voltou saltando pelas pedras e deu com Primavera no portão.

— Vem vindo alguém — ela falou sorrindo para a estrada.

— Como você sabe? — ele sorria olhando para ela.

— O bode berrou. Pode ser engano meu mas acho que...

— Então você também já percebeu: é verdade, esse bode é nossa sentinela.

Ela tirou os olhos da estrada e olhou para ele, os olhares se cruzaram e ela corou.

— Que foi?

— Nada.

— Quem nada é peixe.

Ela riu, depois falou baixinho olhando o Cego:

— Você andou triste. Por causa de Flor, não era?

— Perdi Flor — ele sussurrou — mas descubro Primavera. Ela correu: na curva, o Cego cutucava a beira do precipício.

— Por aí não, senhor: é uma viagem sem volta! Venha. Levaram o Cego para o castelo e ele não parava de agradecer, disse que preferiu subir aquela estrada perigosa a continuar no vale.

— Há bandos por toda parte — contou entre goles numa caneca — Parece o fim dos tempos. Mas que água!

Primavera deixou nos joelhos dele um pão ainda quente.

— Deus lhe pague, filha, há meses não como um pão assim.

— Vai para onde? — Sábado olhava os pés sangrados do homem.

— Só Deus sabe, filho.

— Fique quanto quiser — só depois de falar Sábado notou Bobuque ali ao lado — Quer dizer, se o pessoal, se o Duque deixar...

— Por que não? — Bobuque agachou para o Cego apalpar seu rosto — Temos um meio cego, mas um cego não temos ainda.

— Não caçoe de mim, senhor — o Cego engasgou — Já enxerguei, já vivi muito. Se pudesse, pagaria com trabalho este pão e...

— Sossegue, não estou caçoando. E, se já viveu muito, ótimo: pode contar histórias às nossas crianças, já enjoaram das nossas.

As crianças já sentavam em redor do Cego. Ele continuou comendo, com muita atenção para os sons do castelo; mas não ouviu ruídos de armas, nem passos de soldados, e quase só vozes de velhos... Então sorriu:

— Histórias? Sim, tenho muitas histórias, trago muitas novidades...

Uma sombra passou pela praça, Sábado olhou o céu: pela primeira vez, abutres voavam sobre o castelo. Mas baixou os olhos e Primavera sorria para ele, sorriu também.

Mais visitas chegariam naquele mesmo dia. Como chegaram pela estrada dos fundos, Generoso não ouviu — mas Sexto viu quando os quatro homens subiram a pé puxando pelas rédeas os cavalos, tão estreita era a estrada, quase um trilho beirando os penhascos. Sexto chamou Bobuque e viram que os quatro vestiam peles e, nas costas, levavam bestas e setas.

— São apenas caçadores — Bobuque se tranqüilizou.

— Não se esqueçam — na estrada, o Príncipe dizia aos oficiais — ajam e falem como caçadores, para ninguém saber que estivemos aqui.

Parou olhando o castelo e sorriu da própria idéia:

— Vejo aqui o que faltava para um bom plano de ataque... Explicou: apesar de todo o sigilo para formar o exército, um dia teriam de vestir os uniformes e botar os batalhões a marchar para o ataque; então os espíões soltariam pombos-correio; no mesmo dia, a notícia chegaria ao Castelo Real — e como, mesmo em marcha forçada, a infantaria levaria alguns dias até lá, o exército do Reino teria tempo para preparar a defesa e até armar um contra-ataque.

— Agora, vejam bem: esta é uma estradinha terrível mas, um atrás do outro, por aqui pode passar uma companhia de cavalaria. Nossa infantaria poderá até marchar em calma, guardando forças para a batalha pois, quando eles vierem para o contra-ataque, receberão nossa cavalaria pelas costas e, quando virem, estarão lutando em duas frentes. Serão esmagados, e depois marcharemos para o Castelo Real. Que acham?

Os oficiais concordaram, era um gênio o Príncipe; não podia mesmo o Reino continuar nas mãos de um paspalho que só tinha cabeça para música. Pararam de falar da guerra só quando chegaram à muralha do castelo; e, como bons caçadores, oferecendo coelhos mortos.

O povo, porém, gostava que o Rei só tivesse cabeça para música. Assim não ouvia os conselheiros e não se envolvia em intrigas e guerras, perseguições e grandes obras, como os castelos que acabavam construídos

pelo suor dos que nada tinham e pelos impostos de quem mal podia pagar. Cada vez menos o Rei se lembrava do Reino, fechado no mundo da música como num caramujo, surdo aos coletores que sempre queriam coletar mais, e mais surdo ainda aos comandantes, que mais e mais recrutas exigiam a cada novo boato de guerra. O Rei só dava ouvidos aos conselheiros quando algum barão se desentendia com algum duque: então convidava os dois para um recital e, entre uma música e outra, eram resolvidas as disputas e esquecidas as ofensas, até porque ninguém mais agüentava tanta música.^

Mercadores de muitas terras ouviam falar daquele reino onde o Rei pouco se importava com o comércio, não cobrava taxas e, assim, para lá iam caravanas e caravanas, acabavam abrindo mercados, comprando e vendendo cada vez mais, empregando gente, cruzando animais de fora com os da terra, ensinando novos modos de plantar e trazendo novas sementes, de modo que o Reino prosperava apesar ou até por causa de tanta música.

A prosperidade, no entanto, alimentava mais e mais ratos nos armazéns cheios, nos mercados, nos campos plantados — e, quanto mais o Reino prosperava, mais empestevava. A peste rondava o Castelo Real: já tinha chegado a aldeias que se avistava dos torreões — e os conselheiros, vendo que o Rei nada fazia além de continuar ouvindo música, mandaram erguer uma paliçada em redor. Florestas foram ceifadas para, duma semana para outra, surgir a paliçada cercando o castelo, construída por soldados e vigiada dia e noite para que ninguém de fora entrasse com a peste. Assim, o Rei e a corte — acreditavam os conselheiros — estariam salvos mesmo que todos morressem no resto do Reino. Proibiram o povo até de tocar a paliçada e mandaram fechar todas as janelas: pensavam que a peste também pudesse chegar pelo vento.

Depois dos últimos impostos, tinham as despensas e armazéns cheios, e tantas vacas, ovelhas e cabras que até as praças viraram currais; e tinham fontes de água: podiam agüentar ali dois ou três anos, uma peste nunca tinha durado tanto. Mas não tinham paciência:

— Meu Deus! — queixavam-se as duquesas e condessas — Aqui dentro, janelas fechadas; lá fora, fedor de estrume!

— E música, música, música até de madrugada! — gemiam os condes e viscondes.

O Rei andava com insônia, só dormia com música; e, a cada noite, pedia mais e mais música para pegar no sono.

— Pior de tudo — suspiravam os cavaleiros — é não ter notícias: que é que planeja o Príncipe? Como andarà a peste pelo Reino?

— É o mesmo que viver numa prisão.

Na prisão do Castelo Real, os condenados continuavam lutando contra os

ratos, como sempre — mas agora eram ratos empesteados. Os primeiros a aparecer com a peste tinham entrado pelos vãos da paliçada; filhotes que, de tão miúdos, passaram por frestas e em qualquer frincha se esconderam. Chegaram com muita fome aos porões cheios de trigo, às despensas abarrotadas de víveres, ao frescor escuro das adegas, onde cresceriam e engordariam, e se multiplicariam em ninhadas e ninhadas, empestecendo primeiro os presos, depois os pobres, os nobres e finalmente até as pedras, até não sobrar um só músico para embalar o sono do Rei. Mas então o Rei já teria perdido de vez o sono.

Antes, dormia até melhor: finalmente tinha acabado a cantata e, embora já falassem que a peste andava tão perto que podia ser cheirada no vento, resolveu que o coral começaria a ensaiar tão logo acordasse no dia seguinte. O maestro passou a noite copiando a partitura e, logo cedo, o Rei se abancou no antigo Salão de Audiências, agora Salão da Música. O coral já estava lá. O maestro pigarreou, começou a reger e começaram a cantar. O Rei fez uma careta.

— Que há com eles? Estão cantando pessimamente!

Um dos rapazes levou a mão à garganta, cambaleou, caiu como um tapa no tapete. Acudiram. Um dos conselheiros botou a mão na testa do rapaz e tirou como se queimasse:

— Febre, Majestade!

Agora, só se ouvia o silêncio.

— A peste! — alguém sussurrou e todos se atropelaram correndo pelos corredores.

O Rei continuou ouvindo o silêncio; um silêncio de morte em todo o imenso Castelo Real.

No Castelo do Canto, aqueles quatro bons caçadores não quiseram jantar no refeitório: pediram desculpas, eram gente bruta, preferiam arrancar nalgum canto, partiriam cedinho. Fizeram fogueira, assaram lá suas carnes, nem sal pediram, só feno para os cavalos. Foram até a cascata e se banharam. Quando voltaram, Bobuque disse ao Poeta que já tinha visto um deles, não sabia onde.

Sexto andava atrás dos homens, fazia perguntas — mas recebia mais perguntas que respostas. Queriam saber se havia muitos soldados do Rei no vale e na fronteira ao longo do rio:

— Vamos caçar por lá — explicou o que parecia o chefe — e temos medo dos soldados confiscarem as peles.

Sexto contou que, com a peste, os soldados viviam entocados nas

guarnições. Os caçadores pareceram muito satisfeitos com isso, mas ele contou também que só havia caça miúda no vale e naquele lado do rio. Então eles resolveram que, sendo assim, continuariam a tentar a sorte no outro reino. Deram boa noite já se enrolando nas cobertas.

— Posso viajar com vocês? — Sexto arriscou — Quero conhecer um pouco mais do mundo.

Os caçadores olharam para o chefe, que falou debaixo da coberta:

— Gosta de caçar, rapaz?

— Já matei gaviões no ar.

O homem tirou a cabeça da coberta e olhou bem para ele:

— Ótimo. Bons arqueiros sempre são úteis.

Os caçadores sorriram, Sexto também — mas eram sorrisos diferentes. Correu perguntando por Bobuque, parou ofegante e, antes de pedir, recebeu a resposta:

— Claro, pode ir. Ninguém segura o vento. Sábado perguntou aonde ele ia.

— Não sei — respondeu já saindo, foi pedir setas ao Soldado.

— Sempre achei que um dia ele iria mesmo — Bobuque suspirou.

— A vida é assim — o Poeta também suspirou olhando Domingo pensativo — Há os que viajam para fora e os que viajam para dentro...

— De um jeito ou de outro — Sábado suspirou cansado — vamos acabar sem braços para o trabalho.

— Não se preocupe — Bobuque apontou — As crianças continuam crescendo.

Já era hora de dormir, mas os meninos e meninas continuavam em redor do Cego; só que, agora, ele é quem ouvia a história do castelo — e pedia:

— Contem mais, contem mais...

Quando Sexto partiu cedinho com os caçadores, todos ainda dormiam; só Sábado acordou com o berro de Generoso.

— Até, meu irmão. Cuide-se.

— Cuidaremos dele — prometeu o chefe dos caçadores. Saíram pelo portão do fundo, Sábado nem teve tempo de ficar olhando: Generoso tornou a berrar. Fruta e Dom Carlos Felipe chegaram pelo portão da frente.

Dom Carlos Felipe explicou que viajaram à noite para evitar assaltantes. Contou a Bobuque:

— O Reino tem mais bandidos que piolhos — e avisou que um bando estava acampado ali mesmo no vale — Por isso vim, senhor, para ficar às vossas ordens.

O Cego ouviu o retinir das esporas e armas, perguntou às crianças quantos soldados vinham com o cavaleiro; nenhum. Perguntou se não tinham medo de um ataque dos tais bandidos, já tinha notado que os portões ficavam abertos; então as crianças começaram a contar do dia em que Bobuque tinha ouvido a voz, e de como tinham se livrado de todo medo; os portões de palha eram só para os dias de vento, e os novos portões de madeira nunca ficavam prontos. As vozes dos meninos às vezes engrossavam, iam virando rapazes; e as meninas, mocinhas. Fruta ficou admirada; e também pasmou de ver Flor com o Poeta e Primavera com Sábado. Para Bobuque, estava tudo normal:

— Sempre disse que só o imprevisto é certo.

Fruta concordou: jamais tinha sonhado que um dia chegaria ao Castelo Real na garupa de um cavaleiro, e que o próprio Rei se ajoelharía a seus pés.

Naquele tempo, uma boa história era uma das poucas diversões e, como ainda nem existiam escolas, sempre podia ser também uma aula de vida; então todos foram ao refeitório para o desjejum e para ouvir Fruta falar da vida no Castelo Real.

No começo, foi tratada como criada: mesmo com novos vestidos tão bonitos que nem acreditava — mas tão pesados que até tropeçava — não usava jóias nem pintura e, assim, num recital umas damas da corte pediram a ela que trouxesse banquetas e almofadas. Dom Carlos Felipe vivia de conversa com os cavaleiros pelos cantos e corredores do castelo, de modo que ela ficou levando água e licores para as damas até que ele se deu conta e apresentou:

— Senhoras, minha noiva.

As damas se espantaram, trocaram olhares, cochicharam; e os cochichos logo correram por toda a corte; e, por onde passava, Fruta se via coberta de olhares e ouvia risinhos. Sem nada notar, no primeiro almoço com a corte, Dom Carlos Felipe apresentou a noiva ao Rei:

— Fruta da Santa Graça do Canto e, em breve, com a bênção de Vossa Majestade, também de Aguillar y Bourbon dos Santos Silva.

— Claro, claro — o Rei concordou com o casamento sem ao menos olhar para ela: ouvia música de olhos fechados.

Mas o que todos gostariam mesmo era de tapar o nariz: o Castelo Real fedia. Antes, o vento fazia o favor de renovar o ar — mas agora, com as janelas fechadas por causa da peste, os fedores engrossavam ao ponto de parecer que todo o castelo era uma latrina. Aos poucos, Fruta foi descobrindo por quê.

Tudo era muito rico no Castelo Real, os móveis em madeira de lei, as cortinas rendadas, as toalhas de linho, os talheres de prata, pencas de jóias de ouro e brilhantes, roupas bordadas e penteados altos como catedrais — mas

as banheiras empoeiravam, e as damas se perfumavam não só para suportar os fedores, mas para disfarçar os próprios; e se espantavam de Fruta tomar banho todo dia. Não fazia mal? Não estragava a pele? Mas Fruta tinha mesmo a pele perfeita de uma fruta — e as damas, mesmo as mais moças, de tão pintadas pareciam velhas.

Os tapetes pareciam grama fofa, de tão grossos — e, por isso mesmo, debaixo deles os criados escondiam o lixo varrido e os restos de banquetes. Mais lixo se amontoava nos cantos, e debaixo dos móveis pesados que ninguém se atrevia a arrastar, enquanto urinóis cheios dormiam esquecidos debaixo das camas.

Pior de tudo eram os gases. Em todo lugar, a todo momento alguém soltava gás — muitas vezes com som: assim, além dos cochichos e risinhos, isso era o que mais se ouvia na corte. O criado-mor se inclinava para deixar um manjar na mesa do banquete, pronto. Um duque se curvava para beijar mão duma dama, pronto. Um marquesa ria duma piada, pronto, todos em roda tinham de se abanar, e por isso até os homens andavam com leques.

Todos soltavam tantos gases que ninguém se segurava mais; apenas faziam força para não soltar som. Com o tempo, porém, ficaram conhecidos pelo fedor de cada um, a ponto do Rei — mesmo de olhos fechados — saber quem estava por perto ou quem tinha se afastado de seu próprio fedor real, pois até o Rei fedia.

— Talvez ele goste tanto de música para esquecer tanto fedor — Fruta disse um dia a Dom Carlos Felipe e o cavaleiro concordou: o Castelo Real parecia afundar na própria sujeira. Andava falando disso com os outros cavaleiros, lembrava de como era limpo o castelo no tempo do velho Rei, mas eles só lembravam da última guerra, e só se preocupavam com a guerra seguinte. Contavam bravatas, brindavam entre gazes e arrotavam, cantando vitórias futuras.

— Depois de viver no Castelo do Canto — Dom Carlos Felipe segredou — meu nariz não se acostuma mais aqui.

Fruta pulou de alegria:

— Então por que não vamos viver lá?

No mesmo dia, pediram ao Rei licença para casar quanto antes.

— Claro, claro — o Rei ouvia um concerto e concordou logo.

— Mas eu sei que é costume receber um presente do Rei — Fruta ajoelhou.

O Rei abriu os olhos espantado: quanta audácia! Mas ela sorria e ele sorriu também: muito bem, que presente queria? O Reino devia muito à espada de Dom Carlos Felipe, e o pedido da noiva seria uma ordem mesmo para o Rei.

— Quero apenas, Majestade... — ela cochichou no ouvido real e o Rei arregalou os olhos:

— É isso mesmo que você quer? É mesmo?! Pois pode fazer como quiser.

Chamou o criador-mor e ordenou: que no dia seguinte toda a criadagem, desde o amanhecer até o pôr-do-sol, cumprisse as ordens dela como se fossem dele mesmo. E demorou um tempo olhando para aquela moça tão bonita e, no entanto, tão, tão... Balançou a cabeça como se não acreditasse — Tão louquinha, sussurrou — e fechou de novo os olhos.

No dia seguinte, Fruta levantou antes do sol e, quando a sineta acordou os criados, já estava comandando a limpeza do Castelo Real, repetindo o que tinha aprendido no Castelo do Canto:

— Os cantinhos! Limpem os cantinhos: é neles que a sujeira começa!

— Quem gosta de sombra é vinho, colchões precisam de sol!

— Se a lua muda toda semana, por que não mudar os lençóis?

— Se tudo muda na vida, por que não mudar também os móveis de lugar?

Com isso, também mudaram de lugar os tapetes, e aparecia lixo por todo lado; barricas de sujeira foram saindo do castelo, as muralhas ficaram cobertas pelos tapetes que até clarearam depois de batidos e lavados. Os corredores também pareciam mais largos depois de lavados por pelotões de criados e um batalhão de soldados, convocados por Dom Carlos Felipe. Com vassoura em vez de espada, o cavaleiro comandava a limpeza pesada. Fruta apontava os detalhes, descobria sujeirinhas, teias de aranha, ninhos de rato, pratos sujos esquecidos em gavetas.

Mas quando disse que era preciso bater na praça os colchões, os criados se revoltaram: era demais! Insone, o Rei andava assustado vendo surgir de dentro para fora um novo castelo, e tornou a ordenar: obedecessem as ordens dela ou marchassem para a prisão! Os nobres acordaram com a pancadaria das vassouras nos colchões, nuvens de pó na praça, um formigueiro de escovões esfregando pisos e paredes e, quando viram, seus próprios colchões já caminhavam sobre dezenas de pernas pelos corredores.

Sem esperar ordens, soldados de outros batalhões começaram também a limpar os alojamentos, brincando como meninos grandes, com guerras de travesseiros, espancando os colchões e batendo cobertas, lavando com água fervente o chão manchado de gordura e vinho, vômitos e barro, até que o cheiro de mofo e azedume sumiu — e, mais cansados e suados que depois duma batalha, cheiraram com gosto o novo ar e deram vivas ao Rei.

No Castelo Real, os nobres trombavam atarantados no meio do terremoto: baldes passavam em fila, tapetes fugiam dos pés, todos os móveis

mudavam, até os espelhos estavam mais brilhantes. O Rei ria como há muito tempo não fazia, sem a careta feita pelo fedor — e pela primeira vez esquecido da música, ouvindo só as vassouras e escovões, as buchas e esfregões, a água e os baldes, naquele cheiro de sabão até mais gostoso que todos os perfumes da corte.

— Vão todos tomar banho — ordenou e nem esperou para ver o espanto dos nobres: ele mesmo se enfiou numa banheira e se esfregou como nunca.

— Que comam frutas — ordenou quando o Cozinheiro-chefe perguntou do cardápio para o almoço.

E todos comeram frutas naquele dia, assustados e surpresos com tantas mudanças. Fruta e Dom Carlos Felipe já não estavam mais à vista: comandavam agora a limpeza das adegas, das despensas, até que, chegaram à cozinha. Os fogões pareciam perdidos no meio do lixo, sacos de mantimentos e pilhas de pratos e travessas de banquetes passados, molhos escorridos pelas paredes esfumaçadas, linguiças penduradas pingando gordura, carnes temperadas por todo lado — e uma prateleira de temperos para cada cozinheiro.

— Tanto lixo, tanto desperdício — Dom Carlos Felipe cismava — Por isso, tantos ratos!

Fruta só tinha conhecido ratos quando menina, até tinha esquecido. Mas agora pulavam das gavetas, fugiam correndo, os mais gordos não achavam onde se esconder de novo.

— Saudade do Castelo do Canto — ela repetia entre vassouradas. Cada barão, cada duque, cada conde tinha um cozinheiro no Castelo Real, e todos cozinhavam para os banquetes, cada um enfeitando mais que o outro os assados e as massas, os molhos e manjares, com especiarias e temperos vindos do mais distante ocidente e dos mais estranhos povos do oriente, junto com receitas tão complicadas que quase sempre era preciso perguntar o que se comia. Vendo as prateleiras de temperos, Fruta lembrou da cozinha do Canto, onde tudo era temperado só com sal e azeite e vinagre ou mel e, no entanto, tudo lá ficava com tanto gosto. Ali no Castelo Real, ao contrário, tudo tinha tanto tempero que, apesar de tantas receitas, pareciam comer um mesmo prato misturado com os restos que os porcos comiam nos cochos.

— Então é por isso — ela entendeu — que arrotam tanto, soltam tanto vento...

Ensinou os padeiros a fazer pão só com farinha, sal e água. Eles protestaram em várias línguas, eram de países distantes, cada um com pães tão diferentes que nem pareciam pães, sem falar nos doces e bolos com que disputavam os aplausos e agrados da corte. Também os cozinheiros, pularam em defesa de suas receitas quando Fruta fez uma sopa simples como as do

Canto, e alguns desmaiaram quando ela disse como as carnes deviam ser assadas.

Enquanto isso, em todo o Castelo Real, os nobres e criados se reconheciam depois do banho: viam-se limpos, os cabelos na cor natural, e até os olhos pareciam ver melhor. Com tanta trabalhadeira e só comendo frutas o dia todo, à noite se sentiam leves e alegres. Normalmente estariam ainda enjoados do almoço, pesados e entediados, e se encheriam de vinho para alegrar o jantar, quando comeriam um pouco de cada um dos muitos pratos e ficariam ainda mais pesados e enjoados. Mas, naquela noite, até os narizes cheiravam melhor e foi com apetite que sentaram à mesa.

Um cheiro estonteante vinha da cozinha, vagava pelo castelo com uma quentura e um sabor de especiarias tão finas que ninguém conseguiu adivinhar quais. Quando os criados trouxeram as primeiras travessas, viram que era apenas cheiro de pão — e nem esperaram pelos assados, comeram com gosto de descoberta e apetite de peões. Então foi a vez do cheiro dos assados invadir o castelo, e antes que tivessem tempo de perguntar que carnes seriam para cheirar assim, chegou a sopa. Nem se lembravam mais que existiam sopas, e de novo comeram como se descobrissem um tesouro perdido; rasparam os pratos, lamberam as colheres e chuparam os dedos. Não se lembravam mais das carnes quando os assados saltaram dos fornos para as mesas e — que surpresa! — eram apenas as galinhas e faisões e coelhos de sempre, no entanto, sem enfeites, apenas dourados pelo fogo e mais saborosos que nunca.

O Rei mandou chamar Fruta, perguntou qual o tempero.

— Só sal, Majestade.

O Rei disse que era o melhor jantar da sua vida, pediu que ela e Dom Carlos sentassem um de cada lado e comessem com ele. Dom Carlos espetou um frango:

— Obrigado, Majestade, tenho mais fome que depois duma batalha __ e comeu com as mãos, com tanto apetite que os outros cavaleiros baixaram os olhos, andavam barrigudos de nada fazer. Fruta sentou e beliscou umas uvas. O Rei insistiu que comesse, mas ela disse que já tinha comido na cozinha, perguntou se podia pedir mais um presente.

— Presentes como este, filha, pode pedir quantos quiser!

Pediu para partir: Dom Carlos Felipe concordava em viver no Castelo do Canto a serviço do Duque da Santa Graça — mas o Rei concordaria?

— Claro — o Rei falou de boca cheia — Mas, antes, não pode cuidar também do almoço de amanhã?

Assim, quando deixaram o Castelo Real ninguém mais arrotava à toa, nem soltavam gases como antes. Mas os ratos já tinha levado a peste aos

porões, e com desencanto Dom Carlos Felipe contou como o coral tinha cantado com febre, alguns até caindo diante do Rei, enquanto os cavaleiros corriam a se trancar nos quartos tropeçando nas espadas...

— Por isso, senhor — ajoelhou diante de Bobuque — coloco minha espada a vosso serviço: sois um homem de honra.

— Pois se honra puder ajudar, meu caro cavaleiro — Bobuque sorria com os olhos — desça com a gente ao vale amanhã, estamos pensando em fazer açudes pra criar mais peixes. Quanto à espada, também podemos usar: o mato está avançando nas plantações.

O Cego pediu para ir junto. Tinha passado o dia ouvindo das crianças a história do castelo, mal acreditava que existisse gente assim mas, enfim, já era tempo de voltar e contar ao bando que assaltar aquilo seria mais fácil que tirar frutas duma árvore. No entanto, ouvindo Fruta contar do Castelo Real, até já sentia remorso: tinha rido como há muito tempo não fazia e, pensando bem, se existissem mais castelos como aquele ali, o reino seria outro e a vida decerto melhor.

Mas, que diabo, agora era preciso sobreviver, o bando esperava lá embaixo com crianças famintas. As crianças do castelo, no entanto, continuaram com tantos agrados e carinho que no fim da tarde ele se irritou:

— Parem com isso! Me deixem em paz.

Então foi a vez das moças perguntarem o que se passava com ele, com agrados e vozes tão suaves que sentiu vergonha. Anoitecendo, foi levado ao refeitório para a janta e, quando ia partindo o pão, sentiu o silêncio dizendo que olhavam para ele.

— Damos graças por mais este dia, este pão — ouviu a voz de uma das mulheres — e também por termos um novo companheiro.

— Quem sabe nos ajude a enxergar o que não vemos — e outras vozes se misturaram já ao ruído dos talheres:

— Pode me ajudar nos teares, não é preciso enxergar para tecer.

— Não: talvez ele goste mais de trabalhar nos moinhos.

— Nem uma coisa nem outra. Eu é que preciso de mais alguém para trançar as redes.

Até que alguém se lembrou de perguntar se ele tinha nascido cego. Contou que não, tinha cegado com a peste, era o único sobrevivente de uma grande família.

— E o que fazia antes?

— Era comerciante.

— Ótimo — o Tesoureiro resolveu — Pode me ajudar: já temos serviço demais para um tesoureiro só.

— Mas — o Cego se perguntou — deixariam a própria tesouraria nas

mãos de um desconhecido? Comeu pensando, e pensando passou a noite, ainda ouvindo na cabeça as conversas e as risadas daqueles velhos que nunca falavam em morte.

Amanhecendo, recebeu um cutucão: era o Tesoureiro. Recitou uma relação de todos os estoques do castelo, perguntou como podiam negociar as sobras da melhor forma:

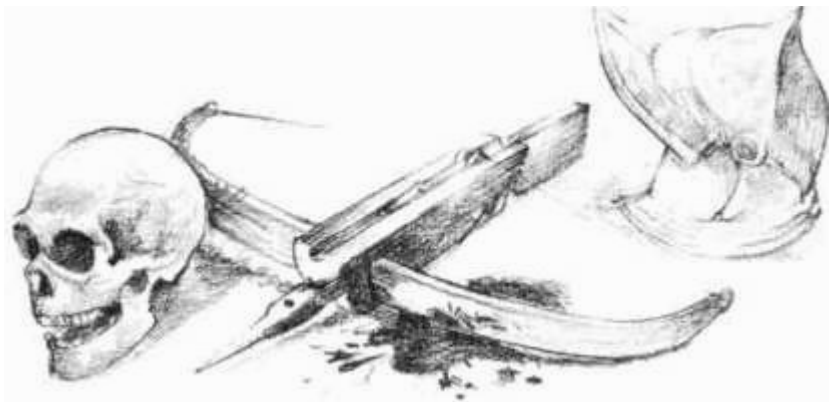
— Bobuque anda preocupado, quer achar um jeito de ajudar esse bando acampado lá no vale.

— Ajudar? Por quê?

— Por que não? — o Tesoureiro cutucou — Hem? Se você foi mesmo comerciante, pode nos ajudar nisso. Pense!

E o Cego ficou pensado até a hora em que a carroça saiu com os homens para fazer os açudes e roçar os matos.

Fazia sol, mas nuvens negras se amontoavam no horizonte.



7. Peste, ódio e guerra

Tudo aconteceu muito depressa naqueles dias.

A peste foi esvaziando o Palácio Real e enchendo as valetas, onde os cadáveres eram queimados ao meio-dia e no fim da tarde. Enquanto isso, o Príncipe armava seu exército. Os bandos de flagelados aumentavam, aldeias inteiras eram invadidas e pilhadas. Mas no Castelo do Canto, depois que a carroça saiu com pás e picaretas, o portão continuou aberto.

Todos os cegos parecem pensativos quando não estão falando, mas aquele estava mesmo pensativo. Não sorriu nem quando Dom Carlos Felipe perguntou a Sábado por que tinham nomes dos dias da semana.

— Pior se fossem os nomes das estações do ano. Eu seria Outono, ia parecer que já nasci casado com Primavera.

Dom Carlos Felipe aproveitou para perguntar a Bobuque quando poderia casar.

— Por que me pergunta? Vai casar comigo?

— Queremos que o senhor nos case.

— Não sou padre. E pra que a pressa?

Sábado e o Poeta, sem parecer que ouviam, não perdiam uma palavra. Mas Bobuque não falou mais nada.

— Com meu filho será diferente, não vai ter um nome qualquer — Sábado puxou as rédeas — Vai ter o nome do pai: Sábado Segundo, claro!

Bobuque perguntou por que de repente todos só falavam em filhos e casamento.

— É uma doença — disse o Poeta — Dá em muita gente: chamam de

amor.

— Me parece mais uma febre chamada paixão — Bobuque olhou para onde Sábado olhava com a carroça parada.

Antes mesmo de chegarem ao vale, já viam que algumas plantações estavam devastadas. Continuaram, e Dom Carlos Felipe achou que precisavam duma guarita ali, com uma sentinela a cavalo toda a noite e...

Bobuque cortou: — E de dia os cavalos trabalharão dormindo?

Sábado falou com respeito mas firme:

— Mas precisamos dar um jeito nisso. Só um bando poderia destruir tanto assim e, se a gente não fizer nada, virão outros.

As plantações estavam cortadas e pisoteadas. Quando chegaram ao ponto escolhido para o primeiro açude, começaram a quebrar e arrastar pedras, e assim não tinha como ouvir os assaltantes se arrastando pelas plantações, gravetos quebrando, cochichos no vento — mas o Cego ouvia. Parecia ainda pensativo, sentado na sombra duma árvore velha mas miúda como um arbusto. De repente saiu da sombra e abriu os braços:

— Venham!

O bando apareceu de todos os lados com cacetes e facas, foices e facões. Os homens corriam urrando, as mulheres e crianças atrás, depois os velhos, como rodas uma dentro da outra, fechando o cerco.

— Fiquem de costas um para o outro! — Dom Carlos Felipe gritou e a espada zuniu saindo da bainha.

Mas o Cego gritou mais alto:

— Parem!

As foices e facões pararam já ao alcance da espada e das pás.

— Parem e escutem! — o Cego mandou já voltando para a sombra da árvore, andando tão certo como se visse. Agachou e disse que não precisavam mais assaltar, tinha descoberto o remédio para todos os males.

Os cacetes e as facas foram baixando.

— E que remédio é esse?

— Trabalhar — o Cego suspirou — Temos de trabalhar.

Não podiam assaltar eternamente. Se o Reino continuasse naquele caos, um dia ninguém mais teria o que roubar para comer. E, se tudo melhorasse, se a peste passasse e a ordem voltasse, um dia acabariam mortos ou presos, o que era a mesma coisa. Além disso, se até então tinham escapado da peste, era bem possível que sobrevivessem. Assim, para que arriscar o futuro? E o castelo precisava vigiar as plantações, não?

Bobuque ouvia ainda assustado e foi Sábado quem respondeu:

— Continue.

Domingo tinha jogado longe a picareta e agora sorria para os homens armados.

— Podemos viver aqui no vale vigiando as plantações — o Cego continuou — se nos derem alguma comida agora e ajuda para erguer umas cabanas.

Bobuque baixou a pá e sentou numa pedra olhando em volta:

— É, uma aldeia realmente iria bem por aqui...

— A terra é ruim mas, bem tratada, dá de tudo — Sábado baixou a marreta, e os cacetes baixaram mais.

— Vocês têm sorte, o inverno ainda está longe e é tempo de colher pra plantar — o Poeta baixou a outra marreta, e os cacetes baixaram de vez, as foices também, e as facas.

Só algumas facas continuavam em riste. Bobuque baixou com o dedo a espada de Dom Carlos Felipe, e os facões e facas também baixaram.

— Fazendo um açude hoje — Sábado ergueu a marreta para continuar o trabalho — podemos trazer peixes.

E marretou uma pedra. Domingo emendou:

— Amanhã podemos fazer um forno, temos bastante farinha.

— Então que estamos esperando? — Bobuque começou a cavar mas alguém pegou a pá:

— Deixe comigo, senhor.

— Não quer buscar mais ferramentas, Dom Carlos? — Sábado continuava a marretar como se o trabalho não tivesse parado.

Bobuque agachou ao lado do Cego:

— Obrigado.

— De quê? — o Cego sorriu — Agradeça à sua própria gente.

— E leve a sua para o castelo até terem casas — Sábado falou entre uma marretada e outra, e Bobuque ficou olhando: já era um homem. Depois ficou olhando Domingo: que homem crescia nele? Trabalhava com a cabeça longe, não tinha medo mas também não arriscava, parecia enfrentar tudo mais com aceitação que com coragem. Quando alguém pegou a picareta dele, foi cuidar dos velhos e brincar com as crianças.

— Foi por pouco — o Cego suspirou — Senti que tudo ficou por um fio.

— Mas facões conhecem pás, e foices conhecem picaretas — Bobuque riu — Não são armas, são ferramentas!

E então choveu, mas Sábado continuou comandando a construção do açude. Dom Carlos Felipe voltou com a carroça cheia de comida e ferramentas. Quando armaram a primeira barraca, o Cego dormiu ouvindo lá fora a espada ceifando mato, as marretas quebrando pedra e aquela gente de

repente rindo de novo.

No dia seguinte, as crianças do castelo conheceram as da Aldeia do Vale, com aquele jeito que as crianças têm de se conhecer: foram se olhando de longe como se não se olhassem e se juntando aos poucos como se não quisessem, até que já eram um só grupo quando, no fim da tarde, Generoso berrou e foram correndo ao portão ver quem chegava. Agora todos já sabiam da mania de sentinela do bode, e os meninos do castelo queriam mostrar aos outros que era verdade. Realmente, lá vinha uma comitiva e, quando chegou perto, as crianças do castelo correram de volta:

— É o padre!

As crianças da aldeia não entendiam, as do castelo se escondiam. Mas viram que o padre estava muito diferente: vinha a pé, olhos baixos, as mãos cruzadas no peito — não como se rezasse, como se tivesse muito frio — e atrás vinha o Arcebispo também a pé, amparado por um soldado que também cambaleava. Quase todos do castelo trabalhavam no vale e, quando as crianças correram contar quem tinha chegado, a Cozinheira continuou amassando massa:

— Podem me prender, podem me bater e me excomungar e até me matar, daqui não saio pra rezar mais nem um minuto.

— Nem eu — o Cozinheiro também continuou com as mãos na massa — Minhas orações são aqui mesmo, o pão nosso de cada dia é este aqui.

As crianças correram até o moinho. O Perneta despejava trigo na mó e os manetas pedalavam moendo. Um se agarrou nas costas do outro e foram até o portão. Padre Arcanjo encostou na muralha e escorregou até o chão. O Arcebispo ajoelhou e o soldado botou a mão na cabeça, cambaleou e caiu. Os manetas deixaram o Perneta e voltaram correndo:

— É a peste!

— Me leva daqui! — o Perneta começou a se arrastar.

— Acudam, pelo amor de Deus — a voz do padre era um fiapo. O Arcebispo rezava tremendo os lábios. Um maneta voltou, o Perneta se pendurou e correram se trancar com as crianças.

— Pelo amor de Deus — o padre repetiu antes de desmaiar. Quando abriu de novo os olhos, Domingo estava ali agachado com uma cuia de água:

— Beba.

— Fuja: é a peste. Domingo sorriu:

— Decida-se, padre: quer ajuda ou não?

Botou o padre nas costas e, de passagem, apontou ao Arcebispo:

— Vê aquela gruta? Vamos lá, o senhor ainda pode andar.

— Quem é você? — o Arcebispo gaguejava — Vem em nome de Deus ou...

— Que diferença faz agora? Vamos.

Levou o padre até a gruta, voltou para pegar o soldado, levou depois uma talha de água e cobertas, voltou ainda uma vez ao castelo e chamou as crianças.

— Fiquem longe de mim e daquela gruta. Avisem que vou ficar com eles, e que deixem comida e água na boca da gruta todo dia. No dia em que eu não sair pra pegar, que ninguém entre lá: joguem lenha e botem fogo. Entenderam?

Sorriu, virou as costas e foi para a gruta. Parecia ir para um passeio, chutou uma pedra, catou uma flor.

Quando voltou do vale, Bobuque ouviu tudo e foi o último a falar:

— Que é que vocês estão discutindo? Não há o que fazer nem devemos fazer coisa alguma, só levar água e comida todo dia — não ouviram o que ele disse? É assim que ele quer.

— Mas, pelo amor de Deus — Sábado não se conformava — ele também pode pegar a peste!

— E você pensa que ele não sabe? Não é mais um menino.

A tardezinha, quando saiu para pegar a comida, Domingo acenou.

— Quer que eu fique com você? — Bobuque gritou.

— Não — Domingo mais falou que gritou — Não estou sozinho.

Anoiteceu, ventava e, na muralha, Sábado e Primavera viam as primeiras lamparinas da aldeia piscando lá no vale. Ouviram pancadas no portão. Abriam, Sexto desabou suado.

— Vim correndo — tomou fôlego — Vim avisar: o Príncipe vai atacar o Reino por aqui.

Contou tudo que tinha visto e ouvido: o Príncipe acabava de armar e treinar um exército, os pelotões já começavam a se juntar em companhias e batalhões, a cavalaria só esperava a ordem para marchar até o castelo.

Naquela noite, só as crianças dormiram. Amanhecendo, estavam todos na praça esperando Sábado trazer do vale o Cego. Ele avançou tateando até o centro da roda, apalpou até achar Bobuque e agacharam juntos.

— Que vão fazer?

— É o que eu ia perguntar: o que você faria?

— Lutar — Sexto falou sem parar de fazer setas para a besta.

— É o que eu ia dizer, senhor — Dom Carlos Felipe olhava a espada gasta de roçar mato.

Bobuque falou doído:

— Lutar? Com quê? Com que soldados? O Soldado endireitou a corcunda:

— Ainda não morri, Duque.

O Perneta pegou a besta de Sexto:

— Vocês não têm outra desta?

— Temos muito azeite pra ferver — o Cozinheiro apontou — E as muralhas são altas...

— Ora — Bobuque se olhou na água do bebedouro, viu em volta da cabeça os abutres do céu — De que adianta lutar se não vamos vencer? Ai não terão mesmo piedade.

— Quem não luta perde sempre, senhor — Dom Carlos Felipe afiava a espada.

— Muito bem, e se vencermos? — Bobuque viu as nuvens negras já tomando metade do céu — Que fazemos depois? Vamos vencer também o batalhão seguinte? E o seguinte? Não foi pra viver em guerra que trabalhei tanto.

— Sinto que devo lutar, senhor — Dom Carlos Felipe embai-nhou a espada — Não serão prejudicados, dou minha palavra de honra: lutarei sozinho fora do castelo.

— Sozinho não — Sexto amarrou um feixe de setas. — Aquela estrada é tão estreita que eles vão ter de passar um por um ou dois a dois. Com sorte, um arqueiro pode parar um batalhão ali por muito tempo.

— Dois arqueiros — o Soldado já olhava os penhascos procurando pontos para emboscadas.

— Se me levarem até lá em cima — o Perneta apontou — posso rolar muita pedra neles — e olhou para os manetas.

— Eu levo você.

— Eu sabia.

Bobuque deu um tapa na água.

— De repente viraram todos cavaleiros?!...

— Quando resolvemos viver em paz — o Cego murmurou — a guerra procura a gente. Era um belo castelo...

— Por que você não busca mais gente pra lutar em vez de ficar resmungando? — Sexto soltou e tentou pegar as palavras de volta — Desculpe, mas é o que sinto.

O Cego ficou balançando a cabeça até decidir:

— Chamem lá os que quiserem lutar.

Logo os homens chegaram com as foices e facões, facas na cinta e cacetes. Dom Carlos Felipe olhava a estradinha serpenteando pela montanha:

— É mesmo, emboscando em vários pontos podemos atrasar o avanço deles um dia ou até dois.

Dava tempo de alguém galopar até uma guarnição do Rei e pedir ajuda.

— Maravilha! — Bobuque falava ao céu — Em vez de deixar a guerra passar por nós, vamos ficar bem no meio da guerra!

Mas Sábado já arreava um cavalo. Um rapaz da aldeia montou e saiu a galope. O Cego pediu as facas e enfiou por baixo da roupa. Bobuque perguntou para quê, o Cego sentou na sombra para esperar:

— Cansei de sofrer as guerras dos poderosos. Talvez eu deva dar ao Príncipe um abraço...

— Você teria coragem de... ? — Bobuque fez uma careta de nojo.

— Quando se tem ódio, meu amigo, não é preciso coragem. Bobuque ficou olhando os moços com uma tristeza de pai traído.

Os velhos continuavam num canto sem saber o que fazer. Fruta encarou Bobuque:

— Entendo que não queira lutar, mas não podemos ficar de braços cruzados.

Mas que podiam fazer? Aprender a lutar depois de velhos?!

— Existe muito jeito de lutar — Fruta olhava os penhascos — A gente pode se esconder nas grutas levando tudo que puder.

A Cozinheira bateu palmas para os velhos:

— Vamos! Não ouviram? — e meteu o pé na porta da despensa — Eles vão conquistar um castelo vazio...

Como formigas, começaram a carregar mantimentos e colchões, roupas e panelas, tudo menos as ferramentas:

— Isso pode ficar — o Poeta resolveu — Não tem valor para eles...

Bobuque perguntou se ele não achava tudo aquilo ilusão ou loucura.

— Acho que não é hora de palavras — o Poeta arquejou levando uma saca nas costas e Bobuque ergueu os olhos para os abutres:

— Seja o que Deus quiser.

— Pois acho que agora Deus quer que a gente lute — Primavera passou com uma cesta de queijos.

Os abutres davam voltas e voltas nos penhascos.

Na gruta, Domingo exercitava a paciência: nada para fazer, nada para ver; na escuridão, só ouvia a respiração e os gemidos dos três doentes. Quando gemiam muito, molhava um pano na cuia de água e espremia na boca de cada um. Às vezes o padre acordava:

— Onde estou, Senhor meu Deus?

— Na terra ainda, padre.

— Quem é você?

— Que importa? Importante agora é descansar.

— Descansarei nos braços do Senhor.

— Antes, beba mais um pouco.

— Não será um anjo, Senhor? Domingos riu:

— Anjos têm asas, padre, e eu tenho as costas doídas. Mas durma: quando acordar, estarei aqui.

— Se acordar neste mundo...

A gruta fedia um suor de febre. O padre tornava a dormir. Acordou depois do anoitecer, a escuridão era ainda mais negra, os outros dormiam quietos.

— Deve ser o purgatório... Perdoai-me, Senhor.

— Estou aqui, padre — Domingos acordava; quando tornava a dormir depois de muito tempo, o Arcebispo gemia, ou o soldado, e assim ele nunca dormia o tempo de ter um sonho completo. Acordava com visões: armas, sangue e, no entanto, flores também.

Amanhecendo, ouviu que o soldado não respirava mais. Colou o ouvido no peito do homem, depois arrastou o corpo para fora da gruta. Quando um dos meninos trouxe comida, pediu pá e lenha, cavou uma cova, queimou o corpo e cobriu de terra. Arfava quando voltou à gruta. O padre gemeu:

— Piedade, Senhor, ele também pegou a peste...

— Ainda não, é só cansaço. As suas chances é que aumentaram, padre; não dizem que de cada três empesteados um se salva? Então: um já foi.

O padre pediu a Deus que recebesse a alma de seu reverendíssimo servo e...

— Quem morreu foi o soldado, padre.

— Pobre homem.

— Realmente: tinha as ceroulas em trapos.

— Deus tenha piedade de sua alma.

— E da sua família.

O padre gemeu, Domingos deu água.

— Quem é você, quem?

— Pode me chamar de Ninguém, padre.

— Mas se o Arcebispo se salvar, fará de você alguém muito importante.

— Já sou muito importante, padre.

— No entanto tão moço... Então é filho de quem? De algum conde?

Domingos ria.

— Então será filho de algum duque? Ou de um barão?!

— Padre, alguém já não disse que somos todos filhos de Deus? Esperou

o padre dormir, foi até a boca da gruta ver a noite chegar. Logo que escureceu, uma estrela cadente riscou o céu.

No Castelo Real, o Rei tinha se trancado num quarto e abriu a janela, viu a estrela caindo. A Rainha correu:

— Feche isso, a peste pode entrar!

— Ora — ele dedilhou um alaúde — já não entrou? Talvez a gente devesse sair daqui. Estrelas cadentes indicam caminhos...

Soldados entravam e saíam do castelo, carregando cadáveres e fazendo fogueiras nas praças. Tinham lenços amarrados no rosto e, assim mascarados, não obedeciam mais aos oficiais e cavaleiros; queimavam os cadáveres por conta própria, e naquela noite começaram a assaltar as adegas do castelo. Depois deram de gritar pelos corredores:

— Morra o Rei!

— Onde estão os cavaleiros? — a Rainha se abanava com fúria. O Rei enfiou salames e queijos num saco, vestiu a roupa de um criado.

— Os cavaleiros, minha querida? Nas camas, claro, ou debaixo das camas — e daí irão para as covas, que é para onde iremos continuando aqui. Vem comigo?

Quando escaparam do castelo, os soldados já revistavam todos os quartos, queimavam móveis e cortinas.

— Alto! Quem vem lá? — gritaram da paliçada.

O Rei e a Rainha se enfiaram num buraco, era cova aberta para receber a cinza das fogueiras. Ficaram ali encolhidos, espantando ratos a tapa. Amanhecendo, os soldados queimaram a paliçada, os dois fugiram pisando em brasas, andaram o dia inteiro, à noitinha cambaleavam abraçados.

Num riacho, um rapaz dava de beber ao cavalo, perguntou do caminho para o Castelo Real. O Rei contou que o castelo incendiava empestado, o rapaz disse que então ia voltar ao Castelo do Canto.

— Você nem pergunta pela vida do Rei? — a Rainha grasnou; toda vez que ela falava o Rei fazia uma careta.

— Ora — o rapaz montou — o Rei nunca fez nada por mim.

O Rei perguntou onde era o tal Castelo do Canto, o rapaz apontou.

— É onde caiu aquela estrela — o Rei se animou — E é pra lá que vamos!

— Cuidado com os bandidos — o rapaz gritou já galopando — Agora o Reino é de ninguém!

A Rainha estava furiosa:

— Por que você não disse quem somos?

— E quem somos? — o Rei bebeu nas mãos — Sem corte e sem castelo, sem cavaleiros nem soldados, quem somos?

— Você não trouxe cálices? Nem ao menos uma caneca?! — ela olhava a água e engolia a sede.

Ele continuou a andar, ela tentou beber depressa com as mãos, a água vazava entre os dedos, ele se afastava, ela deitou e enfiou a cabeça na água, bebeu, foi correndo atrás dele descabelada.

No Castelo do Canto, Dom Carlos Felipe reuniu na praça todos os combatentes e encarou um a um:

— Senhores, é a primeira vez que comando uma tropa sem treino e com tais armas. Mas todo inimigo é, no fundo, um animal: avança se não encontra resistência, recua se tem de pagar caro pra avançar.

— Pagarão caro — Sexto continuava a fazer setas.

— Soldados vivem pra lutar — Sábado resmungou — Nós só sabemos trabalhar, e eles sabem disso.

— Já viram uma cadela defendendo a ninhada? — Dom Carlos Felipe encarava os homens — Terão de lutar assim: com raiva, unhas e dentes!

— Maior será a vingança deles — Sábado resmungava; além de Bobuque, era o único ainda desarmado.

Dom Carlos Felipe repassou os planos, para que soubessem bem o que fazer. Alguém já estava de sentinela no sopé da montanha; dado o alarme, cada um correria para seu posto — e em todas as curvas da estrada armariam emboscadas, provocariam avalanches, queimariam colchões.

— Procurem mais ferir que matar — o cavaleiro ensinava — Um soldado ferido dá trabalho e atrapalha os outros.

Os velhos e as moças já levavam para as grutas até os talheres do castelo. Bobuque andava pelos salões vazios, resmungava sozinho; parecia falar com as paredes. Lá fora, o Carpinteiro, o Ferreiro e o Pedreiro finalmente terminaram um portão de madeira e ferro para o Castelo.

Sexto pegou alguns talheres para fazer mais pontas de setas, Sábado disse que aquilo não estava certo; era a primeira vez que andava assim resmungando, parecia um Bobuque moço.

— Que quer que a gente faça? Entregar tudo? — Sexto se irritava — Dar o pescoço como ovelhas?!

— Por que também não vamos para as grutas? Se acharem o castelo deserto, passarão e irão em frente — Sábado tentava se convencer.

Dom Carlos Felipe sorriu:

— Depois da cavalaria decerto virá um batalhão de infantaria, e deixarão

pelo menos um pelotão no castelo.

— Meu filho — o Cego comia com gosto uma maçã — até eu vejo que o remédio é lutar.

Sábado não falou mais nada, só pediu para ficar de sentinela e desceu a montanha. Lá embaixo ficou de olho na planície, mas Generoso berrou antes que ele desse o alarme: um pelotão de vanguarda vinha pelo vale, e, quando chegou ao sopé da montanha, surgiu do horizonte a companhia de cavalaria. Armas brilhando ao sol, os batalhões foram chegando até que já se via as cores de cada estandarte.

— Muito bem, senhores, chegou a hora — foi só o que Dom Carlos Felipe falou, e todos correram para seus postos, alguns rastejando para não ser vistos. Lá embaixo, escondido atrás duma pedra, Sábado já via até o branco dos olhos do pelotão. Puxavam as rédeas controlando os cavalos para esperar os batalhões.

Sábado sentiu na nuca o bafo de Sexto e ouviu que armava a besta. Os cavalos pateavam em círculos, e Sexto fazia mira quando Dom Carlos Felipe passou e, de passagem, disse que esperassem; foi na direção do pelotão com aquele andar empombado de cavaleiro.

— Onde vai? — Sexto puxou pelo braço — Ficou louco?!

— Sou cavaleiro — e continuou andando como se passeasse. Sábado foi junto. Diante do pelotão, Dom Carlos Felipe parou com a mão na espada embainhada e perguntou donde vinha e para onde ia aquela tropa. Pelas roupas e armas, viu que eram alguns cavalarianos e que só um cavaleiro respondeu perguntando:

— Quem é você?

— Dom Carlos Felipe de Castela y Bourbon Aguillar dos Santos Silva, a serviço do Rei e na defesa do Reino.

— Seu Rei tem os dias contados — os cavalarianos riram mas o cavaleiro continuou sério — Por que não se junta a nós?

— Tenho honra — Dom Carlos Felipe tirou a mão da espada — e tenho também o dever de prevenir que por aqui não passarão. Bom dia, senhores.

Deu as costas ao pelotão, voltando ainda como se passeasse. Sábado voltou andando de costas, viu quando um dos cavalarianos ergueu a lança, ouviu a seta de Sexto zunindo no ar e viu o cavalariano se torcer de dor quando lançava. Dom Carlos Felipe se voltou tirando a espada e o pelotão avançou galopando.

— Meu Deus — Sábado olhou em volta, estava em campo limpo.

— Deus está sempre ocupado nessas horas — Dom Carlos Felipe

apontou a lança fincada ali no chão — Agora, lute!

Os batalhões já estavam em distância de ver a luta, e lá do castelo também viram Sábado correr para a lança e espetar um cavalariano enquanto Dom Carlos Felipe enfrentava a pé o cavaleiro — e mais um cavalariano caiu varado por uma seta. Dom Carlos Felipe derrubou o cavaleiro, Sábado espetou outro cavalariano e Sexto acertou mais um; o último voltou a galope.

A montanha urrou.

— Muito bem — Dom Carlos Felipe falou com o pé no peito e a espada no pescoço do cavaleiro — Diga ao Príncipe que, antes de chegar ao portão daquele castelo, perderá pelo menos metade da tropa. Entendeu?

— Você está louco — o cavaleiro levantou com a pose dos cavaleiros, deu as costas e caminhou sem pressa.

— Apenas dê o recado — Dom Carlos Felipe meteu o pé na bunda do outro, ele tropeçou rolando e mais um urro saiu das rochas.

Dom Carlos Felipe sorriu:

— Entendeu agora?

O cavaleiro deu o recado e o Príncipe entendeu:

— Vão defender essa passagem enquanto alguém foi buscar reforço. Vamos atacar já!

Os cavalarianos feridos ainda se arrastavam de volta quando outro pelotão avançou. Mas não acharam mais ninguém por ali, continuaram avançando, chegaram ao começo da estradinha e, quando tiveram de ir a passo, caíram na primeira armadilha. Setas, lanças, pedras — e voltaram carregando feridos.

— Covardes! — o Príncipe espumava — Temos de estar naquele castelo antes de anoitecer!

Mas, quando a noite caiu, ainda não conseguiam avançar pela estradinha — e aumentavam os gemidos dos feridos. Então armaram barracas e fizeram fogeiras.

— Amanhã — o Príncipe resmungava olhando o castelo — logo que amanhecer atacamos duma vez por todas. E parem de gemer!

Mas os feridos gemiam sem parar e a tropa quase não dormiu naquela noite; eram na maioria soldados novos, nunca tinham visto sangue. Conversavam aos cochichos, ficavam olhando o fogo.

No castelo também não havia alegria. Numa das mesas do refeitório estava estendido o Pedreiro, o pé da perna mais comprida saindo fora da mesa, a perna mais curta ensangüentada. Numa hora de muita luta, quando Sábado se viu sozinho diante de dois soldados, aquele homenzinho coxo tinha pulado duma rocha feito gato selvagem, e só com o martelo lutou contra lança e espada. Agora estava ali deitado, e Sábado deitou também o

martelo sobre a mesa.

— Por que fez aquilo?

— Por quê? — o Pedreiro sorriu pela última vez — Porque me deu um baita trabalho fazer aquele portão, e a primeira coisa que eles fazem quando conquistam um castelo é queimar os portões. Não é?

O homem morreu, Sexto pôs um pão na mão de Sábado, ele disse que não queria.

— Coma, você vai precisar. Eles é que não vão comer desse trigo não.

Sábado disse que ódio não ressuscitava ninguém, o certo era que o Pedreiro ia fazer falta.

— Nunca reclamava de nada, trabalhava alegre.

— Os melhores sempre morrem primeiro — Dom Carlos Felipe chegou com o Carpinteiro — Vamos enterrar agora enquanto temos tempo.

O Carpinteiro também era coxo, só que de outra perna, e falou saindo com o Pedreiro nas costas:

— Tudo bem: ele sempre disse que não queria morrer na cama.

Toda a terra do castelo era plantada, então cobriram o corpo de pedras num canto fora das muralhas. Bobuque fincou uma marreta e ficou olhando a sombra: conforme o sol baixava, a sombra da marreta esticava uma cruz. De repente ergueu os olhos, estava cercado pela gente do castelo e da aldeia.

— Não lutar é o único jeito de vencer — falou cansado, a voz ferida — Devemos nos render antes que seja tarde.

Sábado falou diretamente aos outros:

— Melhor morrer lutando. Eles não vão nos perdoar.

Já tinham lutado contra a fome, o inverno, os coletores de impostos, o padre. Por que pedir rendição agora?

— Deus tenha piedade de nós — Bobuque sussurrou.

— Ou nos ajude — o Poeta preparava bolas de capim dos colchões, lambuzadas de azeite.

— Deus abençoa a boa luta — Fruta cuidava de um ferido — Lute com a gente, Bobuque, que lutaremos melhor.

Mas ele se afastou curvado, envelhecido de repente, arrastando os pés e olhando as sombras.

— Ele já se rendeu — Sábado falou por todos e viu que todos voltavam a seus postos também um tanto rendidos.

O bode Generoso berrou e Nominado, o cachorro de Bobuque, latiu na direção do acampamento do Príncipe. Viram que chegavam mais tropas, mais estandartes, mais lanças e espadas. Logo um cavaleiro com bandeira branca trotou pela estradinha. Foi recebido por Sábado e Dom Carlos Felipe no portão do castelo, anunciou que o Príncipe oferecia vida e liberdade para

todos que se rendessem.

— Você acredita nisso? — Sábado perguntou olhando nos olhos do homem mas ele não encarava.

Dom Carlos Felipe falou de cavaleiro para cavaleiro:

— Responda: acredita?

O homem continuava de olhos baixos.

— Então — Sábado olhou o sol poente — diga ao Príncipe que se prepare para outros dias de luta — e deu um tapa na anca do cavalo, o cavaleiro cavalgou até as barracas espetadas de estandartes.

Anoiteceu e o vento espalhava os gemidos do vale e do castelo.

Na gruta, Domingo acordou suado: tinha sonhado que o Pedreiro ia por um caminho escuro e chamava outros homens do castelo, e o Carpinteiro também ia, sumia na escuridão, depois o Pernetá e os manetas sumiam também, mas então, lá longe, tudo aclarava e um jardim floria.

Padre Arcanjo também acordou assustado:

— Sonhei que o Arcebispo morria. Domingo pegou o pulso do Arcebispo.

— Sonhou certo, padre.

Padre Arcanjo começou a rezar mas logo dormiu de novo. Domingo saiu com o corpo do Arcebispo, abriu outra cova na terra pedregosa, queimou e enterrou. Quando voltou à gruta já ia amanhecendo, estava molhado de suor, só queria descansar mas o padre estava melhor e perguntou com voz firme:

— Por que cuida de mim? Piedade?

— Não sei, padre, sinto que devo.

— A piedade pode ferir mais que o ódio.

Domingo deitou e — Ora, padre, coma alguma coisa e descanse — logo começou a roncar.

Lá fora, a luta recomeçou e, agora, os cavalarianos lutavam com medo, e os do castelo, com ódio. Naquele dia, de emboscada em emboscada, entre pedras e fogo, os cavalarianos avançaram até metade da estradinha, que já parecia a mais longa das estradas: a cada metro, deixavam um ferido; e já brigavam entre os próprios pelotões para decidir quem iria à frente. Dom Carlos Felipe sempre comandava:

— Acertem primeiro os da frente!

Assim, chegou uma hora em que ninguém mais queria ir à frente. Foi preciso o próprio Príncipe escolher:

— Você e você! Senão...

Erguia a espada: naquele tempo, o comandante podia matar os covardes

e desertores a qualquer momento; então avançavam, mas logo voltavam feridos ou mais medrosos ainda. O castelo se defendia queimando colchões e azeite, jogando pedras, lançando setas sem que ao menos vissem donde vinham — e, quando pensavam poder passar, surgia Dom Carlos Felipe com a espada, Sábado com a lança e mais algum daqueles aleijados mais ferozes que feras.

Mas mais um cairia naquele segundo dia: o Carpinteiro, com uma lança nas costas, rolou pela ribanceira abraçado com dois soldados.

No terceiro dia foi a vez do Ferreiro. Era muito velho, lutava botando fogo no azeite que jogavam das rochas, rastejando e se esgueirando com um archote. Até que chegou perto demais, foi pateado por um cavalo, pisado e queimado no próprio fogo, mas os soldados não avançaram mais naquele dia:

— Lutam como demônios, disseram aos oficiais.

E tiraram a sorte para decidir quem diria ao Príncipe:

— Talvez, Majestade, seja melhor mudar de tática... Eles lutam como demônios!

— São só velhos e aleijados! — o Príncipe chutava tudo em redor — Digam à tropa que terão de prêmio o soldo de dois anos!

Mas no quarto dia ainda não conseguiram chegar ao portão do castelo. No entanto, foi a vez do Perneta e dos manetas: na última emboscada, rolaram pedras e mais pedras até não poderem mais recuar, os soldados já estavam entre eles e o portão. O Perneta estava ferido na única perna e os manetas nos únicos braços. Morreram lutando os três juntos, de costas coladas, emboladas em sangue e azeite.

Nesse dia também morreu lutando Nominado, o cachorro de Bobuque. Desde o começo andava dividido: não sabia se seguia Bobuque, se ia lutar também. Quando decidiu, lutou ao lado de Sábado, morreu trespassado por lança e pisoteado por cavalos — e os atacantes de novo recuaram.

Bobuque foi até lá, tirou a lança do cachorro e ficou com ela. A notícia correu entre os homens da aldeia — O Duque vai lutar! — e cada um se firmou mais nas pernas e nas armas. Os novos ataques foram repelidos com fúria, e mais nenhum atacante passou além do corpo de Nominado: ele ficou onde tinha caído, com um sorriso que nem parecia morto.

Vários homens da aldeia também estavam mortos ou feridos. Os velhos músicos passavam os dias juntando pedras para as sepulturas. Quando o bode Generoso dava o alarme, subiam na muralha, cada um com uma pedra na mão. O Cego continuava sentado num canto afiando as facas. O Cozinheiro pediu alguma pedras para fazer um fogão no alto da muralha, bem em cima do portão: os primeiros soldados a entrar no castelo passariam

por um banho de azeite quente, e depois ainda teriam pela frente barricadas que Sábado inventou de erguer na praça.

Dia a dia, Sábado ia virando o comandante, e agora até Dom Carlos Felipe obedecia a suas ordens, mesmo porque não ordenava, perguntava o que achavam disto ou daquilo e, quando viam, estavam fazendo o que ele tinha perguntado.

— Mas amanhã — o Poeta falou para si mesmo — vai ser o último dia.

Aconteceu, porém, que naquela noite um homem e uma mulher, com pés feridos e olhos fundos, bateram no portão da frente. Da muralha, Sábado perguntou quem era e uma voz cansada mas firme respondeu:

— É o Rei.

Era também um outro homem: agora, falava com a autoridade do sofrimento, e foi assim que, depois de comer, ainda em trapos como um mendigo, foi ver as sepulturas e falou que não precisavam mais lutar. Enquanto comia, tinha ouvido de Dom Carlos Felipe a história e a luta do Castelo do Canto, e agora precisava encontrar com o Príncipe para acabar com aquela guerra:

— O Reino não existe mais, estão lutando por nada.

Contou da peste, do incêndio do castelo, as aldeias arrasadas, o caos.

— Se ele quiser, que me mate e fique com o que restou... Que ninguém mais morra pelo Rei ou contra o Rei.

— Digam que ele está errado — a Rainha suplicou. — Que viva o Rei!

— Ele está certo — Bobuque falou pela primeira vez naqueles dias.

Para Dom Carlos Felipe, seria como quisessem; mas para Sexto não:

— Não lutamos pelo Reino mas pelo castelo, senão nos destruirão.

Para Bobuque, já estavam se destruindo. Para o Cego, não havia como sair daquela situação: mesmo que se rendessem, os soldados decerto iam querer vingança. A Rainha, então, lembrou do que tinham ouvido na viagem: a infantaria do Príncipe tinha atacado as guarnições da fronteira mas, diante da peste, recuaram e se dispersaram. Pela primeira vez o Rei ouviu a Rainha com atenção e pensou em voz alta:

— Então esse era o plano dele: atacar em duas frentes pra nos pegar pelas costas... Será que ainda não sabe dessas notícias?

Naquele mesmo momento, o Príncipe recebia as notícias. Planejava o ataque da manhã seguinte quando um mensageiro chegou. Ele leu a mensagem e, sem dizer nada, passou o papel aos oficiais. Todos leram e ficaram esperando, até que um tomou coragem:

— Então recuamos, Alteza?

— Até agora me chamava de Majestade, não?

— Desculpe, Majestade, mas recuamos?

O Príncipe quase sufocou engolindo a raiva:

— Recuar?! Agora que temos pela frente só esse castelo de coitados? Não leram a mensagem? Não tem mais defesas o Reino!...

— Mas tem a peste, Majestade...

O ódio brilhou nos olhos do Príncipe:

— Pestes passam, os fortes ficam. Estão com medo? Naquele tempo, acreditavam que um homem de verdade nunca devia ter medo, muito menos os cavaleiros; então todos se calaram de olhos no chão. Só um arriscou:

— A tropa tem medo, Majestade. Dizem que, se apenas pra chegar à muralha sofremos tanto, quanto mais pra entrar no castelo...

Muitos já teriam desertado — garantiram os oficiais — se não fossem tão leais ao Príncipe, e decerto só atacariam comandados pelo Príncipe em pessoa.

— Eu na frente do ataque? Estão loucos?! Não sabem que num ataque assim os da frente quase sempre morrem?

— Mas era uma promessa, Majestade, não? Sempre disse que comandaria o ataque.

Encararam o Príncipe e ele lembrou que, sim, claro, comandaria o ataque ao Castelo Real! — não a um castelinho à toa no meio do caminho...

— Mas, Majestade, as notícias não dizem que esse castelo é agora a única defesa do Reino? É como atacar o Castelo Real...

O Príncipe acabou com a reunião, disse que precisava descansar para comandar o ataque assim que saísse o sol. Mas passou a noite de olhos abertos e, sem perceber, começou a rezar.

Antes do amanhecer, o Rei tomou banho e vestiu roupas de Dom Carlos Felipe. Magro e mais forte, sofrido e decidido até nos mínimos gestos, agora parecia mesmo um rei e saiu pelo portão com o cavaleiro de um lado e, do outro, o Poeta com um pano branco amarrado numa vassoura.

O Príncipe piscou várias vezes quando viu o irmão:

— Você? Mas você...

— Eu mesmo, no comando do Exército Real. Tuas tropas já fugiram na fronteira do rio, sabe?

O Príncipe balançou a cabeça boquiaberto; sabia, sim. Mas o que fazia o próprio Rei ali?

— Então me reconhece Rei. Melhor. Mas vamos ao que interessa. O que meu irmão prefere: rendição e meu perdão ou continuar essa guerra? Vejo que contra velhos e aleijados não levou muita sorte...

O Príncipe mordida os lábios.

— Hem? Decida-se, homem: se quer ser Rei, aprenda a decidir!

O Príncipe olhou seus oficiais, todos baixaram os olhos.

— Pela última vez: decida-se, homem! Ou pegue a espada ou se ajoelhe!

Os conselheiros do Príncipe ajoelharam, os oficiais também. Todos os outros cavaleiros, sem saber o que acontecia mas acostumados a obedecer, ajoelharam também, e também os cavalarianos.

— Viva o Rei! — o Poeta gritou e todos ecoaram:

— Viva o Rei!

O Príncipe ajoelhou, o Rei estendeu a mão:

— Meu perdão, meu irmão. Vamos viver em paz. O Poeta olhou os cadáveres em volta:

— E eles?



8. O sol

Os mortos foram levados nas carroças e enterrados no vale. Quando saíram da gruta, padre Arcanjo e Domingo viram as carroças na estrada e o padre foi atrás. Andava como outro homem e sorria com novo olhar. No vale já tinham aberto uma vala e, quando os corpos foram enfileirados no fundo, o padre pegou uma pá e começou a jogar terra.

Bobuque ofereceu outra pá ao Príncipe.

Era muita terra e, quando acabaram de encher a vala, o suor grudava no corpo a batina do padre, o Príncipe arquejava com dor nas costas.

Alguém perguntou se o padre não ia fazer um sermão.

— Já fiz, com a pá — e foi ajudar Domingo a cuidar dos feridos.

Bobuque continuava de ombros caídos, vagava o olhar pelas coisas como se nada visse. Sábado convidou:

— Vamos?

— Hã? Onde?

— Vamos!

— Fazer o quê?

— Viver!

E a vida continuou no Reino.

A peste passou, o Rei voltou ao Castelo Real. Por onde passava, via

desordem e fome mas prometia que um novo tempo ia começar.

— Trabalhem, plantem. Enquanto não tiverem de sobra, não mais pagarão impostos.

Os camponeses e aldeões viam o Rei comer como eles, com o prato nos joelhos, e olhavam o homem com outros olhos. Quando ele perguntava da terra e das sementes, dos animais e moinhos, respondiam que sim, tornariam a plantar mais que antes, tinham poucas sementes, muitos cavalos tinham virado sopa nos tempos de fome e de peste mas, claro, algumas éguas já estavam barrigudas e, quando os potros tivessem crescido, as novas colheitas já dariam mais sementes para plantios maiores.

No Castelo Real, o Rei viu que os armazéns ainda tinham muito trigo, mandou distribuir pelo Reino.

— Que plantem antes que os ratos comam. E os cavalos que levarem as carroças ficam emprestados para arar a terra.

— Ficaremos sem cavalaria, Majestade! — os conselheiros se alvoroçaram.

— Sem plantar — o Rei agora ouvia mais o povo que os conselheiros — sem plantar ficaremos sem pão. O que é pior?

Chamou o Príncipe.

— Tenho uma missão para você: acabar com os ratos, ou vão acabar roendo o Reino.

— Mas como acabar com tantos ratos?

— Lutando — da janela, o Rei apontou os acampamentos dos soldados — Como numa guerra, com todos os soldados. Até a vitória!

De aldeia em aldeia, de casa em casa, em toda cabana e todo paiol os ratos foram combatidos pelos pelotões do Príncipe. O povo gostou e ele também começou a gostar daquela guerra. Quando voltou ao Castelo Real, meses depois, era aclamado por onde passava e foi recebido com festa. O Castelo Real já revivia, embora com uma corte muito menor: agora o Rei dava trabalho a todos, e os duques iam cuidar dos seus ducados, os condes ajudavam os duques, os viscondes ajudavam os condes, as plantações cresciam e os rebanhos engordavam.

As caravanas de comerciantes voltaram ao Reino, as tabernas se enchiam e os mercados se agitavam, feiras surgiam da noite para o dia. Corria pelos outros reinos a fama de um Rei que pouco cobrava e nada atrapalhava, então muita gente mudou para o Reino trazendo ferramentas e animais, novas sementes e conhecimentos. Em menos de um ano, a peste estava esquecida, os ratos vencidos e a vida renovada em todo o Reino.

O Rei passou em revista o Castelo Real. Tudo funcionava ao comando de Fruta, agora Duquesa da Graça. Desceu aos porões: onde eram as prisões, agora pousavam comerciantes e mercadores. Na praça, Dom Carlos Felipe treinava jovens soldados; todos tinham se alistado por vontade própria, queriam servir ao Reino — e a todos o cavaleiro ensinava a manejar vassouras antes de lanças, e ancinhos antes de espadas.

— Viva, o Rei! — aclamavam.

— Vivam, vivam! — o Rei respondia.

Uma carroça de atores e músicos entrou na praça e ele sorriu ao ver como o povo se alegrava. Os atores davam piruetas, faziam graças, os músicos tocavam passeando pela praça, e o povo foi atrás em passeata.

O novo bispo era um padre que, diziam, depois da peste tinha mudado muito, tanto que agora os padres visitantes viviam nos conventos cavando hortas, enquanto outros cuidavam dos doentes e animavam os pobres do Reino; assim o povo perdia o medo, dançava e cantava como nunca antes. Tinha até aparecido uma nova ordem de frades, vestidos como gente e vivendo entre todos. Bispo Arcanjo sempre lembrava aos velhos padres que esses novos frades eram tão dedicados ao povo que até o nome do fundador da ordem era Domingo ou, em latim, "dedicado a Deus":

— E o povo é filho de Deus, não?

Os padres se calavam, mas logo voltavam com notícias: sabia o Bispo que os tais frades trabalhavam como qualquer camponês, mesmo no dia dedicado ao Senhor?

— Ora — o Bispo repetia — o domingo foi feito para a gente, e não a gente para o domingo.

Agora, até o Rei trabalhava: todos os dias dava audiências, ouvia e resolvia, aconselhava e decidia. Um dia, chamou Dom Carlos Felipe e decidiu:

— Vamos fazer uma visita.

No vale do Castelo do Canto, a aldeia crescia entre os açudes e as plantações. A vala dos mortos já era um jardim florido.

Generoso berrou e Sábado subiu na muralha, viu o Rei e o Bispo montados e sem escolta, atrás iam apenas Fruta e Dom Carlos Felipe. Na praça, os rapazes reconheceram o Bispo e, primeiro, pensaram em se esconder mas depois resolveram ir a Bobuque:

— Se ele quiser que a gente reze, vamos fugir.

Mas o Bispo só rezou no refeitório, antes de comer; depois disse ao Rei que espantava ver como tinham crescido aquelas crianças.

— Não somos mais crianças — uma das moças ergueu o queixo.

— Respeite o Bispo! — Bobuque esticou o dedo e ela levantou:

— Por que, se até hoje só trouxe problemas?!

Saiu da mesa, outra saiu atrás dela e um dos rapazes foi junto.

— É verdade — o Bispo baixou a cabeça, o Rei também.

O Cego riu baixinho, Bobuque pediu desculpas, disse que aquelas crianças eram mesmo um problema; viviam reclamando do trabalho, nem pareciam crescidas no castelo.

— Não queremos viver só pra trabalhar — disse um dos rapazes.

— Dizem, Majestade — outro arriscou — que gosta muito de música.

O Rei confirmou, ouvia música quando tinha tempo. O rapaz disse que também gostava mas, ali no castelo, não tinham nem tempo nem instrumentos, nem mesmo professores: os músicos eram surdos.

— Venha viver no Castelo Real — o Rei ofereceu e o moço agradeceu: não, logo estaria em idade de serviço militar.

— Prefiro viver aqui ouvindo cabras do que acabar lá limpando latrinas e marchando feito idiota.

— Respeite o Rei! — Dom Carlos Felipe quase pulou na cadeira.

Ficou um silêncio de engasgar mas o Cego soltou uma risadinha:

— É verdade, Majestade. Na aldeia os jovens também não gostam de viver como não querem, sabia?

O Poeta brindou:

— Aos jovens! Para a juventude, todo futuro é pequeno. Sexto não brindou.

— Eu gostei de lutar pelo Reino. Lutaria de novo.

— Venha para o Castelo Real — o Rei arriscou — Será cavaleiro. Sábado reclamou que precisavam de braços:

— Temos mais bocas pra alimentar agora, e logo vamos ter de pagar mais impostos. Por falar nisso, Bispo, quanto custam três casamentos?

— Para vocês, nada — o Bispo sorriu mas engasgou com a pergunta de Sábado:

— E por que não é grátis para todo o povo? E por que, Majestade, os que mais trabalham são os que mais pagam impostos? E por que o serviço militar tem de ser obrigatório?

O Rei abriu a boca para responder mas tornou a fechar. O Cego riu:

— Vê Majestade? Não é fácil ser Rei de gente assim.

— Mas lutaram por mim — o Rei perdia o olhar no prato — Lutaram por mim.

— Ora, lutamos por nós — Sábado resmungou.

— Luta mais dura, Majestade — o Cego sorriu como se falasse outra coisa — luta muito mais dura é tirar o pão da terra, devia ver pra crer. Não podemos deixar de pagar impostos por mais alguns anos?

Fruta também riu:

— Eu não queria ser Rei... Bobuque suspirou:

— Nem eu quis jamais ser duque. Lutamos contra o medo, o frio, a fome, o ódio, a peste, a guerra — mas parece que ainda temos muitas batalhas pela frente...

Um facho de sol entrou pela janela.

— Quando foi que não tivemos de lutar? — o Poeta ergueu a caneca — Cada dia é uma batalha, mas o sol ainda é grátis para todos!

E brindou:

— Ao sol!

As sombras sumiram das caras quando todos brindaram. Afinal, nem sabiam mas estavam ainda mais ou menos lá pelo meio da Idade Média e tinham muita história pela frente: agora sabiam que, depois de tudo, tudo ainda podia acontecer — e aí é que estava a graça.

AUTOR E OBRA



Foto: Rosane Andrade

Viver é lutar. Nascemos chorando e logo choramos para mamar. Temos sempre de conseguir o que realmente queremos, lutando com as armas que temos e como podemos. Mas quanto menos queremos, mais perto estamos de vencer nossas próprias ansiedades e carências. A vida decerto seria bem melhor se todos quisessem apenas viver em paz, sem no entanto abrir mão daquilo que chamamos dignidade — que é como Cecília Meireles define liberdade:

*Liberdade — essa palavra
que o sonho alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!*

Assim Domingos Pellegrini vê *As batalhas do castelo*, sua segunda novela pela Editora Moderna — a primeira, *A árvore que dava dinheiro*, foi lançada em 81 e, desde então, tem tido sucessivas edições com bastante rapidez. Apesar das diferenças de tempo e espaço (uma se passa numa cidadezinha do Brasil recente, outra na Europa medieval), ele vê semelhanças entre as duas novelas.

Na "Árvore", as personagens que não se envolvem na febre de dinheiro e consumo que domina a cidade são justamente os marginais: um açougueiro, que só come peixe e nem pensa em dinheiro, um bêbado, que se retira enojado, e uma velha serviçal, que também se vai sem nada querer nem pedir a quem serviu toda a vida. Eles só voltam a se encontrar depois que tudo passou. São heróis que lutam através da renúncia aos valores materiais e vivem felizes apesar de pouco ou nada terem.

No "Castelo", novamente os heróis são marginais: doentes, condenados, órfãos, aleijados, todos liderados por um bobo feito duque por um rei caduco — de quem recebe de herança um castelo abandonado. Da mesma forma, na "Árvore", o velho avarento deixa as sementes das árvores de dinheiro. E tanto numa como noutra história, são raras as personagens com nomes próprios. Todos são conhecidos pelas suas funções — o açougueiro, o pedreiro, o carpinteiro. Assim fica claro que são mais que tipos, são protótipos, personagens de fábulas: uma sobre o dinheiro e a felicidade, outra sobre as lutas e os direitos.

No "Castelo", as armas com que lutam são o trabalho, o companheirismo, a paciência, o perdão, a vida sadia, para vencer inimigos como o medo, o frio, a fome, a opressão, o ódio, a peste, a guerra — flagelos do Apocalipse que rondam a Humanidade ainda hoje.

Nascido em 49, em Londrina, Pellegrini foi professor, jornalista, e hoje é publicitário. Escreveu livros de contos e novelas: *Paixões*, *Os meninos crescem* e *Terra vermelha* (a publicar).

Buscando uma língua "mais simplificada, mais de acordo com o que se fala", Pellegrini modifica a regência de muitos verbos, não usa pronomes oblíquos, desrespeita algumas regras de pontuação, submete a linguagem a formas próprias do autor. E justifica: "Um escritor, como qualquer pessoa, não apenas herda uma língua do seu povo: escrevendo, vai encontrando uma linguagem própria, a sua versão da língua. A princípio, pode ferir alguns ouvidos e atropelar algumas regras, mas é assim que as línguas se renovam e vivem".